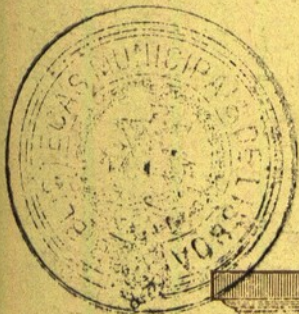
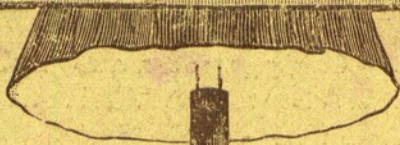


COMPRA
- ABR. 1910

SERÕES



REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA

SUMMARIO

PRIMAVERA. — UTILISAÇÃO DA FORÇA DO SOL. — TENNIS PLAY. — CONTRASTES. — DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — A FLOR DA ROSA. — O RAPTO DE LOLA. — SANTA ADOZINHA. — TRAGEDIA EM NAPOLES. — A RESURREIÇÃO DE CHRISTO. — MODAS. — VARIEDADES.

VOL. 1

ABRIL — 1901

NUM. 2

SUMMARIO

	Pag.
PRIMAVERA. — <i>Com 7 gravuras, copia de quadros e illustrações</i>	65
UTILISAÇÃO DA FORÇA DO SOL. — <i>Com 2 gravuras</i>	71
TENNIS PLAY. — <i>Por TEIXEIRA DE QUEIROZ. — Com 5 gravuras, sendo 4 desenhos de A. Benarus</i>	73
CONTRASTES. — <i>Com 3 gravuras, desenhos de Pinto Leal</i>	79
DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — <i>Por ANTONIO ENNES. — Capitulo II — ADEN, O GUARDAFUI, O MAR DAS ÍNDIAS, ZANZIBAR, — Com 9 gravuras, reproduções de photographias, e assignatura autographa</i>	81
A FLOR DA ROSA. — <i>Por TH. LINO D'ASSUMPCÃO. — Com 5 gravuras, copias de photographias e assignatura autographa</i>	98
O RAPTO DE LOLA. — <i>Conto phantastico. — Com 5 gravuras de illustração</i>	103
SANTA ADOZINDA. — <i>Novella rustica por ABEL BOTELHO. — Capitulo II — Á BRAZEIRA — Com 3 gravuras, desenhos de A. Benarus</i>	109
TRAGEDIA EM NAPOLES. — <i>Mysterio da Historia. — Com 6 gravuras de illustração</i>	116
A RESURREIÇÃO DE CHRISTO. — <i>Preludio para piano do Oratorio de Don Lorenzo Perosi. — Com 1 illustração de Pinto Leal</i>	124
MODAS. — <i>Com 4 illustrações</i>	127
VARIÉDADES. — <i>A RAINHA ALEXANDRA, MEMENTO ENCYCLOPEDICO, NAVEGAÇÃO AEREA, FHOGRAPHIA PRATICA, PROBLEMAS. — Com 7 gravuras</i>	IX

57 GRAVURAS

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes em qualquer outra terra do paiz poderão inscrever-se por:

Series de {	3 numeros	600
	6 numeros	1\$200
	12 numeros	2\$200

remettendo á administração dos **SERÕES**, em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente* ou por intermedio dos correspondentes da empresa.

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo de cobrança pelo correio.

LIVRARIA FERIN

FUNDADA EM 1840

Premiada em diversas exposições, inclusivé na Universal de 1900 com MEDALHA D'OURO

Fornecedora da Casa Real

Repartições do Estado, Escolas, Direcções das O. Publicas, etc.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS

ANTONIO VIANNA

Apontamentos para a Historia diplomatica Contemporanea — **A revolução de 1820 e o Congresso de Verona**, I vol. 700

FERNANDO MAYA

A tactica das tres armas, I vol. 1\$000
Da Cavallaria, sua missão estrategica e tactica, I vol. 1\$500

NO PRÉLO

ANTONIO VIANNA — **TOBIAS**, versão do canto biblico, em verso decasyllabo, com illustrações de COLUMBANO

Henryk Sienkiewicz — *Quo Vadis*
» » *Par le fer et par le feu*
» » *Basteck le victorieux*
» » *En vain*
» » *Sans dogme*
» » *Hania*
» » *Suivons-le*
» » *Chevaliers de la Croix*

Gauthier — *Année Scientifique.*
Hospitalier — *Formulaire electricien.*
Hourst — *Notre marine de guerre.*
V. Hugo — *Lettre à la fiancée.*
Zola — *La vérité en marche.*
Coppée — *Dans la prière et dans la lutte.*
Edmond Demolins — *Comment la route crée le type social.*

ASSIGNATURA DE TODOS OS JORNAES EXTRANGEIROS

Officinas de Typographia e Encadernação

Onde se executam todos os trabalhos, desde o mais simples, até ao mais luxuoso e artistico

Exposição permanente de instrumentos de precisão, das principaes casas

L. P. CASELLA (LONDRES), OTTO FENNEL (CASEL), SECRETAN (PARIS)

PAPEIS E MAIS ARTIGOS DE DESENHO

Unico agente em Lisboa do

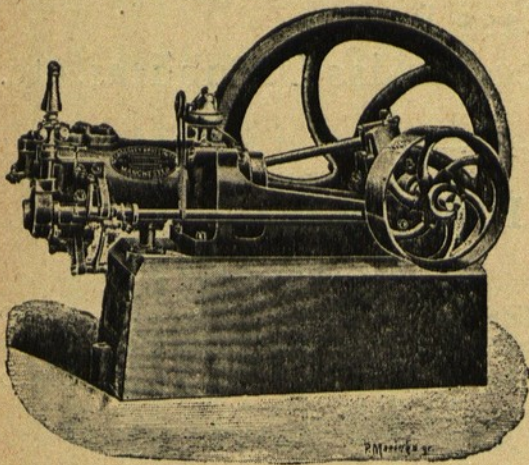
«**AUTOCOPISTE NEGRO**», o melhor até hoje conhecido para copias

70 — Rua Nova do Almada, 74 — LISBOA

Carlos Corrêa da Silva

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES



MOTORES A GAZ
CROSSLEY

MACHINAS A VAPOR

MATERIAES
PARA
TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA

Tintas de imprensa de CH. LORILLEUX & C.^{ie}

PITTA, CAMISEIRO

ENXOVAES COMPLETOS

Artigos de novidade
para homem

195, RUA AUGUSTA, 197
LISBOA

PINHEIRO & SOBRINHO

ALFAYATERIA

Rua de S. Julião, 83 a 87

GRANDE SORTIDO

DE

FAZENDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

CONFECCOES PARA HOMENS E CRIANÇAS

*Encarregam-se de todos os trabalhos do seu genero
garantindo a sua perfeição*

Rua de S. Julião, 83 a 87
LISBOA

A PHENIX

RUA DO PRINCIPE

Edificio do Avenida Palace

LISBOA

TABACOS NACIONAES E ESTRANGEIROS

Variado sortimento de objectos para brindes

PERFUMARIAS

ARTIGOS PARA FUMADORES

TABACARIA MARQUES

RUA DO OURO, 152

SEMPRE NOVIDADES!

Bolsas para tabaco e dinheiro.
Cigarreiras e Charuteiras, de cabedal e metal.
Bilheteiras e Carteiras, ultimos modelos.
Cachimbos d'ambar, espuma e raiz.
Boquilhas, legitimo ambar amarello e preto.
Boquilhas hygienicas Marques, com deposito
para nicotina.

Revistas navaes, militares, theatraes e modas

Obras litterarias e romanticas

SASSETTI & C.^A

EDITORES DE MUSICA

LISBOA – 56, Rua do Carmo, 56 – LISBOA

ESTABELECIMENTO FUNDADO EM 1 DE JANEIRO DE 1848

UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL

DOS EDITORES

G. RICORDI & C.^{IE} DE MILÃO

HEUGEL & C.^{IE} DE PARIS

E

SCHIEDMAYER & SOHNE, DE STUTTGART – FABRICA DE PIANOS FUNDADA EM 1781

GRANDE SORTIMENTO DE PIANOS

DOS

PRINCIPAES FABRICANTES FRANCEZES E ALLEMÃES

Orgãos francezes e americanos

ALUGAM-SE, AFINAM-SE E CONCERTAM-SE PIANOS

Enorme sortimento de musica nacional e estrangeira das principaes casas editoras da Allemanha, Belgica, França, Hespanha, Inglaterra, Italia, Russia, etc., etc.

Metronomos, chaves de afinar, almirés, isoladores para pianos, rolos para musica e muitos outros artigos proprios d'este ramo de commercio

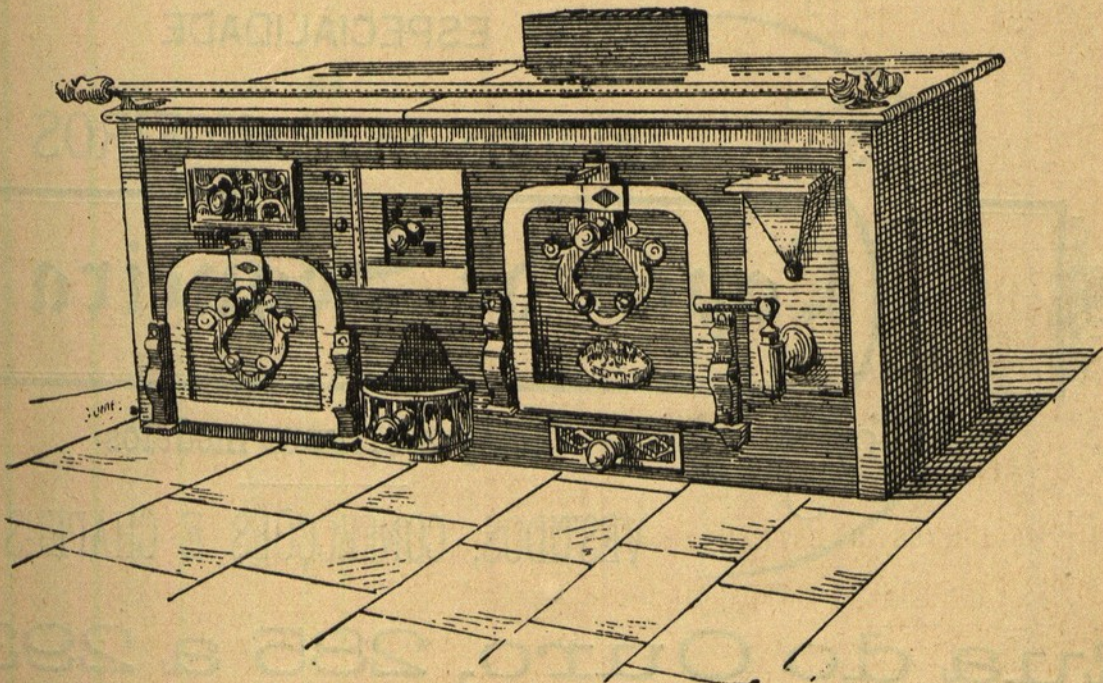
Encarregam-se de mandar copiar ou transportar qualquer musica

VENDAS A PRESTAÇÕES

MANUFACTURAS DE FERRO, COBRE E BRONZE **MANUEL PATRONE**

Executam-se todos os trabalhos de serralheria civil e mechanica, montagem de aparelhos para gaz acetylene e outros e de electricidade

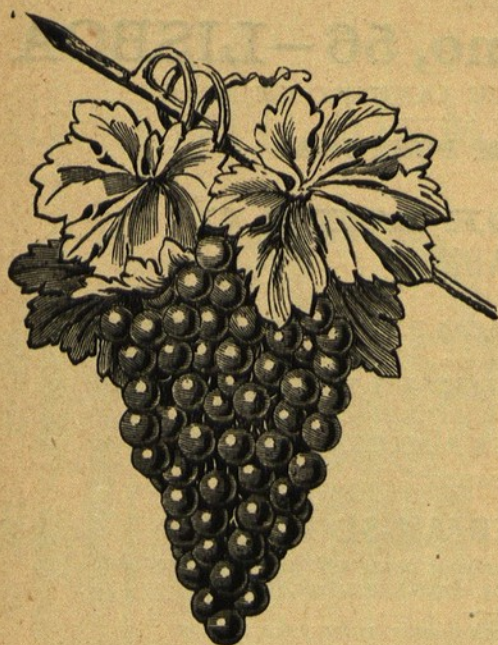
ESPECIALIDADE EM FOGÕES CIRCULARES E FOGAREIROS ECONOMICOS



Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz

RUA DE S. PAULO, 109

CEPAS AMERICANAS



Enxertos

Barbados

Estacas

SELECCÕES PERFEITAS

MALLEU, BARNEDA & LLONCH

Figueras (Gerona) — HESPAÑA

Representação para Portugal: — COMPANHIA CENTRO AGRICOLA INDUSTRIAL — LISBOA
21 A 31, RUA DO ARCO DO BANDEIRA

ESTABELECIMENTO FUNDADO EM 1874

ESPECIALIDADE

EM

TECIDOS ESTRANGEIROS

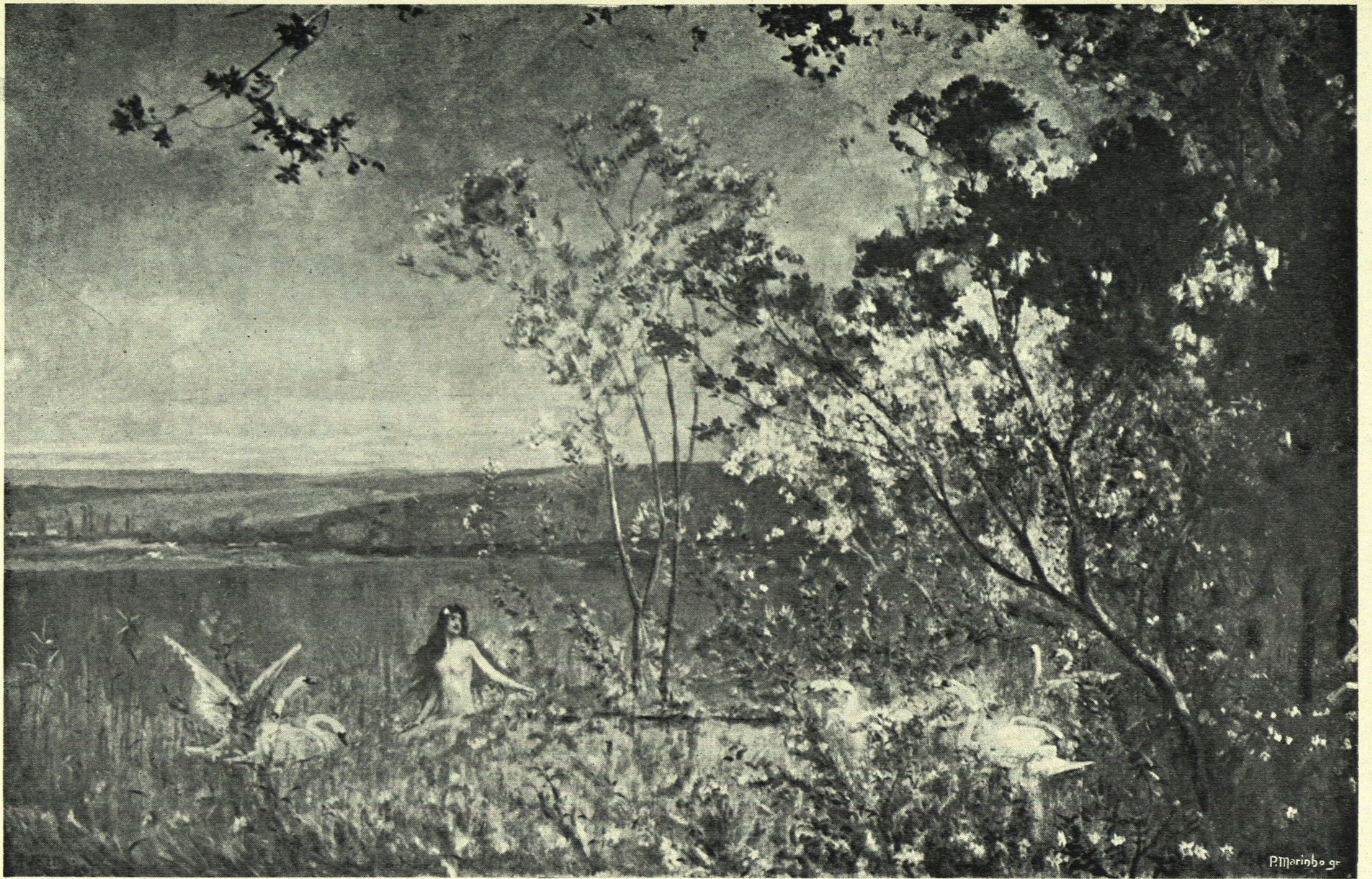
Lopes de Sequeira

Semp e ultimos modelos

VESTIDOS, CONFECCÕES E CHAPEUS

Rua do Ouro, 285 a 293

LISBOA



P. Marinho gr

UM IDYLLIO DE PRIMAVERA — QUADRO DE ALFREDO EAST.



A PRIMAVERA

EM todos os tempos, o espirito sonhador e contemplativo dos artistas procurou transportar para a tela, immobilisar na escultura ou revelar no verso, em polyphonias de côr, em cadencias rythmicas ou em allegorias de composição complexa, a visão íntima do aspecto que a natureza descobre e prodigalisa no periodo de renascimento intenso, á entrada da primavera.

Ao sabor das tendencias individuaes, ou das suggestões deterministas de cada epoca, consoante a educação intellectual ou a propria emoção affectiva, forão realisando n'este capitulo de arte a expressão sensível do Bello sob duas modalidades principaes, a allegoria ou a paisagem, tentando traduzir em ambas o encanto perturbador, a graciosidade delicada d'uma promettida exuberancia que define a primavera, mocidade irradiante da terra, expansão da força creadora.

Renovando a memoria dos mythos primitivos, na singeleza da sua significação ou na ingenuidade da primeira crença, plena de receios, conservando o respeito das tradições, os artistas, para as representações da primavera, crystalizaram n'aquellas duas formulas; de sorte que as composições semelham-se sempre, reproduzem-se apenas com pequenas variantes, em todas as epocas, n'uma larga concepção pantheista, corporisando na gentileza d'uma mulher nova, ou d'uma criança, o ideal primaveril, symbolizandonas flores e nas roupagens leves, n'uma atmospherá limpida e en-

tre verduras suggestivas a transparencia indefinível das manhãs d'abril, ainda esfriadas pelos degelos, trazidos em pequeninas gotas que o effluvio tepido da terra faz cahir nas mil aguas do proverbio.

A mythologia, grega e romana, impregnou de tal sorte a arte que atravez dos seculos, apenas com as variantes de caracteres, a representação symbolica da primavera tem constantemente oscillado entre a copia d'uma scena naturalista, paizagem ou vida banal, e uma allegoria que recorde a Flora ou a Cora, as antigas deusas.

E' conhecido o mytho grego, a historia infeliz da filha de Demeter, deusa da Terra. Um dia, a formosa Cora colhia despreocupada flores nas planicies de Nysa, tecia grinaldas de rosas e lyrios, quando Hermes no seu carro d'ouro e de ferro, o poderoso deus dos infernos, veio raptal-a; depois a mãe percorreu a terra em dolorosa busca da filha desaparecida, até que a sua inconsolavel tristeza apiedou o Jupiter dominador e absoluto, o qual obrigou Hermes a trazer de novo á terra a formosa Cora.

Esta, porem, imprudente, incorreu no desagrado de Jupiter que a condemnou a voltar para o esposo infernal; e d'esta alternada presença de Cora, na terra ou no averno, resultava a successão das estações. A volta de Cora á terra, trazida por Hermes das profundezas mysteriosas, onde refervia a lava dos volções, á luz vivificante do sol symbolisou a prima-



PRIMAVERA — QUADRO DE A. MENGIN

vera, renascimento dos campos fecundos. Nos baixos relevos dos templos, no cunho das moedas, na decoração das amphoras e dos vasos trabalhados apparecem representadas as diversas scenas d'aquelle drama divino.

Os artistas gregos não esqueceram tambem as scenas de vida familiar ou campestre, trabalhos de lavoura, apropriados a symbolisar e enaltecer a belleza da estação das flores, do reverdecer das campinas inundadas, da ascensão da seiva nas arvores despidas de folhas, annunciada pela volta das andorinhas em busca do ambiente tepido e acariciador. E desde estas épocas longinquas, a pintura e a esculptura tem repetido a mesma interpretação artistica, apesar da mudança de crenças religiosas e da transformação dos costumes. Apenas predominam as allegorias ou as scenas campestres, consoante a civilização de determinado periodo renova as tradições do paganismo nas idéas e nos costumes, como na Renascença, ou aproxima da natureza n'uma admiração simples, ingenua ou artificiosa, a concepção elevada da arte, desde os parques amaneirados do seculo XVIII, povoados pelos Lancret e pelos Watteau de marquezinhas pastoras em festas de galante-

ria profundamente sensual, até as paisagens do seculo XIX, observados amorosamente, coloridas com a aspiração da verdade pelo pincel dos Millet e dos Corot.

Comtudo, em todos estes periodos, sempre rediviva, sempre renovada, a allegoria mythologica, a vaga Flora dos romanos, inspira a pintura decorativa; e sempre uma nova Cora entretece grinaldas, compõe e matiza ramalhetes nas vecejantes compinas de Nysa, em attitudes varias, ora repousada e serena na consciencia da propria formosura ainda plena de promessas, ora bulhosa e doudejante, como as borboletas irisadas que voejam em torno das flores perfumadas, percorre as campinas rapida, ao de leve, tocando apenas a terra a symbolisar a fugitiva duração da mocidade, louçania donairoza de momento crestada em breve pelas ardensias do sol de agosto. São assim as duas gravuras de Flora que acompanham este artigo, uma d'arte franceza, outra de arte allemã.

Ainda mesmo na reproducção de



PRIMAVERA — QUADRO DE F. A. v KAULBACH

episodios da vida se encontra o symbolismo antigo, a allegoria constante. Para exemplo, ahi está a graciosa aguarella de Adan. Aquella juventude toda mundana deu-se o prazer excepcional de tomar n'uma bella manhã primaveril um banho de orvalho. Vestiu o seu *peignoir* branco, calçou os pequeninos tamancos de jardim, sobraçou um açafate, desceu ao parque, e toda alegre na sua liberdade aspira infantilmente o perfume das flores, confunde a brancura da sua pelle com a brancura dos lyrios immaculados, compara n'uma intima vaidade justificada a radiosa exuberancia das rosas á propria florescencia gentil e animada nos confortos da sua vida de sociedade elegante. Todavia, n'esta pagina de pintura, descobre-se a allusão aos folguedos de Cora nos campos da Grecia antiga, limite obrigado da phantasia humana na concepção artistica da symbolisação da primavera.

Outras vezes, a inspiração dos pintores modifica a visão da primavera

personificada na juventude feminina para a substituir pela gracil innocencia de amorinhos que, como no quadro de Léon Perrault que acompanha este artigo, se abandonam em ternuras de abraços sobre um tapete de flores perfumadas, delicado symbolismo da caricia fecundante do sol sobre a terra. A mesma idéa guia o cinzel dos esculptores, tanto nos baixos relevos de Bouchardon e de Clodion, como nos frisos decorativos dos salões e dos palacios do seculo XVIII onde se encontram os mesmos folguedos de amorinhos nús, sorridentes, coroados de flores, envoltos em grinaldas.

Seguindo a tradição classica, obrigados a produzir decorações tambem classicas apropriadas á architectura definida e fechada no estylo, soffrendo naturalmente a suggestão do

meio, a influencia dos costumes n'aquelle gosto pastoril, affectado e postiço que justificava as festas de galanteria, a indolencia sonhadora, o madrigal florido, os artistas do seculo de Luiz XIV reproduziram com menos forma pagã e mais elegante mundanismo os triumphos de Flora que lhes legára o seculo anterior, composições cheias de harmonia e de nudezas, nas quaes se renovára o culto da

fórma pura e correcta, da attitude magestosa, olympica da velha arte.

Depois, no principio do seculo XIX, apesar da influencia naturalista que tinha voltado para a representação das scenas bucolicas a concepção artistica das visões primaveris, reaparece ainda o triumpho de Flora, a espalhar flôres pelos espaços, cercada dos amorinhos gentis.

Com o movimento positivista do seculo que findou, a concepção artistica modificou-se: apparecem menos Floras, e predominam as paisagens de todas as regiões, traduzindo os aspectos e os encantos da estação. Para completar

exemplos, ainda nos referimos á arte ingleza, da qual damos em gravura de pagina *Um idyllio de primavera*, encantadora paisagem delicadamente modelada, no tom e na côr. Allí fundem-se as duas tendencias que temos registado; o amor pela verdade naturalista, copiando os aspectos da terra e a memoria da tradição pagã. Uma nympha nas margens d'um lago, entre narcisos, um grupo de cysnes, as flôres abundantes da amendoeira, combinam-se em disposição decorativa, e completam a harmonia de luz branda e de côr suave com que o pintor quiz fazer suggerir a belleza da primavera.

Mais recentemente, o realismo que transformando o romance, no mesmo impulso de reforma exaggerou a fidelidade da discrição até a copia photographica, reproduzindo a



LYRIOS E ROSAS — AGUARELLA DE EMILE ADAN

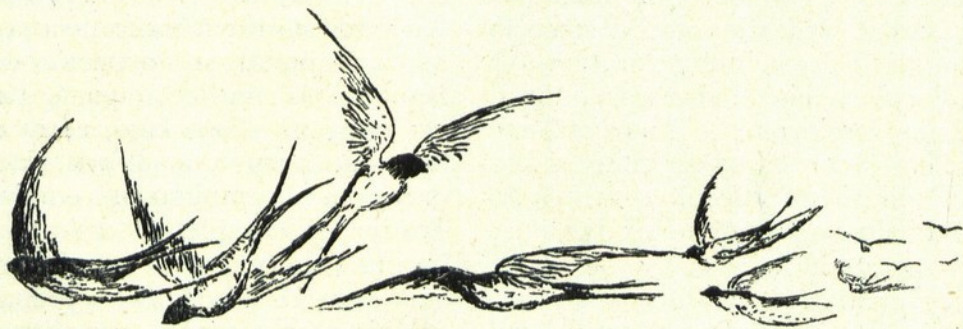



A PRIMAVERA — QUADRO DE LÉON PERRAULT

banalidade superflua, a vulgaridade grosseira e escusada, também exerceu influencia efectiva e penetrante nas composições da arte decorativa; e não raro, o pincel realista, para fixar na t \acute{e} la os aspectos da natureza no periodo synchronico de renovação, tem escolhido episodios minimos da vida, incaracteristicos umas vezes, graciosos outras, e banaes sempre. De sorte que apenas o titulo do catalogo define o motivo da pintura: — uma mulher aspirando o perfume d'um ramo de violetas; um soldado em passeio de companhia com a sua amada que sobre a relva compõe um *bouquet* de flôres campesinas, singelas, silvestres; uma dama elegante que junto

d'uma fonte ou d'um lago de jardim se remira pensativa no espelho da agua, são outros tantos assumptos que permitem ao pintor escrever por baixo da sua t \acute{e} la o titulo de *Primavera* e justificar o seu symbolismo.

Assim, os pintores, os esculptores, como os poetas, de todos os tempos, teem vindo celebrando a graça perturbadora da estação das flôres, a frescura das campinas renovadas, onde a força creadora e fecunda se expande em vibrações subtis, em metamorphoses mysteriosas, e d'onde se evola com o perfume das corollas a alegria da vida, como se desprende dos labios vermelhos da mulher, em sorriso indefinido, a promessa d'amor...





Utilização da Força do Sol

O PROBLEMA do aproveitamento da gigantesca força do sol, prodigamente derramada sobre a terra em ondas de calor vivificante, tem passado por mãos dos maiores genios inventivos e dos sabios mais profundos de todos os tempos, desde a antiguidade, desde o grego Archimedes até o americano Eriesson ou o francez Monchout, sem que tivessem conseguido dar-lhe solução adequada e pratica. Todavia, se a transformação do calor, armazenado no carvão fossil, em movimento das machinas tanto trabalho e dispendio custa, é devéras tentador utilizar uma parte, minima que fosse, das innumeradas calorias que o sol offerece gratuitamente á actividade humana.

Uma nova tentativa acaba de ser feita pelo dr. Calver, de Washington, inventando um apparelho a que deu o nome de *panhelio-motor*, com o qual se realisou o maior fóco calorifico até agora conseguido. Os 6.000 graus registados pelo arco voltaico, electrico, subiram a 24.000 no apparelho do dr. Calver. A invenção d'este consiste principalmente n'um arranjo de espelhos que reflectem os raios do sol sobre um ponto central ou fóco como mostra a gravura que adiante publicamos. O calor obtido funde o ferro da melhor qualidade incomburente, como se derrete pela chamma um phosphoro de cêra. A prata cunhada ou grossos blocos de vidro liquifazem-se facil e rapidamente com o calor dos raios concentrados; com o apparelho de Calver póde perfurar-se uma duzia de buracos, em segundos, n'uma prancha de madeira bem humedecida.

«Não ha uma unica industria, diz o dr.

Calver, na qual tivesse sido avaluado um tão elevado grau de calor, nenhuma em que o *panhelio-motor* não podesse ser applicado com proveito. Tome-se para exemplo a industria de fazer tijollos. O meu apparelho diminue tanto o preço de fabrício, que a construcção de uma casa em tijollo tornar-se-ha mais barata do que qualquer outra em madeira. A operação da cosedura gasta um vige-simo do tempo, e uma centesima parte do custo dos melhores methodos empregados nos mais perfectos fornos de coser.» A nova força calorifica póde ser applicada a numerosos fins. Em trabalhos de fusão as suas vantagens serão enormes, como o dr. Calver vae proximamente provar por pequenas experiencias no seu laboratorio. O novo motor convida favoravelmente a abolir o carvão como um combustivel. Mesmo nos logares em que o carvão e a lenha são abundantes o *panhelio-motor* será considerado infinitamente mais barato, porque facilita a mais natural e abundante combustão no universo — o calor do sol.

Com este novo motor, torna-se desnecessario desnudar as florestas, ou cavar as entranhas da terra. Ha quem seguro prophetise que, em lugar de carvoarias e telheiros, todas as casas terão o seu sol-motor, porque o custo é practicamente reduzido.

No laboratorio do inventor — «ou campo da força do sol,» — como elle prefere chamar-lhe, ha ao todo 1.600 espelhos, postos em molduras de diferentes tamanhos, a maior contendo 810 espelhos e a mais pequena 28. Cada espelho pode pela actual medida thermometrica reflectir de 10 a 15 grãos de calor,

conforme a situação do sol, o angulo do espelho e a ardencia do dia. Com todos os espelhos em serviço, concentram-se os famosos 24.000 gráus de calor.

Vulgarmente, o dr. Calver utiliza apenas um ou dois dos espelhos quadrangulares simultaneamente — a não ser que tente derreter uma montanha. Os raios do sol são centralizados por um pedaço de metal muito burrido, da fórmula do interior luzidio de uma bacia de lavar; sómente um pouco maior. Um toro de madeira, de três pés de comprido e uma polegada de espessura, previamente embebido d'agua, mettido no foco dos raios reflectidos, secca em meio segundo e n'outro meio fica repentinamente em chamma. Cada espelho quadrangular constitue por si só um *helio-motor*.

O calor, como a electricidade, pôde ser accumulado para uso ulterior. O reservatorio do calor tem a apparencia d'um tanque redondo de metal, como se fosse um gazometro, cheio de uma combinação de mineraes, e fechado com apertadas portas corrediças. O calor é absorvido pelos mineraes e pôde ser extrahido mais tarde quando se queira, com tanta facilidade como se extraher cerveja d'um casco.

A parte constitutiva do reservatorio do calor é segredo que o dr. Calver guarda tão avidamente que nem sequer ainda tirou a patente.

«Póde-se passar um dia interessante com o dr. Calver no seu laboratorio, no fim da rua de North Capitol, em Washington, escreve um escriptor americano. As officinas occupam a frente de um campo, fechado por um tapume ou cortina de madeira. Ao fim do campo está o reservatorio de calor montado n'uma plataforma, elevada cinco pés do chão; e rodeando o reservatorio, em perfeito circulo, de diametro de 80 pés, ha duas guias ou rails de madeira, sobre os quaes se move o grande espelho quadrangular para ser facilmente mudado para lugar proprio a receber os raios solares.»

Quando se precisa d'uma certa quantidade

de calor para armazenar no reservatorio, ou para uso immediato, descobre-se o espelho quadrangular posto em posição sobre as calhas. Os espelhos collocam-se todos em foco por uma disposição engenhosa, e quando o sol se move o caixilho é tambem movido, conservando-se o espelho na mesma direção.

Ao contrario de outros inventores, o dr. Calver tem uma vasta pratica e experiencia de engenharia, tendo inspeccionado algumas das mais ricas minas dos Estados occidentaes da America, e tendo dirigido muitas obras de irrigação nas planicies aridas do *Southwest*. Esta experiencia, a par de longos estudos, suggeriu-lhe a idea do seu *panhelio-motor* e facilitou-lhe aperfeiçoal-o na admiravel forma actual. A primeira experiencia para utilizar o *panhelio-motor* com fins praticos está agora sendo feita em Tuescon, Arizona. Ali, extensas regiões do paiz estão desvalorizadas, porque a

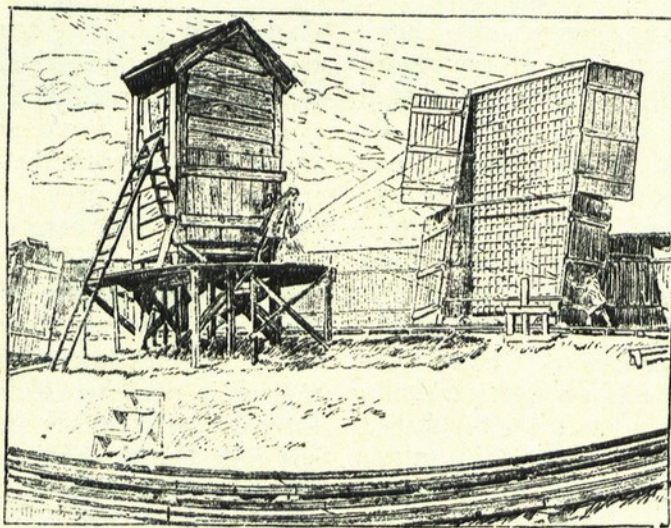
agua é tão escassa que o chão não produz vegetação. Ha comtudo extensas toalhas de agua abaixo da superficie do chão arido. Faltava descobrir-se o meio para elevar esta agua, e irrigar com ella o chão secco para que se produzissem fartas colheitas.

Havia sem duvida o recurso de empregar bombas

a vapor, mas o carvão era tão escasso n'esta localidade, que difficilmente a despeza poderia ser compensada.

A nova companhia do dr. Calver tem á sua disposição a luz do sol, o que mais abunda n'aquella região. Com effeito é pela superabundancia do calor solar que o solo é tão arido, e quando a montagem do *Panhelio-motor* estiver completa em Tuescon, o dr. Calver julga que a sua companhia ha de facilmente servir uma grande secção do paiz e fornecer-lhe abundantemente agua, com insignificante despeza.

Cada estação do motor calcula-se não custar mais de 300 libras, e as despezas do trabalho limitar-se-hão ao pagamento de salarios.





DA claro e meigo de primavera, atmosfera límpida de cristal, a brisa afagando com beijos as folhas nascentes das arvores e a superfície de esmeralda das águas. O Tejo manso a espreguiçar-se entre as suas margens e suspirando para a larga foz. Os grandes vapores a rasgarem-lhe a lisa superfície, tão mansamente, que pareciam pintados em ampla t \acute{e} la. Temperatura creadora, propria a excitar docemente nos nervos desejos infinitos, de começo incompreensíveis no seu aspirar, insaciáveis no seu querer e que deixam, no cerebro que os sentiu, o vago que prolonga a existencia do corpo, no tempo e no espaço, como se o corpo fôra a propria alma pura da lenda a vaguear nos solitarios paramos. Sobre as cabeças sonhadoras, adejam as loiras abelhas da volupia; deante dos olhos que se perdem no ar vasio, a linha d'uma collina, o misero galho d'uma arvore secca, a trajetoria d'uma ave... qualquer coisa que pouco valha, toma fórmas graciosas e suaves como pomas tumidas. É o passaro azul da imaginação envenenada, que entristece a face purissima da condessa de Rosal, recostada n'uma cadeira de verga, sob o docel enervante d'uma acacia de flôr branca e odorifera. O que lhe iria na alma? relampagos e chispas de ciume, talvez lembranças carinhosas d'amor, de posse, de felicidade, ao vêr Fernando empenhado no famoso *match*. Com a *racket* bem firme, olhar previdente e certo, os seus adversarios, Mr. Wolton, secretario da legação ingleza, e Miss Cross, filha do ministro, não tinham podido cançal-o e menos vencel-o. Na lueta era admiravelmente secundado pela encantadora Kate, sua prima, uma graciosa corsa, que viam successivamente em todos os pontos da sua esphera, na *court*. Franzina, agil, viva, respondia com varonia e destreza, aos ataques com que a forte e re-

pousada ingleza procurava dominal-a pela fadiga. Fernando de Castro tinha no corpo a flexibilidade do *cautchu*, e a rizeza do carvalho. As respostas dos seus nervos aos ataques, eram promptas e scintillantes como faiscas electricas. Sapato raso de lona branca; meia de lã, listrada d'amarello; arregaçada a calça de flanela; camisola côr de pombo. Em toda a superioridade e evidencia, a musculatura do seu peito, a elegancia do seu tronco de grego, o braço nu coberto d'uma ligeira pennugem... Era o typo acabado do sportista feito d'aço, flexivel como o junco, duro como o ferro, os membros verdadeiras folhas de espada temperada em Toledo. A physionomia, no empenho do combate, era de vigor e animação, força e imperio. Sombrea-se-lhe, com o esforço, o olho azul, no mais aceso da refrega. A partida ia adeantada. Varias vezes se ouvira o *game*. O *referee*, o elegante conde de Refojos, com a calma e o sorriso do seu aspecto de sceptico, ia notando rectamente a successão dos jogos e os direitos de cada um. Como *server* ou *striker-out*, dando ou recebendo serviço, ainda lhe não tinham contado uma só *jaull*. Arrepiavam-se-lhe os cabellos loiros, os seus saltos eram mais graciosos e leves do que os do toiro, quando transpõe uma distancia em folguedo. Ao tomar posição, depois de reenviada uma bola, ficava natural, vigilante, sem ostentação. E animava sua prima com palavras breves: «*Eh! Kate! In-play!*» Assim a tinha sempre ao corrente do jogo, prendendo-lhe a atenção para que não deixasse desvairar os seus nervos de creança, seguindo no entusiasmo e calor de peninsular, que podia ser vencida pelo arremessar seguro, methodico e implacavel de Miss Cross, que n'um tom expedito lhe annunciava serviço: «*Ball!... Ball!... Ball!...*» Catharina, muito nervosa, mas attenta, não desacompanhava

o seu parceiro. Graciosa como a gazella n'uma esplanada, apparecia no ponto em que era necessario estar, para na sua *racket* receber a bola, ou envial-a. A perna fina, o artelho nervoso e saliente, meia preta e sapato de camurça raso, saiote curto e listrado de amarello (as cores de seu primo) um leve casaco de flanela cinzenta cobrindo-lhe o seio pubere. Voava certa como o falcão, mostrava-se animada e talvez enraivecida,



pelo empenho de victoria que reconhecia em Miss Cross. cujos olhos claros tinham lampejos d'aço frio, ao pronunciar, quando era *server*, o seu repetido e implacavel *Ball... Ball... Ball...* O exemplo de Fernando, que superava com a destreza o impeto britânico de Wolton, sob os applausos dos circunstantes, incitava-a, levantando-lhe o animo. Parecia ter azas nos pés, mostrava vista segura, attitude composta, reflexiva no meio da lucta, para não receber uma só péla *volleyed*. O seu corpo virgem e ligeiro de ave, tinha a fluidez de uma brisa, era como a vespa enfurecida a morder em todos os pontos, onde suppozesse o inimigo. «*Eh! Kate! Strike out!*» E por uma série de bolas que recebera habilmente na raqueta e por outra série, sendo *server*, com que desnorteara Miss Cross, que cahira em faltas successivas, Catharina ardente, cheia de bravura, voando nos seus pés finos e aristocraticos, levava de vencida a contendora. Conjunctamente, Fernando não dera quartel ao astuto Wolton. Elle e a sua companheira chegaram por vezes a *deuce* e a *advantage* em mais de um jogo. A partida era demorada e seguia com encarniçamento. Foram primeiro *games-all* e depois *advantage-game*; mas por fim, já ao nono jogo, estando ambos n'esta posição, Fernando e sua prima redobraram de coragem e energia na lucta, e pouco depois poudese ouvir, n'uma voz calma, mas retumbante, como a pronunciara o *referee* conde de Refojos, a palavra de victoria *set*. Tinham ganho.

A encantadora Kate foi applaudida com um estrondear de palmas, em que entrava a propria Miss Cross. «*Eh! Kate!... Bravo!... Hurrah!...*»—ouvia-se de todos os lados, n'um levantamento de braços e n'uma copiosa appareção de semblantes clamorosos. A primeira que a teve entre os braços foi Annica de Sousa. Com o seu genio alegre e turbulento, comia-a com beijos, a ponto de a suffocar. A encantadora Rosal, olhos enternecidos e humidos, conservou-a sobre o coração, n'um agradecimento demorado, como se Kate fôra uma sua filha, que acabasse de obter o premio de formosura, n'um concurso de todas as bellezas do mundo. Que pensamentos não iriam n'este abraço carinhoso! Desejaria, talvez, toda aquella mocidade, frescura, innocencia para galardoar o vencedor Fernando de Castro e dar-lhe assim a prova suprema da sua paixão, que era uma loucura, um amor criminoso e barbaro, que nem á imagem da filha, a adorada Jeanne, com os seus cabellos de anjo raphaelico, conseguiu enfraquecer? Quando a vista da condessa ia a cahir ambiciosa sobre o campeão applaudido, viu que elle arremessára n'um gesto febril, a sua *racket* e correria para o lado onde acabava de parar uma carruagem! Era a Paraiso, que chegava no seu *landeau*, puchado por uma soberba parelha de cavallos inglezes, ao lado de seu marido, que acariciava reflexivo a farta suissa negra. O fogaoso olhar hespanhol da sua rival e o empenho submisso com que Fernando a ajudara a descer da carruagem, fizera augmentar a subita pallidez da pobre Rosal, que se sentiu para sempre vencida. Se não estivera a seu lado Annica de Sousa, para lhe dar animo, poderia ter desfallecido...

— Não vêes aquillo? Como sou infeliz!...

Mas a sobrinha da marquezia com o fim de desligar a Paraiso do seu proposto amante, foi direita aos dois para dizer a Fernando:

— Que boa occasião de tu e Catharina fazerem uma *quête*, para a obra da tia Ermello!... Ella ficaria bem contente.

— Não me masses agora Annica! Vês que estou cançado!...

Porém a condessa, aproveitou a circumstancia para mostrar o imperio que tinha sobre aquella vontade, que resistia. N'uma voz carinhosa pediu a Fernando:

— Faça o que lhe pede sua prima. Ambas nós temos n'isso o mesmo empenho. E' para a nossa *Esmola*...



Kate pendurada com liberdade no braço de seu primo, no elegante e livre vestuario de

player, começou com elle o peditorio. Apresentava a boina listrada, que tirara de sobre os cabellos escuros com reflexos de lago; Fernando o seu bonet de côres eguaes. Ambos iam por entre os grupos, que os recebiam com palmas. Ninguem deixava de sentir o encanto do riso filial de Kate, ao vel-a estender a mão para receber os donativos. Tinha a claridade diamantina da innocencia e da pureza, era um beijo de luz n'uma gota transparente d'orvalho matinal. Com o medrar do peculio, que, na sua idéa simples, iria minorar infortunios de miseros desprotegidos da ventura, crescia-lhe a bondade e entusiasmo do coração, que transluzia no sincero olhar. De entre os homens, até os velhos, só pelo prazer de conservarem mais algum tempo na retina aquella imagem celeste, se demoravam a abrir a carteira, enquanto diziam palavras, que só tinham por fim ouvir outras de resposta. O *vert galant* conde de Refojos, ao offerecer-lhe na ponta dos dedos o seu obulo, disse com sorriso de precioso:

— A'quella que defendeu com denodo, o brio da terra portugueza! Minha gentil prima...

E depois que ella passara além, acrescentou para o cavalheiro Di-Conti:

— Que delicioso morango! Não achas?

— Admiravel de *souplesse!* — concordou o italiano. *Bonbon fondant!*...

A vivissima M.^{me} Jou-jou, ao lado da baroneza de Alvoredó, enquanto esta depositava a sua esmola no bonet de Fernando, tomava attitude admirativa exclamando:

— Oh! la jeunesse! Il n'y a que ça!

E Izabelita Noronha, com os seus olhos vehementes no encantador busto de Kate, entregava-lhe o donativo que lhe déra o avarento de seu pae e abraçando-a com sofreguidão applaudia:

— Oh! querida! Como tu vaes alegrar os pobresinhos, que vivem nas suas horrendas miserias! Ainda entras em mais alguma partida?

— Sim, quando chegar el-rei e a rainha!

— Será encantador, se fôres tão feliz como agora!

Catharina a quem os parabens e generosidade de todas as pessoas impressionava, ia alegre e contente. Fernando, porém, victoriado e desejado por tantos olhos e labios femininos, mostrava certo abandono muscular, talvez a transitoria fadiga resultante do seu jogo violento de milhafre. Havia nas linhas do seu corpo, na musculatura secca, no esqueleto bem proporcionado, a representação da força dos homens habituados aos exercicios de agilidade. Rijo e delgado, era um carvalho novo, elastico e solido, servido por

membros leves e flexiveis como molas. O arcabouço de larga e franca respiração, gestos prestes e sobrios. Quando chegaram junto da Paraiso, levava no rosto um sorriso desejoso, eram frementes os seus labios, as narinas alargavam-se-lhes inquietas... O conde abria lentamente a sua carteira bem provida, enquanto o semblante radioso e triumphante de sua mulher, acolhia Kate e seu primo com palavras generosas. O marido depositando no bonet de Fernando, que preferira para mostrar a sua magnificencia, algumas notas, disse sentencioso:

— Aqui tem o meu pouco. Estimo que seja feliz na sua colheita.

— Obrigado, meu amigo — agradeceu, com os olhos na condessa.

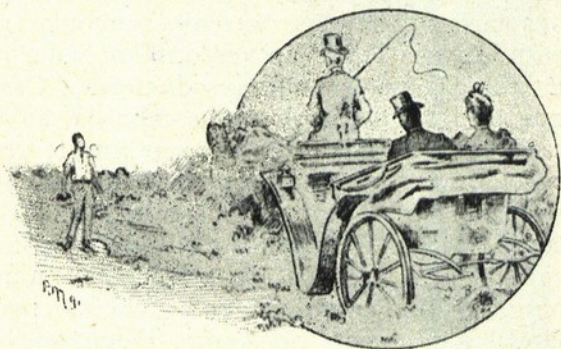
No fim, todo o dinheiro se juntou na boina de Kate, que saltava de contente, com me-neios infantis, por vêr que tinham reunido valiosa somma e que a tia Ermello ficaria satisfeita. A sua radiante physionomia era toda alegria. O roseo da pelle, a scintillação do olhar, a romã dos labios, definiam quão celestial era aquelle coração, innocente e puro. Contento como o anho de tres mezes, foi entregar a Annica o producto da colheita:

— Olha o que arranjámos! Foi muito, pois não foi?

Porém Annica empenhava-se, n'este momento, em adoçar a angustia da infeliz e bella condessa de Rosal. Afastando-a suavemente com a mão, só lhe respondeu:

— Guarda, Kate, para tu mesma entregares á tia Ermello.

E a pobre creança, transmudando o seu riso angelico em tristeza, exclamou:



— E eu a julgar que tu ficavas muito contente!...

— Mas fiquei muitissimo contente! Digo-te que entregues á tia, para ella saber que foste tu que arranjaste o dinheiro...

— E que tem a Rosal? — perguntou com momice de creança agastada.

— Está incommodada. Doe-lhe um dente... — respondeu Annica com voz e gesto de pôr termo ás interrogações de Kate.

— Pois parece que lhe morreu Jeanne!...
Com vivacidade juvenil accrescentou, afastando-se:

— Pois se lhe doe um dente, que vá ao dentista!...

A Rosal sorriu fugitivamente, para logo cahir na sua melancolia, que as consolações de Annica não podia afastar. Ninguém melhor do que ella estava na situação de conhecer o valor da felicidade que havia n'essa alma



innocente, que não suppõe o mal e ainda não sentira a dôr. Kate era o alvorecer de vida e de coração, só aberto para a luz matinal, para o gorgeio dos passaros, para o silencio augusto e meigo dos bosques, para o riso das flôres. Quinze annos antes, tambem ella fôra assim moça, vivaz, despreoccupada e singela. Era quando montada no seu cavallo lasão, nas tardes jocundas de maio, percorria por entre trigoas loiros as veredas em volta de Extremoz, ou os pendores da serra d'Ossa, que se levanta suave e ensombrada, sobre campinas. Acompanhava-a seu irmão, garboso rapaz, que morrera desastrosamente n'uma espera de toiros. A' sombra melancolica e religiosa de azinhos e oliveiras, passara esses felizes tempos de innocencia, n'um pasmo d'alma contemplativa e virginal, pensando n'um vago de sonho, deleitando-se com os amores da sua mente, á espera da epoca em que a viessem apresentar na côrte e na sociedade. Casada aos dezoito annos, gosara com seu marido as premissas d'um amor cheio de esperanças. Porém, o conde, a breve trecho, voltou á sua existencia de rapaz, entregando-se ao convivio de mulheres de baixo sentir, mercenarias da paixão. Agora, Gabriella, ainda na flôr da sua belleza corporal de seraphim, sentia a alma gasta pelas desillusões, pelas falsas e mentirosas

palavras, pelo aviltamento moral dos que a haviam desenganado. Adelgaçaram-se na sua mente e no seu coração as idéas puras, os sentimentos nobres, como o fumo se adelgaça no ar em que se expande. Eram tudo chimeras, imagens vãs, que a realidade foi substituindo por outras mais brilhantes e exactas, n'uma vida intensa de sociedade. N'um momento, de longe preparado por uma successão de factos e raciocinios, casuaes uns, premeditados outros, encontrou-se nos braços de Fernando de Castro, n'esses nervosos braços que a estreitavam como cordas, e que ella já sentia mais frouxos, menos vehementes no desejo. Desde o primeiro instante que isso conheceu, principiou a padecer a sua existencia sentimental, da vaga e morbida melancolia dos que vão morrer para a ultima illusão, para a mais delicada, a mais tenue das illusões da mente. Adivinhava que um perigo vinha para ella, com o passo cadente dos phantasmas adversos. De que lado chegava o inimigo da sua alma? Não sabia: escutava o som lugubre do seu andar, já o presentia como se fôra um veneno, já tratava com elle em sonhos, ou nas trevas da noite densa, quando não dormia. O cerebro envolvia-se-lhe n'um véu de tristeza indefinida, comparavel ao véu que do azul se abate sobre a terra, no remate de certos dias soalheiros de inverno. N'este instante doloroso, em que o engenho, cheio de caricias, de Annica de Sousa procurava dar energia e esperanças a esta alma atormentada, os olhos humidos da Rosal iam pela tranquillia superficie do Tejo, na colheita das sensações da sua infancia, quando despreoccupada, como os passaros nos laranjaes de Extremoz, vivia e gosava a vida da natureza independente, na epoca em que apenas ouvia falar da sociedade, que ora lhe inquinava a existencia. Mas não encontrava pontos de apoio no horizonte vago, como não podia haver esperanças seguras nas consolações de sua prima. O pensamento em vez de espairecer e alegrar-se, submergia-se em fundos pegos, em abysmos de trevas e desesperos; porque ella via Fernando cortejando patente e escandalosamente a sua rival, que tinha no fogo do olhar, todos os signaes de vencedora. Annica de Sousa ainda procurou revoltal-a pela dignidade e pelo sangue:

— Mas que te pode importar essa mulher! Despreza-a. É sangue vil. . .

— Pois sim, querida! Mas que vale o meu nobre sangue, se Fernando é a ella que ama perdidamente! Olha! . . .

E indicou-lhe o ponto em que os dois patenteavam, sem rebuço, a reciproca conquisista.



QUADRO DE PRESCOTT-DAVIES

Como Kate, esta que o pintor inglês idealizou, no antegosto do seu «sport» predilecto, era o alvorecer de vida e de coração, só aberto para a luz matinal, para o gorgueio dos passaros, para o silencio augusto e meigo dos bosques, para o riso das flôres.

Tarde amena, povoada de carinhos! Que céu, que luz, que temperatura de delicias! Enternecia-se lentamente a paisagem com o afrouxar da luz; um forte sentimento das coisas imperava nos nervos. Começo de primavera com enfolhamento de rebentos, que tinham reflexos de amethystas; flôres de gamma variada nas côres e nos aromas, que a brisa espalhava. Do interior do bosque, do imo da terra, da vastidão do mar, chegava um vago murmúrio, que entremeava as vozes e os risos das conversas. Temperatura enlanguesciente a d'esta hora! Afagava os nervos e fazia voar a imaginação. A brisa leve, que vinha do poente, soprava nos cabellos, nas plumas dos chapéus, trazia odores salinos, que misturados ás essencias da matta, pesavam nas palpebras adormecidas pelos desejos e nos labios abertos em palavras alegres. O *match* ia continuar, com mais interesse, logo que chegassem os monarchas. A côrte apreciava excepcionalmente o *tennis*, como a de Henrique VII, o primeiro Tudor, o que venceu na guerra da *rosa branca e vermelha*; e como a de Carlos II, um Stuart, que vencido por Worcester, foi rei com Monk, e esforçado mestre no jogo da bola,

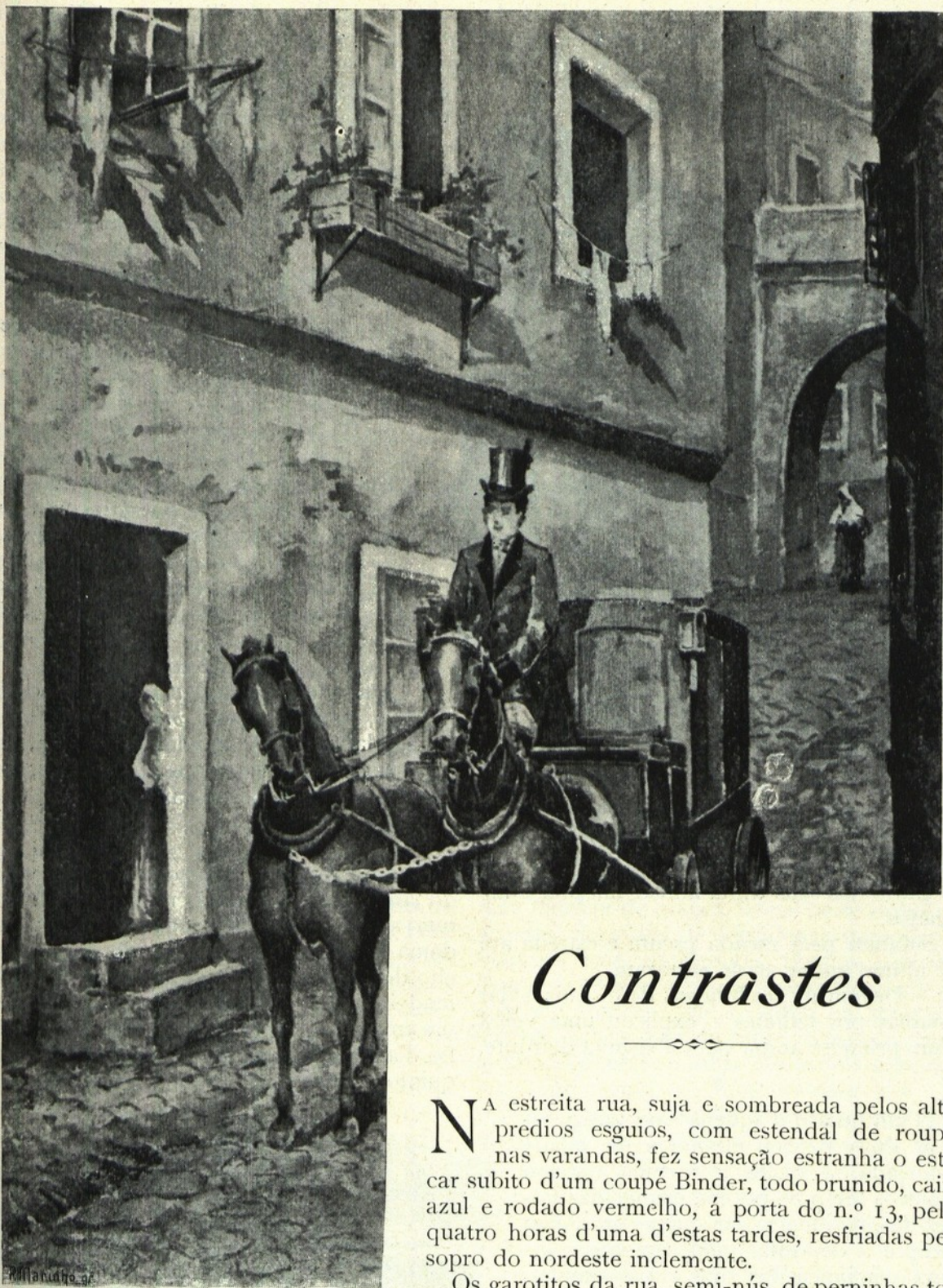
em que vencía todos os seus cortesãos. Este repousado intervalo enchia-se com a deliciosa intriga da sociedade, em que se multiplica o interesse da vida fugaz e enganosa. Os passaros lascivos, que n'esta epoca d'amores voavam de arvore em arvore, perseguindo-se e conquistando-se, eram a imagem da existencia. Chilreavam e beijavam-se; escutavam pousados nos galhos tenros e espreitavam por entre os rebentos novos. Pareciam socios e comparsas, e deixavam-se embalar pelo zumbido longo das abelhas, que nas azas d'oiro levavam e traziam a brisa, pousando nas bellas acacias d'onde sugavam o mel. As corollas das flôres abriam para o céu os seios de setim, tumidos d'aromas, e entoavam um hymno em louvor da natureza omnipotente. Evoé! Quem vive!?. . .

O murmúrio das vozes teve um renascimento momentaneo, como o d'uma onda ao galgar da rocha. Era um vigoroso assentimento de applauso! Aflorara o sorrir em todos os labios. Levantaram-se as senhoras, os homens descobriram-se, todas as cabeças n'uma leve curva de respeito. Chegavam as carruagens reaes precedidas de batedores. Iam recommear, com maior interesse, as partidas de *tennis*. *Ball!... Ball!... Ball!...*

TEIXEIRA DE QUEIROZ.



Este esplendido quadro mundano cuja reproducção Teixeira de Queiroz gentilmente auctorisou aos SERÕES, é um capitulo da nova obra do primoroso romancista, editada pela parceria Antonio Maria Pereira com o titulo de A CARIDADE EM LISBOA, estudo critico de costumes lisboetas, de vida elegante e de vida social, profundamente observadas, sentidas e descriptas n'aquella sobria, suggestiva mas colorida linguagem que se aviva e se esclarece sob a irradiação luminosa d'um espirito altamente scientifico, por onde se extrema a individualidade litteraria do auctor entre os cultores da litteratura portugueza. Intelligencia polarisada no estudo das sciencias naturaes, Teixeira de Queiroz tem applicado aos seus romances, cuja reunião constitue uma só obra meditada, os seguros methodos da observação que conduzem a investigação n'aquellas; e escriptor moderno, para não dizer naturalista, tem vindo gravando nas paginas da sua COMEDIA DO CAMPO e da sua COMEDIA BURGUEZA, a golpes de bisturi, que denunciam o physiologista, a vida portugueza, desenhada com a justeza d'um miniaturista paciente, ainda que levemente tocada aqui e ali, como para fazer maior relevo nos contrastes, d'uma delicada mancha de ironia benevolente que individualisa a pintura.



Contrastes

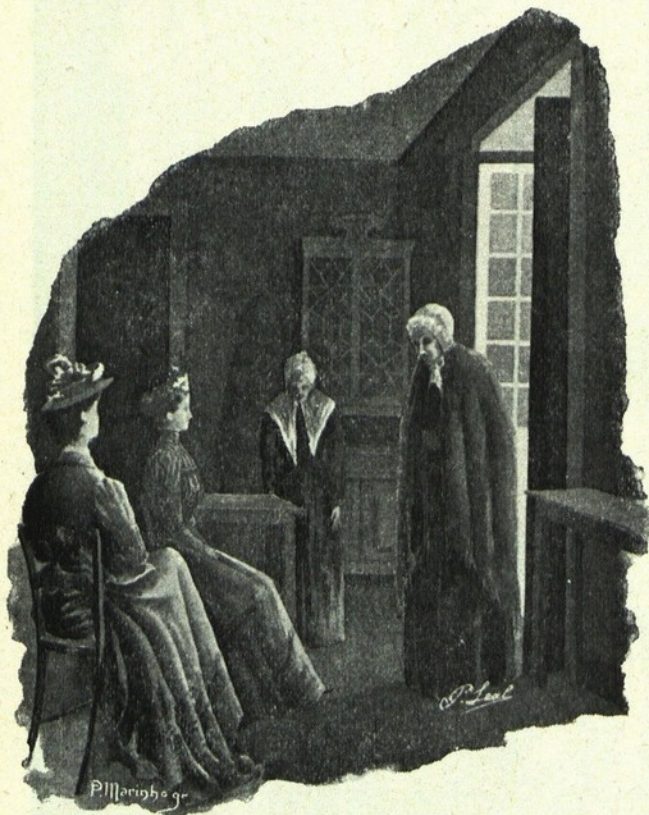
NA estreita rua, suja e sombreada pelos altos predios esguios, com estendal de roupas nas varandas, fez sensação estranha o estacar subito d'um coupé Binder, todo brunido, caixa azul e rodado vermelho, á porta do n.º 13, pelas quatro horas d'uma d'estas tardes, resfriadas pelo sopro do nordeste inclemente.

Os garotitos da rua, semi-nús, de perninhas tortas e cara mascarrada, suspenderam o retouçar alegre para examinar curiosos os arreios com ferragem dourada da parelha ingleza que resfolegava, sopesada pelo cocheiro de farda agaloada, e tope no chapéu. Um canito enfezado e de cauda cortada ladrava desesperadamente; alguns gatos refugiaram-se medrosos nos portaes, guarnecidos de meias cancellas e de cortinas de chita.

Houve nas janellas um enxamear de gente varia; — mulheres de cabellos mal penteados, com corpetes claros e largos para a expansão dos seios volumosos; crianças a marinhar pelos ferros das sacadas; alguns homens de barba por fazer e sem gravata; emfim todo aquelle aspecto desleixado de população que a miséria fecunda.

Apaream-se duas damas, novas, formosas quando rapidamente olhadas, sem exame

minucioso; uma vestida com simplicidade de bom gosto, a insinuar economia burgueza, resgatada pela pujança gentil dos seus vinte



e seis annos em efflorescencia appetitosa; outra, typo de loura triste, *toilette* cuidadosamente talhada, accentuando a magreza elegante dos seus trinta annos, um pouco fatigados.

Subiram pela escada escura e estreita até ao ultimo andar, onde entraram.

— Devem de ser fidalgas de S. Luiz a dar esmolas por bilhetes — explicou uma velha d'um primeiro andar para a visinha defronte.

N'um quarto d'aquella casa antiga vivem duas pobres mulheres de idade avançada, a quem a fortuna bafejou n'outros tempos; porém, esquecidas talvez da providencia, em quem continuam sempre a depositar piedosamente a inteira confiança das suas almas simples, foram padecendo miserias successivas até a extrema penuria, com uma resignação heroica, mais do que christã.

A vida d'ellas tem sido um poema de sacrificios e de luctas. Uma é viuva, d'um irmão da outra; e ambas, n'uma amizade sem macula, se tem amparado nas quedas desastrosas por onde teem vindo descendo. Ultimamente, apóz a *influen-*

za prolongada e debilitante, que lhes min-goou as forças para o trabalho e lhes levou para o *cabeça de pau* da rua proxima os melhores moveis, de valor diminuto para o penhor, mas de recordações consoladoras para o coração das desventuradas velhas, teem combatido valorosas contra as mais asperas privações. Como são crentes, esperam; como foram sempre honestas, não maldizem; como teem soffrido muito, perdoam a crueza da sorte. São, em verdade, duas boas velhinhas.

Uma indicação piedosa e opportuna encarregára aquellas duas damas aristocraticas de lhes levar os vales de alimentos que se distribuem por ahí a muita gente.

— Podem ir buscar desde já estes generos para a ceia, se as senhoras já jantaram — explicava uma das damas, com acentuação meiga, de quem reconhecia a fraqueza physica das pobres mulheres.

— Ficam para amanhã, minha senhora; hoje felizmente tivemos jantar; — duas bôas batatas grandes com um fiosinho d'azeite.

Santa e resignada sobriedade!

Quando as duas damas, momentos depois, subiam para o *coupé*; já um policia açodado, desviava da portinhola, uns mendigos impertinentes d'esses que, á luz viva do sol, exploram a caridade.

Depois, á noite, pelas oito horas, á meza do jantar, brilhante dos crystaes a refractarem a luz sobre a fina toalha alva, a gentil dama nova e caridosa, regando n'um capricho de appetite com umas gottas de velho madeira duas pequeninas *profiteroles* em creme aromatisado, pensou sem querer n'aquelle fio d'azeite de que lhe fallára a velhinha do quinto andar escuro, e contou-me o caso.



De Lisboa a Moçambique

POR ANTONIO ENNES

CAPITULO II

Aden — O Guardafui — O mar das Indias — Zanzibar

OS ROCHEDOS em que Aden se encastella parecem ser escorias das materias da creação, que o creador mandou vasar á beira-mar. Estão fóra da área de habitabilidade dos vegetaes, quanto mais da zona terrestre destinada para moradia de homens! Faltam todas as condições de vida. O solo não produz. O sol não aquece, abraza. Agua, só a manda de muitos em muitos annos o céu perpetuamente azul, e toda se evapora ao tocar nas rochas calcinadas, nas areias ardentes. O calor rarefaz o ar. Os campos não sustentam uma fera, nem se aninha uma ave nas fendas das velhas lavas endurecidas. Só a cobiça humana, tão heroica na sua avidéz, podia povoar aquella estancia de desolações, e por isso foram romanos que formaram a antiga Adana, arabes que a fortificaram, inglezes que a engrandeceram. E nós, portuguezes, que no seculo XVI representámos com igual brio a heroicidade e a rapina, tentamos senhoreal-a.

A sua fortuna foi o seu porto, situado no caminho entre a Europa e o Oriente. Para o aproveitar soffreram-se martyrios e operaram-se milagres. Aden conserva os vestigios de esforços gigantes envidados, no decurso de seculos, para o tornar habitavel, e os proprios inglezes ainda tiveram de affrontar terribes resistencias da natureza. Mas todas venceram, com a energia perseverante da sua ambição. Falta agua doce? Venham machinas que destillem o mar. A terra não offerece productos ao commercio? Venda-se carvão, e vão-se buscar, em navios ou em caravanas, as colheitas do interior da Arabia Feliz. Os indigenas são hostis? Opponham-se-lhes campos entrincheirados. O clima é inhospito? Abriguem-se os habitantes e as tropas em edificações bem estudadas para moderarem o calor. O porto é desabrigado e apparellado? Estendam-se diques, fundeiem-se boias, accendam-se pharoes. Assim se fez Aden, só a poder de braços e de engenho humano. E os seus creadores são tão ciosos da creação, que para a defender armaram os rochedos que a cercam e verrumaram com canhoneiras os montes que a assoberbam.

Os paquetes da Mala Real pouco se demoravam em Aden, e nem fundeavam no porto interior; mas em julho de 1891 os passageiros do *Rei de Portugal* chegaram lá tão extenuados pela viagem do mar Vermelho, que pediram ao commandante que os deixasse dormirem uma noite em terra. Por mim, acceitei a hospitalidade do consul de Portugal, um *parse* de Bombaim, negociante opulento, que honra mais a nossa patria do que muitos portuguezes que a representam em estranhas terras. Foi elle buscar-me a bordo, trajado á européa, mas cobrindo-lhe a cabeça o barrete caracteristico da sua seita, — uma especie de mitra fechada, de cêrca de um palmo de altura na frente, escura e constellada de pequeninas estrellas de ouro, — e o seu escaler a vapor desembarcou-me n'um caes de pedra, serventia de uma avenida arenosa, que orla a cidade da parte do mar. Esperava-nos ahi um luzido caleche, cujo automedonte de libré oriental sopeava uma parelha de arabes, talvez pertencentes á *khamisa*, elegantes, de delgados jarretes d'aço, finas cabeças intelligentes, preciosos, como os nossos *sportmen* nunca possuiram nenhum nem em sonhos. Mas ao saltar em terra esmoreci. Era ao cair da tarde; comtudo, nem no mar Vermelho sentira tão asphixiante calor! Ardiam-me os olhos, seccava-se-me a pelle, não podia fechar a bocca. Pensei de mim para mim que se encontrasse em Moçambique aquella mesma temperatura de forno, derreter-me-hia como uma vela de cebo. Não quiz ver nada; só desejei entranhar-me, esconder-me, n'alguma d'aquellas casas avarandadas que bordavam o caminho, na esperança de que os seus moradores tivessem lá dentro, pois que viviam, algum recesso onde se respirasse. Passavam por mim, vindas das docas e dos depositos de carvão, ranchadas de indigenas de compridos cabellos avermelhados, e eu cheguei a pensar, com a ingenuidade das preoccupações, que era o calor que assim lhes colorira as melenas, chamuscando-as, como devia de ser o sol que ennegrecia, torrando-as, as rochas a pique que subiam da praia.

Ainda hoje, a tres seculos de distancia, se encontram e reconhecem em Aden os delineamentos geraes da descripção que d'ella faz o auctor dos *Commentarios* de Affonso d'Albuquerque. O assento da cidade é um vulcão apagado e coberto pelas suas lavas negras, o Djebel-Chamchan, que os antigos portuguezes julgavam uma ilha, mas que na realidade está preso ao continente por uma lingua de terra; e, segundo os *Commentarios*, «a largura desta terra, de um mar a outro, «será um quarto de legua, por onde está visto «que Aden não é Ilha, como sempre antiga-mente se teve que era.» O isthmo separa dois portos, o occidental, vasto fundeadouro onde hoje surgem os paquetes e em cuja margem se erigiu o bairro de *Steamer-Point*, e o oriental, actualmente açoriado, mais visinho da cidade arabe. Albuquerque conheceu o primeiro com um nome que elle interpretou por *Ujufu*, ao segundo chamou *Focate*, e denominou *Cira* a ilha «de pedra viva, sem «haver herba verde n'ella,» que abriga este ultimo porto, e ainda agora é appellidada *Serah*. Foi n'essa ilha que D. Garcia de Noronha vingou o desastre, que os portuguezes soffreram no assalto dado ao muro talhado a pique que da serra descia até ao mar, entrando um baluarte que o defendia e tomando n'elle «trinta e seis bombardas da «grandura dos nossos camelos, e outras pouco «menos». Nem em *Serah*, porém, nem na cidade se descobrem hoje as fortificações de *Mira-Merjão* contra os quaes se quebrou o esforço do vencedor de Ormuz, porque as demoliu o tempo ou foram substituidas por obras modernas de defeza.

No bairro *Steamer point*, quasi inteiramente estendido ao longo da praia e encostado á serra, estão hoje enfileiradas as casas commerciaes, os hoteis, as agencias de navegação, os bazares, os escriptorios dos fornecedores de carvão, os estabelecimentos exportadores de café, de gomme, de incenso, dos ricos productos que deram o cognome de Feliz a uma parte da Arabia, e que annualmente embarcam ali no valor de seis a sete mil contos de réis. No porto ha molhes, docas, officinas, depositos de combustivel, todo o material e todos os petrechos dos grandes movimentos maritimos e mercantís, e nas suas fainas empregam-se dezenas de milhares de somalis, immigrados da fronteira costa africana, que os inglezes sabem attrahir, aproveitar e disciplinar, porque não lhes applicarão os immortaes principios da Magna Carta de João Sem Terra, mas pagam-lhes o trabalho.

Se esta é a parte moderna e opulenta da cidade, não é a mais curiosa para o viajante que se não occupa de compras e vendas; os

vestigios da *Adana* dos romanos e da Aden arabe é que merecem os incommodos de uma larga excursão por dentro de um forno.

Toma-se um vehiculo de praça, e manda-se bater para as *cisternas*. Esses vehiculos teem caracter. A caixa ou a capota é aberta em quadrado na parte posterior, permittindo que se estabeleça uma corrente de ar no sentido do andamento da tipoia; sem semelhante precaução mal se poderia supportar o fartum do cocheiro, arabe ou somali, que affronta e ameaça o nariz do passageiro com as largas costas, mal cobertas por cabaia leve e sempre alagada pelos esforços, do chicote e da voz, com que elle incita um ou dois cavallicoques, pequenos e atarracados, que não pertencem certamente á descendencia das cinco eguas illustres do Propheta, mas trepam laideiras com o desembaraço de cabras. Ha dois caminhos: um prolonga-se com a margem do porto occidental, e passa para o lado do Oriente por algum de dois extensos tuneis; o outro sóbe e desce as encostas do Chamchan, desfructando-se d'elle o panorama do mar, torreado por negros rochedos. Já o encontrei tomado por uma caravana, que largava para o interior da Arabia; pelos seus lanços de areia amarella desenrolava-se a perder de vista uma fita de camelos, carregados de fardos e feixes de verdura, de cavallos, montados por arabes de albornós brancos, de negros de roupagens vistosas, armados de lanças ou espingardas, e esta frota do deserto engolfava-se n'uma porta aberta n'um arco levantado no cume da serra, junto da qual fazia sentinella um tostado sipal de turbante amarello, que representava n'aquelle quadro animado o poderio da Grã-Bretanha guardando as vias do commercio da Asia. Esta porta e este caminho não são novos, ou teem antecedentes seculares. A cidade—dizem os *Commentarios*,—tem «uma estrada larga, que vem do sertão ter a uma porta, que está na serra, com duas torres muito fortes, e por ahi se serviam os camelos esses dias que a nossa Armada esteve no porto, porque das naos, e dos bateis, os viam os nossos ir, e vir carregados por esta estrada, e entrarem pela porta da serra.»

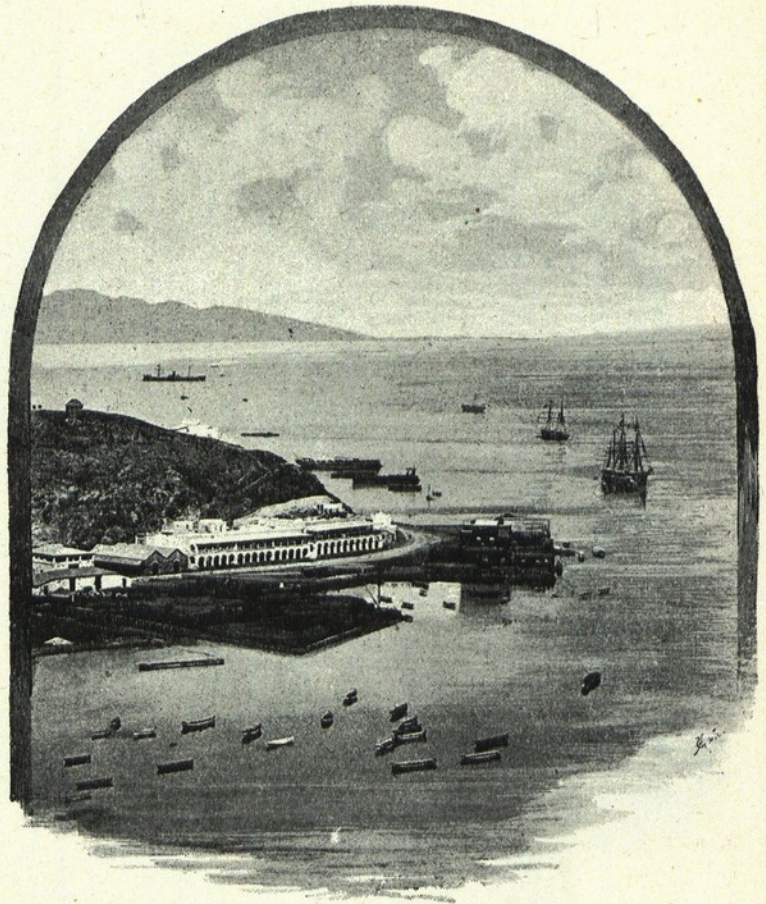
Passado o arco desce-se com rapido declive para a planicie, onde se avista, accumulada, a casaria da cidade arabe; costeia-se um terreiro, onde pacificos *navios do deserto*, fundeados sobre as pernas dobradas, esperam compradores mastigando pachorrentamente folhedos amarellentos; e d'ahi partem boas estradas marginadas por casernas, caravançarás, armazens, capellas de muitos cultos, enfiamentos de arcarias, que levam o visitante a um logar onde a planura é fe-

chada abruptamente por muralhas de rocha, talhadas ora a pique ora em asperos taludes. N'um angulo reintrante formado por essas muralhas, e, no vertice d'esse angulo prolongado por uma fenda aberta na espessura do rochedo, massiços de verdura sombria salpicados de branqueamentos annunciam a humidade esparzida pelas famosas cisternas, fazendo contraste violento com a aridez do terreno no circundante.

Essas cisternas são, antes, enormes tanques a céu aberto, escavados no sopé ou nos interstícios dos penhascos, de modo a recolherem as aguas fluviaes que sobre elles caem e d'elles escorrem. Algumas devem de ser meras cavidades naturaes, preparadas para reterem as aguadas que recebiam por força da configuração do solo adjacente. Umas tem bordas ou parapeitos de alvenaria, outras, são resguardadas por grades de ferro, e todas foram revestidas interiormente de betume. Desce-se para o seu fundo por estreitas escadas praticadas nas paredes. Uma lapide recorda aos arabes que devem á administração britânica o concerto d'aquelles colossaes reservatorios de vida; um poço com uma bomba facilita a elevação da agua ás mulheres da povoação visinha, que a cada momento se grupam em volta da sua bocca, equilibrando sobre a cabeça ou amparando nos hombros os cantaros e as jarras. Junto das cisternas, cravando as raizes nas suas argamassas á procura de fresquidão, aspirando soffregamente os vapores que se exhalam dos seus largos bojos, vecejam algumas arvores, as unicas de Aden, e no chão que as separa e rodeia simulou a pertinacia ingleza um jardim, com seus *chalets*; desconfio, porém, de que as plantas são principalmente regadas pela transpiração dos visitantes. As massas rocheas, levantadas quasi a prumo, que oppõem o seu enorme guarda-vento ás aragens do mar, armazenam tanto calor n'aquelle recinto que só elle deve consumir mais agua, pela evaporação, do que todos os habitantes de Aden.

Nas cisternas cabem 4:000 toneladas do precioso liquido, mas em Aden só chove, termo medio, de sete em sete annos, e esse fornecimento incerto não basta para uma povoação de perto de 30:000 almas. Nunca

vi os monstruosos tanques senão quasi despejados. Antes ou depois da sua construcção, não sei quando, velhos domiradores trataram de abastecer a cidade levando-lhe agua de longes paragens, e ainda ha vestigios do aqueducto incumbido d'essa obra de misericordia, de que os *Commentarios* deram fé e testemunho. «Ao longo d'este caminho, — dizem, fallando do que liga a cidade, — vem um cano de agua, que passa pela ilharga da ponte, e vae cahir em um tanque grande de pedraria, que está uma legua da cidade, e ahi vem os camelos por ella.»



ADEN — O PORTO

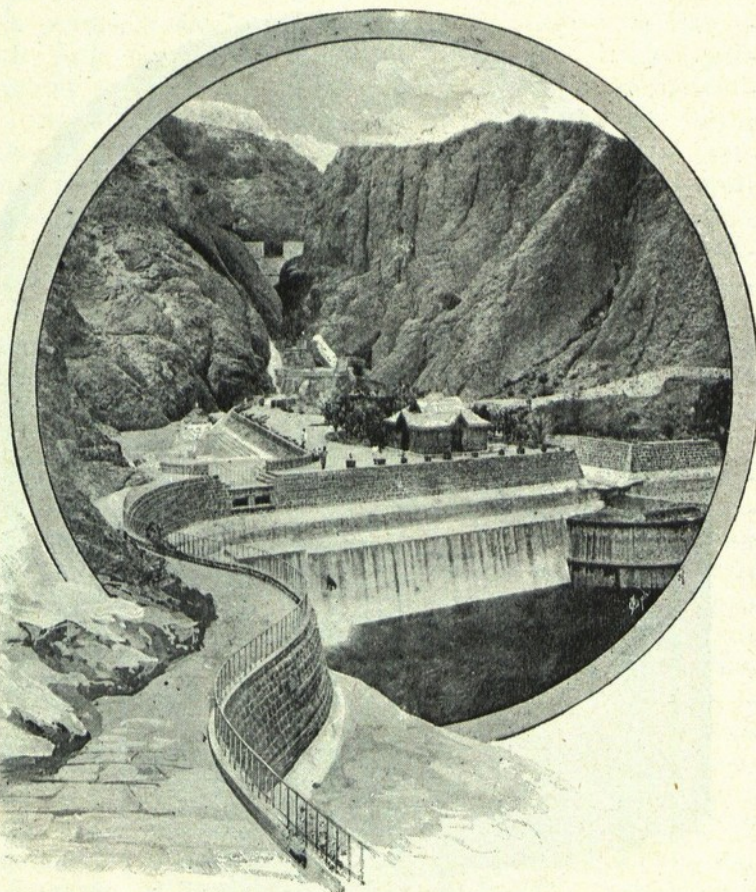
Os inglezes, porém, não se contentaram com estes meios de abastecimento, e asseguraram-n'o por processos mais simples. Montaram, no *Steamer-point*, enormes destilladores d'agua salgada, e são essas possantes machinas que principalmente suppreem a população europeá, a qual, todavia, se desacostumou de beber agua. Bebe a toda a hora limonadas gazosas, soda-water, refrescos fabricados na Europa ou na India.

A outra obra monumental de Aden, que se inculca aos viajantes, são os tuneis, furados ao nivel do solo adjacente, na lombada da serra que desce para a parte do continente. Teem altura e largura para dar passagem a

carros carregados, e tanto comprimento que os não percorre á luz do dia, sendo a sua escuridão apenas mitigada por lampeões suspensos da abobada. Bem mais monumentaes são, todavia, os trabalhos de defesa realisados pelos modernos dominadores. Se viesse sobre Aden todo o poder da Arabia, a guarnição britannica poderia resistir-lhe n'um vasto campo entrincheirado, verdadeira cidade militar, em cujo desenho e construção a engenharia aproveitou habilmente as disposições estrategicas do terreno; e em cada morro que assoberba os portos, em cada ponta

sinho sobre a orelha e flexivel junco na mão, ou com avantajados marathos, a quem a ordenança só permite serem hindús na cabeça, envolta nas pregas symetricas do turbante. Na cidade e em Perin ha perto de 2:000 d'estes paladinos do *rule Britannia*, e a sua camara-dagem não envergonharia, emquanto ao aspecto, os famigerados *horseguards*, enlevo das *chambermaids* de Londres e modelo artistico dos soldados de cartão. O calor não lhe amolece e dobra a espinha, não! São muito mais brancos, — os da Europa, — do que os nossos guerreiros que tanto receiam crestar-se nas solheiras da Africa; todavia, não se passa pelo campo entrincheirado sem os ver em exercicio, e já os encontrei, debaixo de um calor de fundir bronze, arrastando a braço, por uma ladeira acima, tremendos canhões de fortificação. Tive desejo de perguntar se por aquelle serviço exigiam pret dobrado e pensões para as familias.

O bairro indigena é chato, branco, alinhado, rectangularizado, fazendo lembrar dados de osso arrumados sobre um taboleiro. As frontarias das casas assentam quasi todas sobre arcadas, semelhantes ás do nosso Terreiro do Paço e de muitas ruas e praças de Portugal, que recebeu do Oriente aquelle modelo de abrigos. A apparencia geral da casaria é pobre e lavada, mas lá dentro fermentam as crapulas orientaes. Os bazares e os cafés indigenas disfarçam lupanares e fojos de salteadores, e a noite não é segura para os estrangeiros



ADEN — CISTERNAS

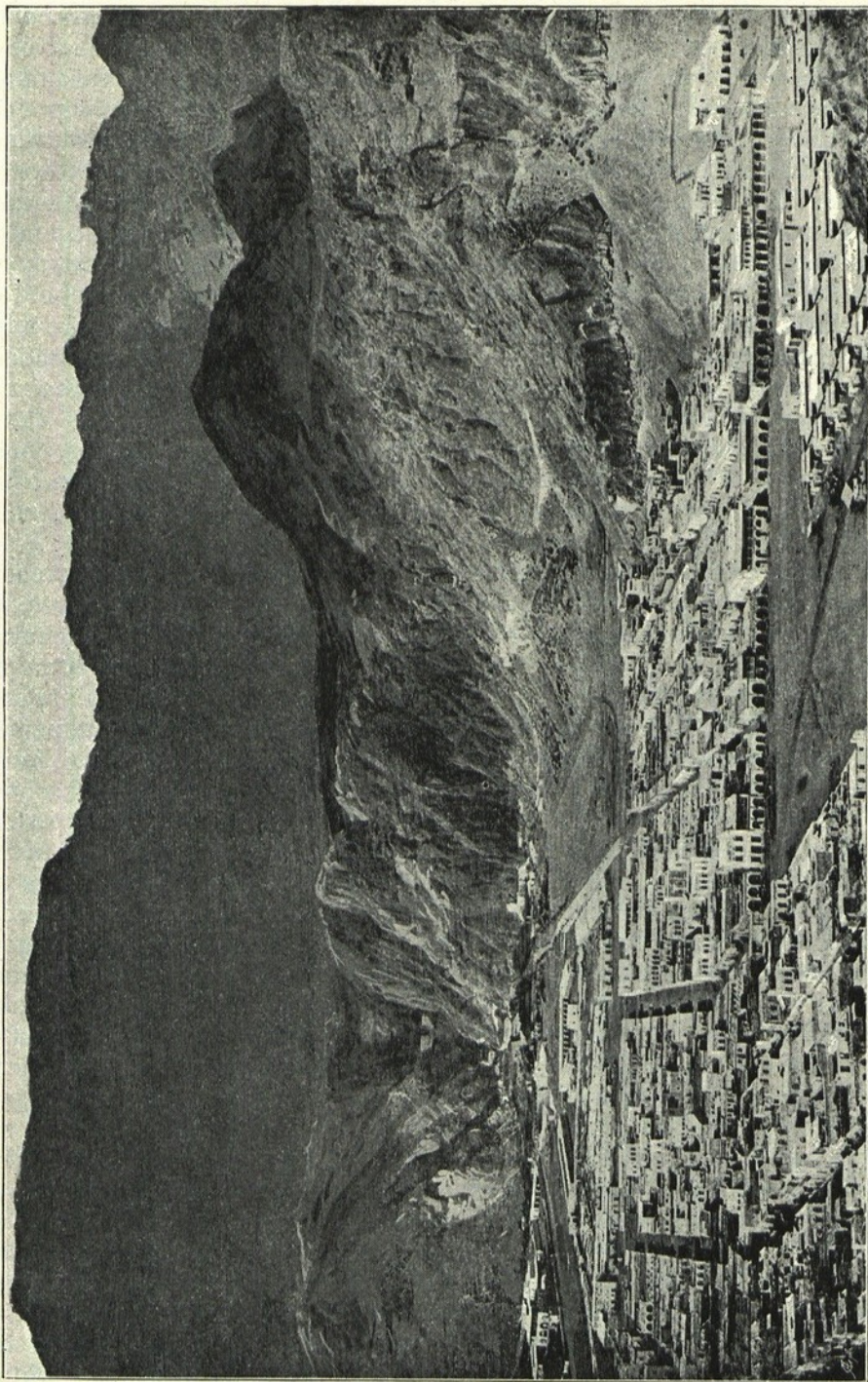
de rochas que cresce para o mar, formidaveis baterias, arrogantes ou dissimuladas, fulminariam as esquadras temerarias que se arrotassem com aquelle Gibraltar asiatico. Em Aden, o espirito pacifico de mercancia faz alliança com o arreganho bellio. Os armazens entram em fileira com as casernas, edificações singelas feitas de tijolo e de argamassa amarellenta, que parecem ter subordinado todo o seu plano ás condições de ventilação, tendo mais rotulas e persianas do que paredes e tectos; nas ruas e nas estradas, os grupos moirejantes de carregadores somalis cruzam-se a cada passô com ranchos de artilheiros europeus, que passeiam n'aquelle pontal do Yemen como em *Regent's Park*, de bone-

n'aquella colmeia vadía.

No *Steamer-point* encontra-se o viver europeu, modificado apenas pelas temperaturas de 50 gráus. Nos hotéis comem-se bifes em sangue com batatas *soufflés*, como em qualquer *restaurant* de Paris ou Londres, mas os bifes e os comensaes são perfeitamente abandonados por enormes *pancares*, puxados rythmicamente por indigenas acorçados. As mobílias conservam as fórmulas que se consideram civilisadas ainda quando são irracionalmente incommodas, mas já se enriquecem com os trastes inventados pela preguiça do Oriente e accomodados á predilecção dos orientaes pela horisontalidade, como as cadeiras-leitos de bambú e as poltronas de costas descahidas

e braços prolongados para sobre elles se estenderem as pernas. Ainda se respeita no vestuario o figurino legislado pela alfayateria culta, mas todas as roupas se adelgaçam no

Porto-Said é o primeiro gráu, e a differença de uma para outra é constituida principalmente pela população inferior, que na colonia ingleza é absolutamente extra-européa.



ADEN — A CIDADE VELHA

estofos e se afastam do corpo, e os chapéus propendem para se converter em guarda-soes ou alpendres, e transigem com os panos soltos, em que os arabes envolvem a cabeça, adoptando os véus enrolados. Aden representa, pois, um segundo gráu da escala de transição entre a Europa e o Oriente, de que

O elemento preponderante, em numero e actividade, d'essa população, são os somalis, que immigram para Aden por milhares, — o que é mais um testemunho de que ás raças africanas não repugna invencivelmente o trabalho. Esses immigrantes são nas suas terras os mesmos selvagens que dos penhascos do

Guardafui espreitam os navios, desejando que algum dê á costa para o saquearem; em terra estranha convertem-se em instrumentos disciplinados da civilização. Com a gente autentica de Somal misturam-se representantes de todos os crusamentos dos typos semita e kamita com o typo negro, como abexins, gallas, bedjarins, baris, e por isso nas ruas de Aden encontram-se todas as gradações de côr de pelle, desde o amarello dos puros arabes, *El-Asfer*, e do vermelho dos egypto-berberes, *Al-Ahmar*, até ao negro azevichado. A maioria d'esses africanos são esbeltos e robustos, e não poucos teem feições regulares e delicadas; dá-lhes, porém, um aspecto extravagante e selvatico o costume geral de pintar de vermelho os cabellos, corredios ou encarapinhados. Essa pintura faz-se com o succo das folhas de uma planta que em sua-hili se chama *mendi*, misturado com sumo de limão. Creio que é indelevel, porque não vi que desbotassem as grenhas dos rapazitos, que passam a vida a chapinhar no porto. E não se applica só ás vellosidades humanas. Em Aden, nos bairros excentricos, vagueiam nas ruas innumeradas cabras brancas, de formas airosas, de focinho rosado, que seriam o enlevo da Dinorah, e notei com espanto que muitos d'esses animaesinhos tinham no pello caprichosas malhas vermelhas de diversos tons: é que os seus donos teem o depravado gosto de as caracterisar com a tintura do *mendi*.

Vista por dentro, Aden é, pois, uma cidade curiosa, com elementos de pictoresco, memorias archeologicas, obras monumentaes, cunhos de civilização, aspectos de opulencia, população interessante; mas vista de longe parece uma pinha de armazens encostados a uma montanha de carvão de pedra. A sua verdadeira superioridade é, porém, esse porto que lhe fez o destino, embora as suas aguas escondam bancos, hoje marcados pela mastreação de um paquete encalhado da *Peninsular*, e sejam encrespadas a miude pelos ventos de *monsão*, que levantam rijas calemas.

E' vivo e animado o movimento da espaciosa bacia. De quando em quando sobem e descem bandeiras de côres vivas nas adriças do mastro semaphorico cravado em terra, e divisa-se no horizonte azul um ponto escuro, que logo se alastra em nuvensinha de fumo, mais logo descobre topes de mastros, depois um canno empennachado de machina, por fim vagos perfis de casco: um navio do tamanho de uma gaivota vem crescendo, emergindo da agua, dilatando-se no espaço, adelgaçando as velaturas que esbatiam os contornos, revelando côres, fixando fórmias, avolumando sempre, até parar, offegante, já con-

vertido n'uma cidade com a população apinhada nos terraços das casas e nos parapeitos dos caes. E' algum paquete colossal da *Pi and O* ou das *Messageries*, que vem da China com as chaminés cuspidas de sal pelas ondas, ou que vae para a India correcto e brunido como um lord passeiando em *Hyde-Park*. Buzina a sereia espavorindo bandos de aves aquaticas, baqueja o ferro na agua com um arrastar rapido de correntes, ejacula o vapor dos flancos do monstro em borbotões sussurrantes, e estas vozes, que fazem echos cavernosos nas sinuosidades da terra, chamam rebocadores atarefados, que arrastam, resfolegando ruidosamente bojudas barcaças de carga; entre o paquete e os caes, onde se percebe de longe um fervilhar de vultos negros sobre a areia amarella, estendem-se linhas quebradas de escaheres de toldos brancos, cujos remos cadenciados entornam scintillações das pás, e de toscas embarcações indigenas, em que os tripulantes indolentes aproveitam a viração estendendo n'um croque os matisados pannos de cobrirem os rins.

N'um relance, o navio apparece cingido á flor d'agua por legiões de barcos, que fazem lembrar cardumes de peixes assaltando uma baleia morta, e pouco depois começam de dispersar-se as flotilhas de trabalhadores do mar, fumegam as chaminés, distingue-se o tilintar dos telephones da ponte, sobe o ferro, içam-se as escadas dos portalós, e o soberbo transporte move-se magestosamente, arreando a bandeira com lentidão solemne, atordoando os ares com as notas mais vibrantes da buzina, e faz-se ao largo deixando a derrota marcada no mar por uma faixa lisa e esbranquiçada.

Emquanto os navios estacionam no porto são invadidos, como em Porto-Said, por um tropel de bufarinheiros, que, pela variedade dos typos, dos vestuarios, dos idiomas, enriqueceria um museu de ethnographia, e que apregoam, inculcam, exhibem, empurram, mettem á cara as mesmas frandulagens que os seus collegas do Egipto, com equal impertinencia e uma loquacidade epileptica, que se desafoga em inglez, em somali, em turco, em hebraico, em francez, em italiano, em idiomas da India, em idiomas que se não fallam em paiz algum, e que a bordo dos paquetes da Mala Real se enriquecia com uma phrase *ad hoc*, pronunciada com pictorescas accentuações: *compra, sior portuguez, compra!*

Não ha meio de fugir da balburdia sem treguas, porque um navio de carga em porto de escala é um cahos de tantas toneladas de lotação. A' prôa referve e explode a faina. Chiam os guinchos, bufa o vapor, rangem as correntes nas roldanas, silvam apitos, as lin-

gadas batem trovões no taboado do convez, esbarra-se em fardos, tropeça-se em cabos, marujos azafamados distribuem cotovelladas, carregadores atropellam, os escotilhões escancaram abysmos deante dos passos incautos, passam sobre as cabeças volumes esmagadores, os porões exhalam bafio, a carga exhala poeira, os negros exhalam catinga, tudo é tropel, grita, embate, confusão, lixo, bulha, suor, sob um sol que abrasa a ferragem e empolla as tintas, e em cujos feixes de viva luz amarella revoluteiam detritos parecendo turbilhões de serpes. Isto de portálós a dentro: de fóra entram toadas de estranhas melopéas, cantadas em côro por magotes de trabalhadores negros, sentados com os joelhos á bocca em cima da saccaria cogulada em pesados batelões, que percutem o costado do paquete a compasso das ondulações do mar, e penetra o grito estridulo, uivante, impertinente, de *à la mer, à la mer! ohé! ohé!* Soltam-n'ò cardumes de rapazes somalis, de negros corpos delgados e flexiveis como cobras d'agua, e intensas grenhas tintas de vermelho, que em ligeiras almadias de casca de arvore pedem aos passageiros que atirem alguma moedinha de prata ao fundo do mar, para elles irem buscal-a n'um mergulho. *A la mer, à la mer, ohé! ohé!* repetem de novo esses amphibios humanos, surgindo do centro de círculos convulsos da agua espumosa, e mostrando triumphantemente a moeda pescada no mergulho: *à la mer! à la mer, ohé! ohé! ohé!*

Estes mergulhadores infantis constituem uma nota característica do porto de Aden; característica, mas terrivelmente importuna. Já os navios têm levantado ferro e deixado a terra pela pôpa fóra, e ainda echôa dentro do craneo dos passageiros o implacavel *ohé! ohé! à la mer, à la mer!*



O Guardafui!

Este famigerado cabo, cujo nome falla de temporaes e naufragios, pareceu-me um outro Adamastor sanhudo quando pela primeira vez lhe avistei, nas sombras do entardecer, o vulto colossal. Percorrêramos o golfo profundo de Aden com pesada calma, mas quando já se tinha desenhado pelo travez, em escorço, o phantastico *Elephante* deitado sobre o ventre, começou de acinzentar-se o céu e encapellar-se o mar por avante da prôa, e desabou sobre ella, sem dar tempo a ferrar os toldos, uma ventania desabrida. Era a monção do sudoeste — estavamos em julho, — que nos colhia a descoberto do cabo, com as suas rijas lufadas; era o oceano Indico que mandava as suas largas vagas re-

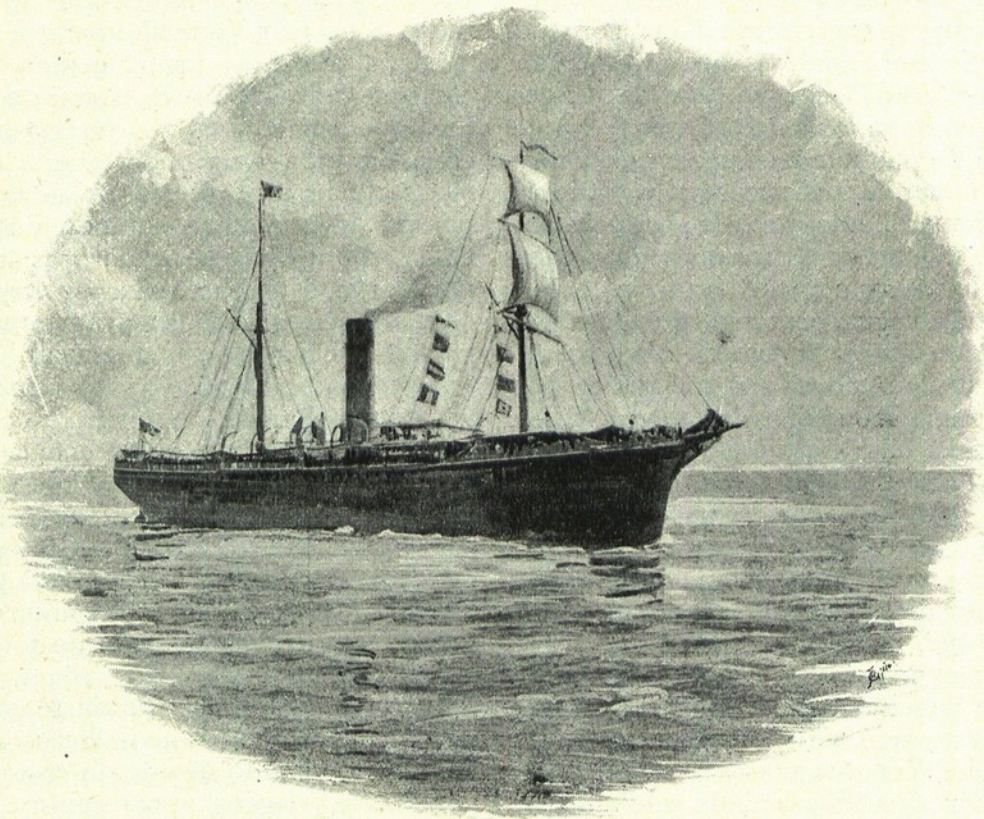
cordarem-nos os perigos que affrontavam os velhos marinheiros portuguezes, quando, n'aquellas mesmas paragens traçoceiras, davam caça ás náus de Meca. Aquillo, sim: já dava uma idéa do mar, do mar cujas coleras se diz serem uma reminiscencia do cahos, do mar que ora entulha abysmos com montanhas ora sorve montanhas em abysmos, d'esse mar que synthetisa nas tres letras do seu nome o que ha de mais irresistivel na força, de mais incommensuravel na grandeza, de mais terrivel na colera. Até ali só tinhamos navegado em lagos, em poças sem bordas visiveis. O solido paquete, que no Mediterraneo e no mar Vermelho parecia pezar nas aguas e calcal-as, jugou, gemeu, torceu-se como se resvalasse pela espiral de um parafuso. De espaço a espaço repuxava-lhe para cima da prôa uma onda, aberta como um leque de brancas plumas frisadas, e o que parecia leve espuma soprada despenhava-se-lhe sobre o convez com o estampido de um trovão. Não chegava a ser *tempo*, diziam os marinheiros; mas firmavam as plumas da chaminé, cujas chapas resoavam como um *tam-tam* sob as pancadas do vento, que silvava no aparelho, ensurdecia com os rugidos, tapava a respiração com a violencia dos embates, desequilibrava sobre a ponte o official de quarto, e derramava por todo o navio uma chuva tamisada que encharcava os rostos em sal. E no meio d'esta trabuzana via-se a distancia crescer, agigantar-se, ennegrecer, uma tremenda mole de rochedos, — o Guardafui, — estampada n'um céu acobreado e pousada n'um turbilhão espumante, cujos escarceus subitaneos lhe escalavam as fragoas, tombando depois em cascastas.

N'outras viagens appareceu-me o Titan tão demudado d'este fero aspecto, que lhe perdi o respeito.

Passei rente com elle, sobre um mar de vidro polido, quasi na sombra projectada pela sua corpulencia, E' uma massa de rochas amarelladas e negras de cêrca de 1:000 pés de altura, cortada quasi a pique sobré o mar na sua face que olha para nordeste, e enrocada por enormes penhascos soltos de formas caprichosas; mais ao sul uma rampa accidentada desce de sua plataforma para a praia arenosa. As rochas são fendidas, lascadas, torturadas, e raros arbustos cravam as raizes nos seus intersticios e nas camadas de areia que as entremeiam ou cobrem. De habitações humanas não ha vestigios até onde a vista alcança; dê, porém, á costa algum navio, e logo se arrojão sobre elle bandos de somalis, para o metterem a saque. Nem estes casos são raros. Desenvolvem-se ali em certos tempos correntes impetuosas, que arras-

tam as embarcações para a terra, assim como existem saliências de costa que, em más condições de observação, podem ser tomadas pelo Guardafui, e as victimas d'estes enganões são implacavelmente assaltadas, espoliadas, quando não trucidadas pelo gentio. Contudo, nenhuma luz assignala ainda o medonho promontorio. Culpada imprevidencia? De certo que não. E' provavel que fosse difficil aos proprios inglezes sustentar e defender o pessoal de um pharol em paiz tão inhospito e na visinhança de povos ferozes.

da costa para fugir ao maior embate das correntes que costumam acompanhar os ventos rijos. No intervallo das monções, e mórmente nos mezes de outubro a novembro, o mar indiano, na sua faixa que borda a costa d'Africa, tem largas temporadas de bonhomia, em que se alisa como um tanque; todavia, ainda n'essas epocas não é raro convulsionarem-n'o tempestades, como a que desmastreou a fragata *D. Fernando*, e as mudanças repentinas de monção produzem as chamadas *monomocaias*, temidas em toda a costa, e de que ha



O PAQUETE MALANGE — NO RAS HAFUN

O mar das Indias, em cuja vastidão se entra dobrando o Guardafui, revela á menor agitação a profundidade dos seus abyssos; a vaga é larga e magestosa, estende-se e intumesce-se por largo espaço até rebentar pelo seu peso n'uma extensa franja de espuma, cujos flocos brancos desbotam a côr da agua envolvendo-se com ella. Nos mezes de abril a outubro, e especialmente de junho a agosto, em que reina a monção fresca do sudoeste, é frequentemente duro e tormentoso, e as borrascas renovam-se tambem quando sopra impetuosa a monção do nordeste, que traz da India os pangaãos e o calor miasmatico. Affrontado pelo sudoeste vi eu o *Rei de Portugal* reduzir o seu andamento de 300 a 100 e a 80 milhas por dia, apesar de se alongar

memorias tragicas na ilha de Moçambique, onde se conta que por occasião d'esses tufoes tem chegado a agua a saltar de uma para outra costa, atirando os seus jactos por cima dos edificios.

A navegação do mar das Indias, mesmo perto das margens occidentaes, não é, portanto, sem perigo, e é principalmente incerta. Arma-se uma trabuzana de um momento para o outro, quasi sem se annunciari, e sem o barometro a prever. Depois, as correntes são caprichosas e violentas. Conta-se com algumas, como a equatorial, que, incidindo sobre a costa na latitude approximada do Cabo Delgado, ahi se bifurca, correndo um dos seus ramos para o norte e outro para o sul; mas outras ha, dependentes de ventos irregulares

e de causas fortuitas ou ignoradas, que desafiam todas as previsões. Essas, ora dão aos navios velocidades inesperadas que os fazem varar os portos, ora lhes contrastam os esforços das machinas e os impulsos das velas, e não raramente atiram com elles para cima da terra ou desviam-n'os para o mar largo; e estas intervenções de forças brutas nos calculos da navegação tornam-se especialmente perigosas por ser o mar da costa africana, em parte, semeado de ilhas, quasi todas ás escuras, cortado por pontas de terra, ás vezes abruptas, e obstruido por bancos. O serviço da nossa *Divisão da Africa Oriental* é, por isso, uma boa escola de marinheiros, apesar dos navios estarem mais tempo fundeados nos portos do que em viagem.

Aos artistas recommenda-se este oceano, na zona africana, pelos esplendidos e variagados quadros de sol poente que se pintam nos seus horisontes, especialmente no outono, quando as aguas são espelhantes e ha nuvens soltas no céu. Nas paragens tropicaes, a luz possui uma palheta riquissima em tintas, e as tintas teem infinitas gradações que se combinam, alternam e substituem de mil modos no colorido das aguas e dos ares, das manhãs e das tardes, das serras distantes e das orlas do horisonte, das madrugadas e dos occasos. Ha auroras em que se julga estar mergulhado n'uma immensa opala, e tardes em que se navega dentro de um rubi. São frequentes os occasos que accendem aureolas colossaes, formadas de faixas vermelhas perfeitamente symetricas e distinctas, que tomam meio céu; e, quando o sol baixa por detraz de nuvens espessas e rotas, *especa-se*, — como dizem os maritimos, — projectando, pelas roturas das massas de vapores que lhe encobrem o disco, feixes de raios, nitidas columnas de luz, que, no mar coberto de sombra, assentam em plinthos dourados. Se o tempo está vario, tambem as chuvadas compõem phantasiosos scenarios maritimos, correndo entre o mar e o céu cerrações pardas feitas de traços obliquos, que se destacam de luminosos fundos azues, ou a meteorologia offerece o interessante espectaculo de uma *tromba*. Na fimbria de uma nuvem começa de pender uma ponta, uma como estalactite de algodão pardo, que ora se prolonga, ora se retrae tornando depois a prolongar-se, e lança de si um tenue fio de vapores que vae engrossando, condensando-se, escurecendo, e parece puxar para o céu, pelo vertice, uma stalagmite que se formou á flor d'agua; esse outro cone vae-se tambem alongando e afilando, como se fosse elastico, e solda-se afinal uma columna, sombria, dilatada nas extremidades e de contornos incertos, em volta de cuja base

borbulha a agua branca. Depois, a columna adelgaça-se no meio, subtilisa-se, reduz-se novamente a um fio; o fio parte-se, e os dois troços separados voltam outra vez á forma conica; o de baixo abate-se rapidamente, e o de cima fica largo tempo suspenso no espaço, recurvando-se, soltando de si flocos esgarçados, até se esvaír de todo. Na zona de negrumes onde a sombra se formou desabam pesados aguaceiros, e perto d'ella estende muitas vezes o sol largos tapetes de luz.

Estas decorações dos elementos distraem da solidão o mar. A costa oriental de Africa é pouco frequentada pela navegação; passam-se dias e dias, faz-se a viagem do Guardafui a Zanzibar e de Zanzibar a Moçambique, sem se festejar a appareição de um pennacho de fumo ou de um pharol errante; quasi se não divisam senão pangaios, roçando-se pelo littoral, sabe Deus com que intentos! Avistar por lá alguma baleia a repuxar á flor d'agua, tambem é rara aventura, que sempre invejei sem nada ganhar com a inveja; a *Liberal*, porém, viu perto de Lourenço Marques, ainda no verão de 1892, coisa mais rara do que a lombada negra de um cetaceo, viu um baleote travado corpo a corpo com um espadarte; pulando e revolvendo-se ambos na agua laivada de sangue. Por mim, apesar de ter passado horas e dias a olhar para as aguas, no deleitoso entorpecimento que produz o seu marulhar rythmico, nunca descobri senão corpulentas toninhas ás cambalhotas, e bandos de peixes voadores em adejos.

Principiam de encontrar-se no mar Vermelho estes curiosos elos entre a ave e o peixe, e no oceano indico, quando o ar está quente e a agua tranquilla, vôm em cardumes, soltando o vôo todos a um tempo e espalhando na agua agitada instantaneos reflexos prateados. E os seus voejos, tão rapidos que a vista mal os acompanha, transpõem curtos espaços, e de ordinario pouco se levantam da agua; todavia, alguns vão cair dentro dos navios de alto bordo, talvez impulsionados pelas ondas, e só então podem ser bem vistos. Parecem sardinhas, de escamas mais azuladas e mais reluzentes, providas d'azas cartilaginosas recortadas nas orlas.

A costa ao sul do Guardafui é tão dura e arida que os proprios indigenas lhe chamam *Barr-el-Khaza*, a costa rochea. Não tem portos nem dá abrigos, e alonga pelo mar perigosas pontas e montanhosos cabos, um dos quaes, o Ras-Haffun, tem o aspecto, visto do largo, de uma enorme meza de arestas vivas e faces aplainadas. Defronte d'ella cruzei-me uma vez com o *Malange*, que vinha de Zanzibar offerecendo panno á monção do sud-

oeste, e a bordo do *Moçambique*. onde eu ia então, tanto se festejou o encontro que para memoria d'elle photographou-se o brilhante paquete, no acto de nos perguntar por signaes se precisavamos de alguma coisa. Nós estávamos parados despejando uma caldeira, em que se receiava que houvesse avaria.

Gastam-se perto de cinco dias do Guardafui a Zanzibar, e durante elles quasi nunca se avista a terra. E' o lanço mais fastidioso de toda a viagem de Lisboa a Moçambique, para quem não sabe entreter-se com o mar nem descobrir distracções no viver de bordo. Apenas a passagem do equador faz ás vezes registrar episodios burlescos de ignorancia e facecias de jovialidade maritima na chronica sorna d'esse viver, de ordinario só preenchida pelos *menus* das comidas. Apesar da *diffusão das luzes* e da vulgarisação das viagens, ainda ha bemaventurados que querem ver a *linha*, no mar ou no céu, não sabem bem onde, e ha felizes que a distinguem nitidamente, se a procuram com um oculo sobre cujas objectivas se passou, sem elles perceberem, um tenue fio de seda. Vão-lhes lá dizer, ao cabo da viagem, que a *linha* é convencional; se elles a viram, com aquelles que a terra ha de comer!

Ao innocente prazer de mystificar estes credulos associam-se, quando ha calma no mar e nos animos, os regabofes tradicionaes da festa de Neptuno, temida pelos *pelludos* e querida pelos tripulantes.

Onde estas festas se celebram com todas as cerimoniaes do velho ritual dos marinheiros de cabos fóra, arria-se despercebidamente dos passageiros um escaler que depois figura dirigir-se á força de remos para o paquete e intimal-o a parar; o navio obedece, e sauda com um tiro de peça a visita do deus do mar e da sua comitiva bisarra de tritões. Outras vezes simplifica-se este ceremonial, e Neptuno apenas cae de uma verga sobre o convez, tão real e verdadeiro como a Sapho que no nosso theatro lyrico se despenha dos rochedos no final da opera. O bando folgasão vem mascarado com quantas farroupagens poderam fornecer os guarda-roupas dos porões: velhas fardas viradas do avesso luzem os seus forros vistosos, saias de mulheres atadas ao pescoço figuram vestimentas mythologicas, busios enormes servem de capacetes, chifres ôcos imitam businas, e nunca faltam a Neptuno os accessorios symbolicos de umas longas barbas de estopa e de um tridente, prateado com involucros de charutos finos. O terrivel mano de Jupiter bota uma falla, em calão de bitacula, aos passageiros reunidos; ameaça fazer ir tudo com milhentos diabos se os caloiros que ainda não passaram a linha não pagarem

a *patente*. Pelo velho codigo deveriam ser mergulhados no mar; mas como está fria a agua e elle, Neptuno, está em maré de clemencia, condemna-os apenas a serem barbeados e escanhoados pelos seus tritões, que para isso trouxeram um caldeirão de rancho cheio de espuma de sabão, um lambaz para servir de pincel, e navalhas de barba, do tamanho de um braço, cortadas na folha de uma pannela fóra de uso. A maruja applaude n'uma verdadeira faina geral de risota, os caloiros resgatam-se da escanhoadella pagando a patente a dinheiro, e alguns desconfiados esbravejam, representando assim o melhor numero do spectaculo, que vae acabar á prôa, em ruidosas expansões de jovialidade, de que ás vezes são victimas os moços e creados de primeira viagem, que Neptuno baptisa com baldes d'agua ou a quem os seus ministros rapam meia cabeça.

E' boçal, tudo isto; mas as gargalhadas francas fazem echos tão festivaes nas solidões do oceano!

Passando ao largo de muitas terras que recordam glorias portuguezas e teem os nomes registados nos *Lusiadas*, chega-se afinal á latitude de Zanzibar, e aprôa-se a oeste, deitando o rumo por entre uma costa e uma ilha cobertas por alta e densa vegetação. Verdura, verdura, arvoredos copados, chão arrelvado, ha quanto tempo se não viam essas galas de natureza! Desde Suez, onze ou doze dias passados! A vista, ferida de se roçar em areas e de esbarrar em rochedos, balsamisa-se n'aquellas margens viçosas de um mar de profundo azul, encrespado por pequeninos seios arfantes.

Com essa primeira ilha enfia-se outra e outra, todas parecendo parques plantados n'agua, algumas marcadas por pharoes e balisas branquejantes; depois, começam de se incrustar edificios recortados nos massiços verdes, avistam-se por todos os lados terras luxuriantes ou penhascos esburacados como esponjas pelas ondas que os circumdam, e surge-se n'um vasto porto coalhado de navios, em frente d'uma cidade alegre, vigorosamente colorida, toda enramatelhada com mangas e palmeiras, mastreada por flexas e minaretes, empavezada com bandeiras e franjada á flor d'agua por mastros movediços de pangaios. Esplendido panorama, alagado de luz, rico de tintas, vivo, quente, oriental!

Quem quizer conservar esta grata impressão de entrada, não deve, porem, desembarcar nem sequer esmieuçar o panorama. Zanzibar é para ser vista de longe e sem oculo.

Os desenganos começam no desembarque. Ao atravessar o porto n'um catraio tripulado por negros falladores, é raro escapar aos bor-

rifos da *calema*, quasi constante, pelo menos em certas epochas do anno, e não se salta em terra sem imminente risco de quebrar as pernas. Ha um caes de pedra, que teve duas escadas lançadas sobre a praia; mas as escadas transformaram-se em montões de lages e pedras de alvenaria, cobertos de limos escorregadios, que é forçoso galgar com pernas de gigante e equilibrios de arlequim, quando a maré está baixa. O caes limita uma grande praça irregular, mal gradada, que dá acceso á residencia do sultão, cujo corpo principal é constituido por um edificio vasto e elevado de forma quadrangular, guarnecido de largas varandas sobrepostas com gradeamentos recamados de douraduras e renques de candelabros, destinados ás illuminações rituaes das grandes solemnidades mussulmanas; sobe-se para elle por uma ampla escadaria, cujos patamares são guardados por soldados de apparatusos uniformes. Este edificio sem arte, sem gosto, mas com uma certa magestade, comunica por passadiços cobertos com pavilhões de galerias envidraçadas que olham sobre o porto, e com o harem, vasta mole de paredes denegridas e janellinhas de rotulas, e em frente d'estas construcções irregulares e desconnexas, de edades diversas, apruma-se

uma torre isolada e esgalgada, que serve de pau de bandeira do sultanato, de posto semaphorico, de pharol, de regulador da hora official, e sobre o qual um sultão já fallecido, creio que Said-Bergasch, quiz revelar ao seu povo as maravilhas de sciencia europea deslumbrando-o com os esplendores d'um facho electrico, que ainda agora se accende em certas noites, tingindo de claridades brancas os cascos e os apparatusos dos navios fundeados. Nos baixos do palacio, estacionam guar-

das numerosos de persas ou zanzibaristas com as espingardas ensarilhadas, e todos os dias, de manhã e á noite, vão bandas marciaes, em cuja organização predomina a pancadaria, saudar com o hymno e recrear com melodias indigenas o bemaventurado sultão, que se digna apparecer ao seu povo do alto d'uma varanda. O hymno de Zanzibar assemelha-se ao inglez, e essa semelhança repre-



ZANZIBAR — EPISODIO DE UMA RUA

sentou a previsão d'um futuro, quasi inteiramente realisado hoje.

A praça é o ostentoso e mentiroso atrio d'uma cidade que não póde ser comparada com a nossa velha Alfama, sem offensa do brio lisbonense. Compõe-n'a um labyrintho de casas altas, de frontarias irregulares e denegridas, cujo unico luxo consiste nas portas exteriores, de valiosas madeiras caprichosamente lavradas, e nos massiços de edificações cortados ou antes fendidos por estreitas vielas tortuosas; cujo pavimento em regra é de

terra mal nivellada e endurecida pelo piso, quando a não empapam chuvadas. N'essas viellas, assombradas sim, mas tambem atabafadas pelas altas paredes e pelos estirados beiraes, condensam-se os bafos quentes e fétidos das habitações accumuladas, as exhallações miasmáticas do solo coberto de despejos e repassado por enxurros, e as secreções vaporizadas d'um formigueiro de transeuntes, indigenas de turbante e cabaia, macillentos hindús de algubas de matiz e barrete dourado, swahilis de corpulentos troncos mal cobertos por camisas brancas, que se crusam e se enfileiram nas labutações da vida ou nas *flaneries* de vadiagem trocando na passagem distrahidos *salamé!* Pardieiros em ruinas, montões de terras e caliças, edificios desalinados, ainda mais afeiam e obstruem estes miandros emmaranhados, e em alguns dos bairros archeologicos, vetustas pedras sepulchraes, encostadas aos muros, fazem desconfiar de que nas pestilencias da atmosphaera tambem ha cheiros dos mortos ali enterrados debaixo dos pés dos vivos.

Esta abjecção, esta sordidez, não encobrem, porém, a riqueza da cidade, activamente mercantil. Os estabelecimentos são baiucas de tectos baixos e toscas armações, mas n'essas baiucas accumulam-se productos opulentos da ilha e do continente fronteiro, de mistura com artigos luxuosos de todo o oriente, e até com primores artisticos da India, do Japão, do Ceylão, da China, colchas e chales de precioso labor, bronzes e porcellanas finas, ourivesaria delicadamente cinzelada, perolas e gemmas, cachemiras e plumagem. A's portas de lojas lobregas, ourives indigenas fundem, lavram e rendilham curiosas joias para pretas garridas, e as freguezas d'estes modestos artistas, embrulhadas em pannos de seda espalhafatosa, com pregos de pequenas cabeças douradas e prateadas cravados nas azas do nariz e nas faces, e enormes rodellas de filigranna embebidas nos lobulos das orelhas, provocam nas ruas os estrangeiros com palavras que os olhares traduzem. A par d'estas revelações d'uma abundancia que chega para pagar torpezas, observam-se provas de solidas abastanças. O movimento commercial do porto é importante, e coagula os navios de cravo, copra, gomma copal, pimenta, pelles, no valor annual de mais de 4:000 contos de réis. As vistas que penetram nas casas de sombrio aspecto surpreendem muito interior onde o conforto europeu se associa aos regalos da Asia para attenuar as inclemencias equatoriaes. Numerosos arabes trajam custosas sedas, montam cavallos de preço, usam armas de metaes e labores preciosos. Nas ruas menos estreitas rodam equipagens

luzidas, guiadas por cocheiros engalonados e precedidas por lacaios andarilhos, que ora apumados na trazeira do vehiculo, ora correndo adeante das parelhas, affastam os transeuntes a gritos repetidos de *semelé!* *semelé!* ou a açoites de chicotes curtos de muitas correias.

Mas o verdadeiro mimo e o luxo real de Zanzibar são os seus arrabaldes, em que vivem, ou teem casa de campo, os estrangeiros opulentos. Onde acaba a casaria apinhoadada, começa de estender-se um immenso parque natural, toldado com ramarias de todos os tons de verde e todos os moldes de folhagem, em que a graciosa arvore do cravo mistura os seus aromas com o da flôr do laranjal, o coqueiro estende a umbrella de olas sobre os cachos vermelhos das acacias, as copas escuras e luzidias das mangueiras contrastam com os lançamentos esfusiados das casuarinas de finas agulhas, e as mais variadas especies arboreas sombreiam moitas de arbustos entrelaçados e arrelvados de capim, a que a humidade dos pantanos perpetua o viço. Pompeia alli na sua plena exuberancia a flora tropical, tão rica de formas e de matizes, tão poderosa e tão delicada, e por entre os palmares e as mattas levantou a arte europea palacios e *villas*, *cottages* e *chalets*, casas de missões e pavilhões de clubs, hospicios e capellas, cujas frontarias alvejam pelas abertas das ramarias, e que alçam os mirantes e os lanternins, os corucheus e as grimpas, as flechas e as cruces acima das esplanadas ondulantes da verdura. Quasi todos esses edificios são elegantemente desenhados e alguns primam pelo gosto e pela riqueza. Os inglezes especialmente installaram n'aquelles hortos expontaneos o *country*, que elles sabem improvisar em toda a parte do mundo onde se enraizam, com as capellas onde entoam psalms, os terrados onde se joga o *cricket*, os salões em que se bebe cerveja, se lê o *Times*, as missões que espalham biblias e o aconchegado *home*, que é viveiro de *babies* de cabellos loiros caídos em aneis sobre largas camisollas de marujos. Mas não só elles os povoaram e decoraram. O proprio sultão tem uma casa de campo de architectura brinçada no meio de arvoredos frondosos, e as ostentosas vivendas dos ricos não expulsaram as cubatas de indigenas de orlados quintaes plantados de mandiocas.

Apesar de ser influenciada desde muitos annos, e agora dominada politicamente pelos europeus; apesar de na sua população indigena se terem misturado, especialmente na cidade, um sem numero de asiaticos, professores em todas as religiões e seitas religiosas em que é tão fertil a Asia, Zanzibar

não perdeu o seu caracter fundamentalmente africano nem o seu espirito essencialmente mussulmano. Os preceitos do Koran são cumpridos na ilha, e as solemnidades do islamismo são celebradas na capital, com pontualissimo zelo, e até com certa ostentação provocadora, por multidões compactas, no meio das quaes não é prudente perderem-se estrangeiros. Tambem os costumes e as praticas de antiga barbaria vão resistindo ás persuações e ás intimações da civilização européa e da autoridade britannica; assim, apesar do congresso de Bruxellas e do protectorado, é sabido que n'uma praça de Zanzibar, em dias certos da semana, funciona dissimuladamente um mercado de escravos, em que se vendem negros trazidos de muitas regiões do continente e até das vizinhanças de Moçambique, simulando-se que taes vendas são meras transmissões de antigos direitos de propriedade, anteriores ás prohibições fulminadas contra o escravismo. Os ingleses vêem estas transgressões das leis humanitarias, que tão alto proclamam, e calam-se; o sultão não ousa arcar de frente com os interesses e as tradições do seu povo. Tendo o consul de Portugal, ha poucos annos, descoberto dentro da propria cidade, alguns carregadores do infeliz Valadim, redusidos á condição de escravos, só a poder de esforços e usando da sua influencia pessoal junto do sultão logrou resgatal-os. Tambem a policia britannica não consegue extirpar muitos habitos viciosos, sordidos, anti-hygienicos, desordeiros, da população baixa de Zanzibar, que tornam esta cidade repellente, e até perigosa, para o visitante; a altivez nacional, a intransigencia religiosa, as tradições seculares, os pendores de raça, reagem surdamente, contra dominadores christãos, e até contra os beneficios que elles queiram impôr-lhes, e Zanzibar teria conservado, ou ainda recobraría, a independencia politica, se não fosse uma ilha, franqueada por todos os lados a desembarques, e se os seus habitantes se não tivessem agglomerado á beira-mar, ao alcance das balas e da propria metralha das esquadras. Calcula-se que esses habitantes são 150:000, e na capital vivem 100:000!

Estes sentimentos dos zanzibaristas contribuíram para amargurar a desdita do pobre Said-Ali, o sultão hoje extinto, que foi victima do tractado de julho de 1890, firmado entre a Allemanha e a Grã-Bretanha, que por tanto tempo disputaram a dominação do paiz.

Os subditos nunca lhe perdoaram ter accedido o protectorado estrangeiro, como se elle podesse evital-o, com a artilheria d'uma corveta desconjunctada; por outra parte, o seu desejo de poupar as susceptibilidades nacio-



ZANZIBAR — CAPELLA CATHOLICA

naes attenuando os vexames d'esse protectorado, fel-o incorrer no desagrado dos protectores. Nos ultimos dias de vida causou-lhe desgostos graves a collisão perpetua, em que se via, entre os subditos e o suzerano. Em dezembro de 1892, quando passei em Zanzibar a caminho de Lisbôa, contava-se que o consul, Mr. Portal, lhe requisitára soldados, creio que 800, para a expedição a Uganda auctorisada por lord Rosebery, e elle receiando que o povo comprehendesse todas as humilhações da sua dependencia vendo-o pôr tão numerosa fracção do exercito ao serviço d'uma empresa de interesse estrangeiro, só por estrangeiros dirigida, e dirigida contra mussulmanos, tirára d'esse receio

coragem para não satisfazer a requisição; o consul, porem, tinha passado por cima d'esta sua resistencia impotente, e fizera marchar os soldados. Repetiam-se frequentemente embates semelhantes, e os ingleses estavam já tão descontentes com a indocilidade do pobre soberano nominal, que, ultimamente, haviam descoberto que elle desejava retirar-se para Mascate, d'onde é oriunda a sua familia; a morte, porem, condemnou-o a um desterro mais perpetuo em mais ignorada região.

Desapossado dos poderes da soberania, a unica consolação de Said-Ali eram as pompas e os regallos das côrtes orientaes. Gostava de vêr desfilar os seus parses de altos barretes, os seus irregulares, que marchavam dando saltos e fazendo momices, o seu unico batalhão de infantaria regular, fardado á européa, e quando as bandas militares lhe tocavam o hymno debaixo da varanda, persuadia-se de que os espectadores, reunidos, na praça, acreditavam que elle ainda era sultão. Sem ter um harem tão povoado como seu irmão Said-Bosgasch, refrescava-o de quando em quando com sortimentos novos encmmendados na Turquia Asiatica, e alguns lhe levaram os paquetes da Mala Real,—e comprasia-se naturalmente no seio da sua complicada familia multicolor, em cujo governo os ingleses se não intromettiam, que constasse. Ultimamente, porem, difficultaram-se lhes estes mesmos apparatus e gosos, porque o protectorado tomou-lhe posse dos rendimentos, avaliados em cêrca de 240 contos de réis annuaes, substituindo-os por uma pensão de 80 contos approximadamente, e esta quantia, bastante redonda para um chefe de familia monogama, mal lhe chegava para os alfinetes de cincoenta e tantas esposas de diversas graduacões e para a bonecagem de trinta ou quarenta pequerruchos. E' certo que o sultão tambem tinha a sua agencia. Possuia calhambeques que faziam carreiras para a India, negociava por conta propria, vendia os productos das suas propriedades, mas... a unica firma commercial de Zanzibar cujos negocios corriam chronicamente mal era muito naturalmente a de Sua Alteza, que tinha muitos socios para os lucros e nenhuns para as perdas.

A todos os desgostos politicos juntavam-se, pois, os embaraços financeiros para entristecerem a vida de Said-Ali. E essa tristeza ressumbrava-lhe do semblante pallido, emmagrecido, de feições regulares e expressão dôce. Parecia ser um fraco e um bom. Não mandou matar ninguem, nem sequer um irmão ou um sobrinho. Recebia os estrangeiros que o visitavam com uma lhaneza de burguez, ain-

da quando se rodeava das etiquetas sultanescas, e prestava-se ás visitas como se fôsse uma das *curiosidades* do seu paiz.

Duas vezes fui recebido por elle, e as recepções faziam lembrar scenas das peças de grande espectaculo da Trindade, em que a acção se passa no Oriente. As tropas, umas tropas que pareciam fardadas pela thesoura do Cohen e caracterisadas com bigodeiras de crepe, formavam em linha nas ruas desde o atrio do palacio, musica á frente, tocando o hymno da Carta com soffrivel correcção e um certo *entrain*, porque a maioria dos musicos eram filhos da nossa India; a praça enchia-se de comparsas, quero dizer de povo, um povo de mescla branca, amarella e preta, tambem com fatos de guarda-roupa em cuja mór avolumavam os portuguezes indianos, que em Zamzibar compõem uma numerosa colonia, cujos membros quasi todos se appellidam *Souza* e vendem bebidas alcoolicas. Ha até na cidade uma rua dos *Souzas* e um commerciante opulento cognominado o *Souza-grande*, para o distinguir d'uma plebe sem conto de pequenos *Souzas*.

Na entrada do palacio e nas escadas formavam os guardas do corpo do sultão, vistosos, com muitas simitarras e adagas passadas em cintos de seda, e Sua Alteza vinha esperar a visita ao patamar do pavimento nobre, acompanhado por muitos figurões de grandes barbas negras, turbantes bem lavados, cabaias e albornoz de lustrosas sedas, grandes de côrte nas horas de gala, e na sua maioria, honrados vendedores de cravo de cabecinha ou de miolo de côco, fóra do serviço palaciano. O despretencioso soberano apertava a mão dos hospedes e a todo o pessoal de sua comitiva, sem lhes impôr zumbaias e salamaleques, e levava-os para a sua sala do throno, uma extensa galeria de largas vidraças abertas sobre uma galeria e paredes recamadas de douraduras, em cujo topo pousava, sem estrado nem docel, uma cadeira de prata dourada, com braços feitos de dragões e estofos de damasco cramesi; n'essa poltrona tomava elle assento, não sem primeiro mandar sentar tambem a visita, ao seu lado direito e ao mesmo nivel, exactamente como faz em sua casa qualquer portuguez que tenha lido em pequeno o compendio de João Felix. As comitivas accomodam-se em extensas bancadas sem costas, de estofos vermelho, alinhadas ao longo das paredes, ficando os estrangeiros á direita, os nacionaes á esquerda, e principiava a audiencia.

Um interprete em pé deante do sultão, que fallava o seu idioma, fazia saber ao visitante que Sua Alteza estimava muito conhecel-o, ao que elle respondia banalidades cortezãs;

fallava-se das boas relações entre Portugal e Zanzibar, omittindo, já se vê, o episodio de Tungue, Said-Ali desejava saber se em Lisboa fazia muito calôr e se as laranjas eram dôces ou se as mulheres pintavam os dentes de preto, e quando a conversação principiava a esmorecer, levantava-se um visir ou o que quer que fôsse e introduzia uns negralhões com bandejas de prata, que distribuam aos estrangeiros chavenas de café, umas pequeninas chavenas de lapis-lazuli, creio eu, sustentadas por garras de ouro; o café era aromático, verdadeiro Moka, mas não tinha assucar. Áquelle serviço seguia-se outro, depois de curto intervalo; nova creadagem enfarpellada á oriental, offerecia copos para agua cheios de um liquido opalino nevado que sabia a rosas, e cuja composição não cuidei de averiguar, lá se bebia ou provava aquelle refresco em cima de café, a escaldar. Ainda mais alguns obsequios? Sim.

Quando estava para terminar a audiencia, um mordômo dirigia-se a cada pessoa recebida, pedia-lhe por signaes o lenço de assoar, derramava sobre elle algumas

gottas de essencia de rosas, e tornava a entregar-lh'o; finda a aromatisação, o soberano acompanhava os hospedes até ao patamar, despedia-se d'elles com outra distribuição de *shake-hands*, esperava obsequiosamente que descessem a escada, e, cá fóra, as bandas tocavam o hymno, as tropas apresentavam as armas.

Horas depois, o visitante recebia o diploma d'algum gráu da ordem da *Estrella refulgente*, e, geralmente, um presentinho, de que fazia parte obrigada um frasco de essencia de rosas. Os diplomas eram escriptos em caracteres arabes com cercaduras illuminadas á pen-

na. Um, que recebi, chama-me *vizir do Rey de Portugal*, o que me inspirou desejos,—não de ter harem, salvo seja,—mas de vestir cabia e turbante ao menos no verão. Tambem não era difficil, ás senhoras que aportavam á Zanzibar, visitarem o harem, mas a visita não as reconciliava com os costumes orientaes nem lhes dava bôa idéa do sentimento esthetico do sultão.



O SULTÃO SAID-ALI

A misteriosa estancia não tinha luxo interior, e a polygamia escandalizava todos os pudores femininos com o seu vasto dormitorio, occupado como as enfermarias por duas filas de leitos só separadas por coxias, e no fundo das quaes pompeava a cama do sultão, velada por cortinados transparentes, suspensos d'um baldaquino.

A população compunha-se quasi exclusivamente de odaliscas côr de azeviche ou de sandalo, com olhos pintados, dentes pintados, unhas pintadas, de negro ou de encarnado; todavia, o ciume guardava esses mostrengos como se fossem circassianas ideaes, e tanto as guardava, que se alguem, ao passar na rua, levantava

os olhos para as rotulas cerradas do harem, logo um policia o mandava affastar-se, se lhe não castigava a irreverencia com uma chicotada.

A demora, ás vezes de dois dias, que os paquetes da Mala Real tinham em Zanzibar, só se aproveitava, pois, agradavelmente para visitar o sultão e passear no campo. Monumentos interessantes, não ha; os archeologos apenas poderão entreter alguns minutos examinando restos de antigas fortificações ou observando uns canhões de fabrica portugueza, que d'antes decoravam marcialmente o caes fronteiro ao palacio. A

melhor fortuna que pode favorecer o viajante é assistir a alguma solemnidade religiosa musulmana, como as dos *ramadan*, durante as quizes toda a cidade se cobre de luzes, ou a da *hegira*, que accumula em vastos terreiros situados fora da cidade multidões pintalgadas que entremeam as rezas com folias, ou ainda a da lua nova, em que tomam parte as tropas dando descargas á beira-mar. Fóra d'essas épocas em que os costumes populares exhibem as suas scenas cheias de originalidade para o europeu, a cidade abrazada por calores mal cheirosos ou alagada por chuvadas que convertem as viellas em ribeiros, atravancada nos melhores bairros por gentalha e cargas e vehiculos, mal alumuada de noite por mortços lampiões, infestada por uma gatunagem atrevida que ás vezes arranca das mãos dos transeuntes embrulhos e guarda-soes e foge com a presa, antes repelle do que convida os visitantes, que mais gozam quedando-se sobre a tolda dos paquetes entretidos com o espectáculo movimentado do porto, sempre sulcado por frotas dispeisas de pequenas embarcações de toldos alvejantes, coberto de pangaiois de bandeiras encarnadas, frequentado por paquetes, guardado por vasos de guerra inglezes, de casco branco. Esse mesmo goso é-lhes, porém, perturbado pela perseguição dos vendilhões que, tambem ali, vão exhibir as suas pacotilhas, as mesmas exactamente que em Aden e Porto-Said, apenas mais augmentadas em pratas lavradas da India.

Deixa-se Zanzibar sem levar saudades, a não ser, quando se é portuguez, do obsequioso consul de Portugal, em cuja hospitaleira casa se saboreia — dizem os apreciadores — um delicioso caril, e que no exercicio das funcções consulares se cerca d'um fausto oriental, que dá realce aos primores da sua cortezia e auxilia os esforços do seu zelo pelos interesses nacionaes. Era elle o medico, o medico habilissimo de Said-Ali, cujo valimento a miude fez reverter em beneficios ou attenções para os seus patricios.

Do porto de Zanzibar navega-se, para o sul, entre o continente e a ilha, uma grande ilha de 80 kilometros de comprimento por 25 de largura media, avistando por algum tempo esbeltos edificios cravados n'um macisso de verdura, até que se volve á solidão do oceano sem margens visiveis. Na margem occidental, que então se costeia a distancia quando se leva rumo feito para Moçambique, abrem-se, porém, os principaes portos das novas possessões allemãs da costa oriental, e não é despreveitoso nem desinteressante o visital-os, porque a visita, por mais que seja curta, deixa a impressão de que o character

germanico transplanta para as colonias qualidades d'ordem e disciplina, quasi authomaticos, que o assignalam na Europa.

Regressando a Lisboa no *Kanzler* da companhia allemã, entrei em Tange — mais ao norte de Zanzibar no continente — em Dar-en-Salaam e em Linde. Não fiquei formando alto conceito da prosperidade mercantil d'estas estações, porque em nenhuma d'ellas se abriram as escotilhas do paquete para receberem um fardo, que fosse, de mercadorias destinadas a Hamburgo, mas todas me pareceram modelos de estabelecimentos militares e burocraticos de colonisação. As installações officiaes são magnificentes, tendo algumas justificadas pretenções artisticas e timbrando todas de scientificas, e os serviços publicos executam-se com a precisão de manobras. Tudo é *tiré à cordon*, as coisas e os homens, assim como tudo cheira a fresco, a cal dos edificios e o panno dos uniformes. O empregado do correio que vem a bordo buscar as malas parece um official de ronda que vem receber a senha; os remadores negros dos escaleres da alfandega fazem continencia com todos os tempos da ordenança; os proprios indigenas que não são soldados ou sipaes, dão ares de recrutas. Palpa-se, cheira-se, aspira-se, adivinha-se a subordinação, o methodo, a hygiene, a policia, o aceio, o militarismo, a pauta, a regulamentação, mas isso mesmo accentua a falta de movimento, de tumulto, de liberdade, do desalinho, de espontaneidade que caracteriza os centros productores e mercantis. Vê-se uma machina de governo, brunida e azeitada, mas que trabalha sobre si mesma; um quadro official de colonias, sem as colonias. Sem as armas e as fardas que por toda a parte reluzem, dir-se-hia que tudo aquillo eram lojas novas, com filas de caixeiros encostados ao balcão, esperando pelos freguezes; com a sua formidavel decoraçào bellica, os estabelecimentos germanicos denunciam o que realmente são: acampamentos e fortalezas com exterioridades de povoações, que assoberbam mas não assimilam, commandam e não exploram, policiam e não fertilisam... A metropole manda-lhes dinheiro e soldados, e elles remettem á metropole alguns d'esses soldados e febres.

Este estado de coisas, que tantos queixumes tem já provocado em Allemanha, não impede, todavia, que Dar-en-Salaam seja um porto em que se operaram, n'um curto prazo, milagres de organisação. A terra alta em que assenta a cidade está ligada ao mar por numerosas pontes de madeira, rampas e escadas-caes, como não tem nenhuma cidade de Moçambique, e guarnece-n'a soberbos edificios, occupados pelas repartições publicas;

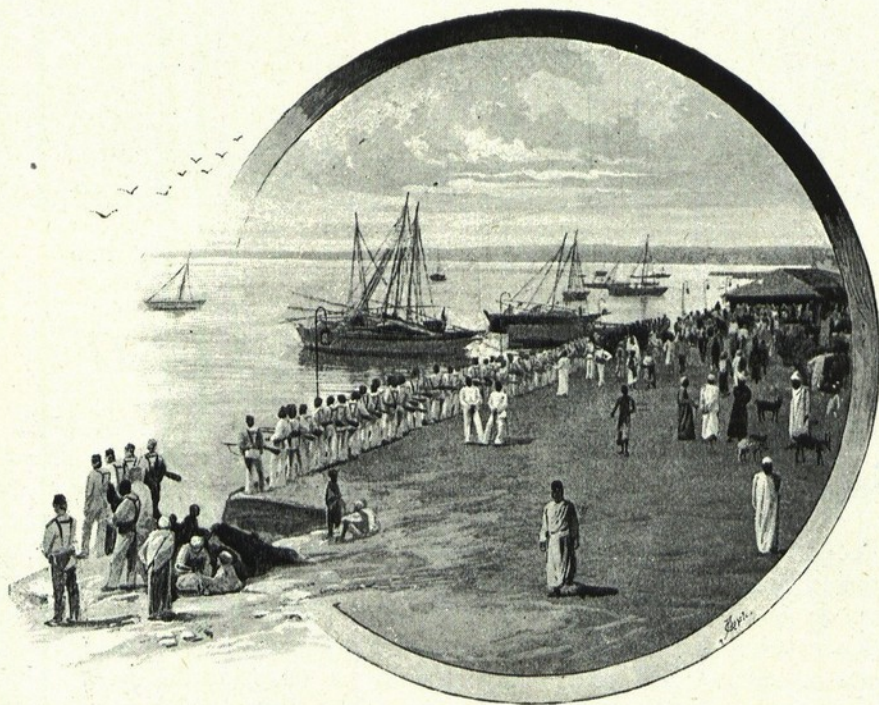
lá para dentro não se descobrem symptomas de riqueza nem impulsos de actividade productora; mas reconhece-se a policia da civilização. Lá se revelam, porém, o vicio e a necessidade fataes, originarios, das colonias allemãs d'esta parte d'Africa, nos pelotões de negros, com fardas côr de grão, que a cada momento se encontram aprendendo a recruta, e nos immensos officiaes, de capacetes cobertos de linhagem branca, que enxameiam nas ruas ermas de negociantes, a não serem os que

commerceiam com a occupação militar. No porto, um pictoresco porto em que se abrem muitos esteiros e para onde se entra per um estreito canal aprofundado entre areaes, balaçam-se canhoneiras e lanchas armadas, sempre com as fornalhas accesas para persuadirem os indigenas da legitimidade da soberania allemã com a eloquencia trovejante dos canhões-revolvers e das metralhadoras.

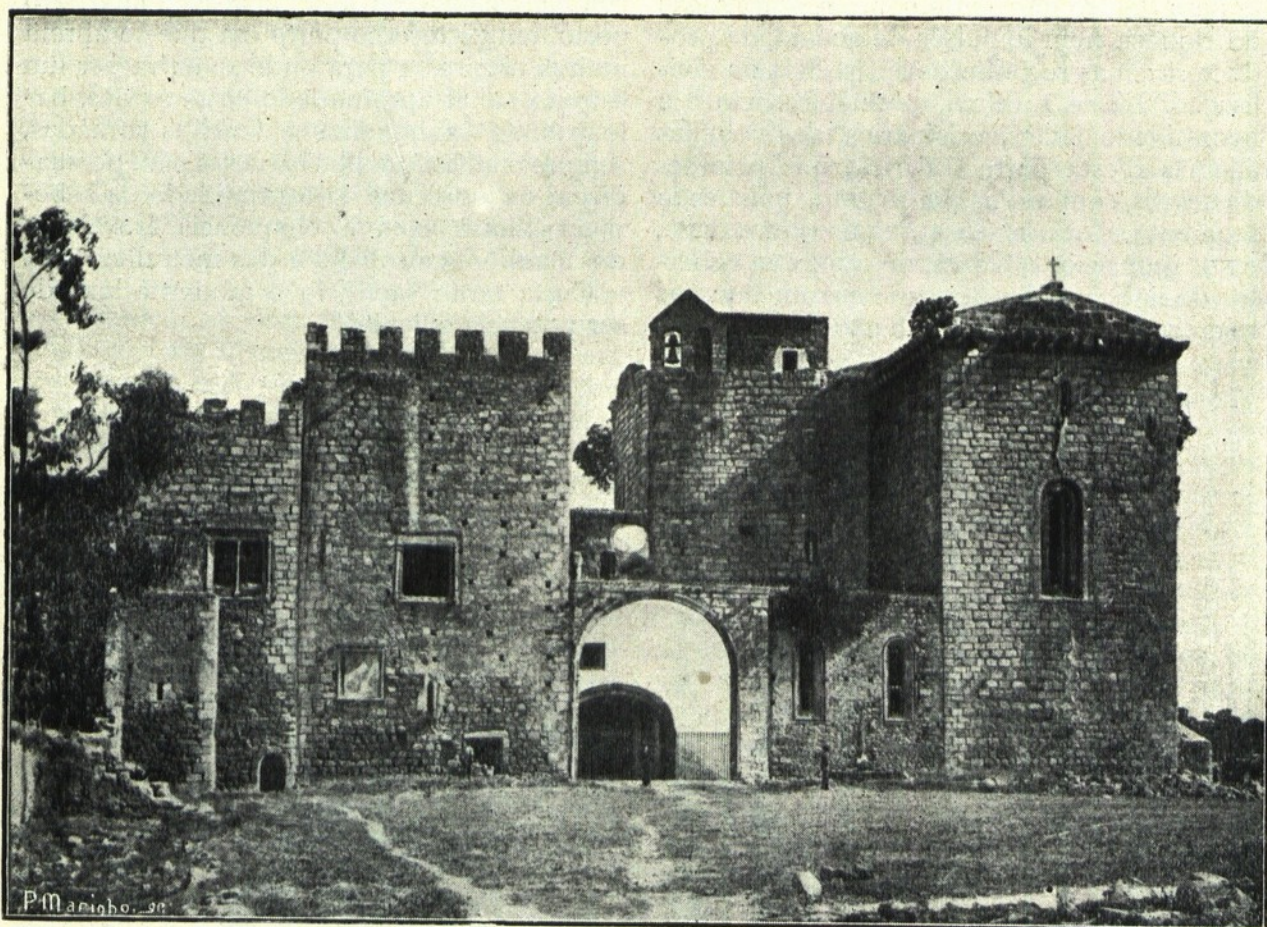
Custa tanto sacrificio o moderno luxo de ser potencia colonial!

(Continúa).

Acto. Lucas



ZANZIBAR — A FESTA DA LUA NOVA



EGREJA E MOSTEIRO DA FLÔR DA ROSA, FUNDADO EM 1356

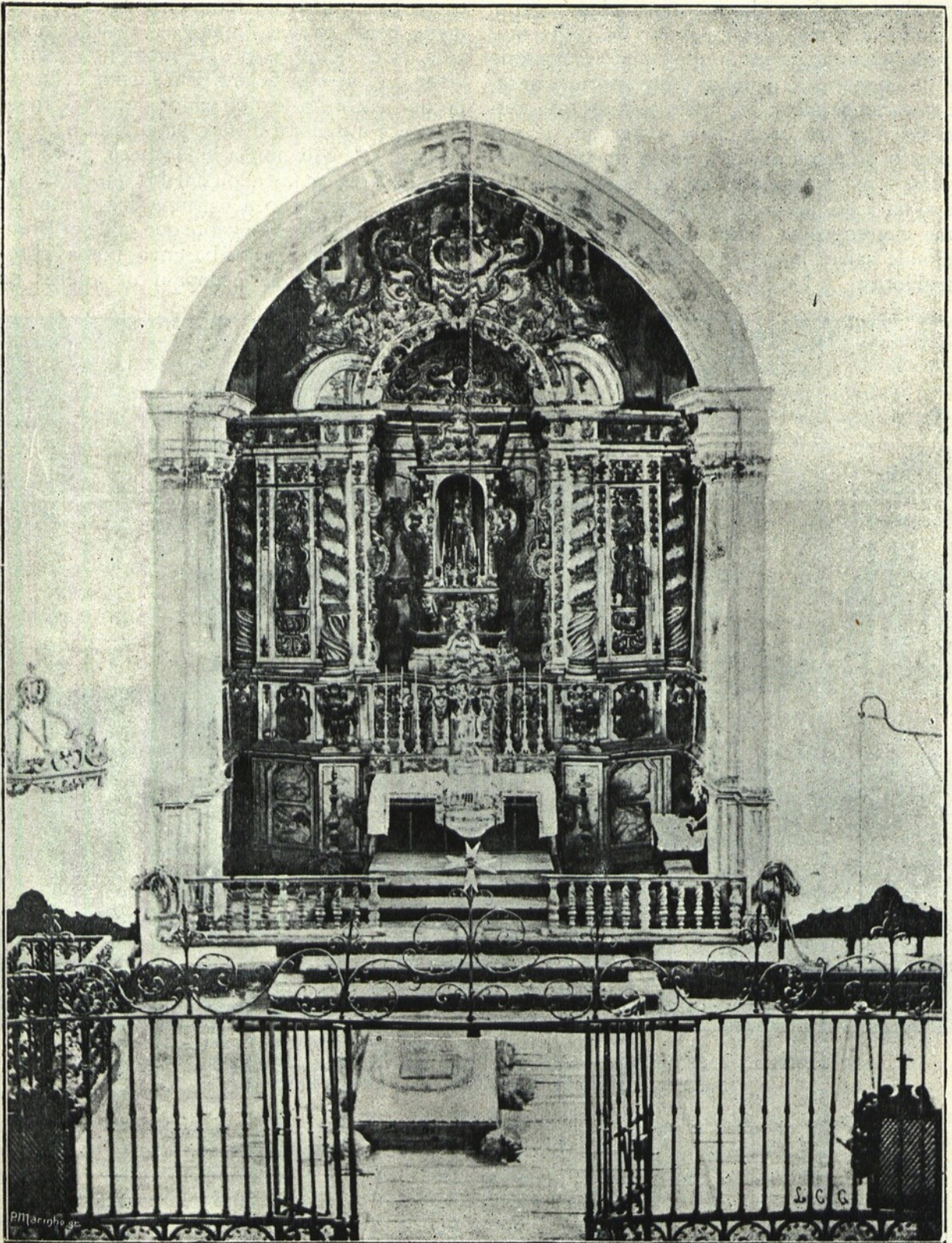
A Flôr da Rosa

NA baixa de extensa planície, limitada ao redor pelas manchas escuras dos pinhaes e olivedos, para além dos quaes o horizonte se fecha com o recorte azulado das serras, existiu outr'ora o solar de Alvaro Gonçalves Pereira, do qual ainda no dia 7 de fevereiro de 1894 restava de pé a antiga igreja fendida de alto a baixo, formando o flanco avançado d'um castello em ruínas. A certa distancia assemelhava-se ella, com as suas muralhas lisas, sem aberturas, coroadas por cachorrada rustica a uma fortaleza medieval, sempre receosa d'um ataque, e onde o silencio pôde ser considerado como estratagemma defensivo contra as surpresas de qualquer inimigo, que só do alto dos eirados poderá ser visto ao longe.

Lá em cima, no angulo d'uma das muralhas, que era por certo o fundo do arco cruzeiro, salientava-se, já destroçada, a varanda d'um mata-cães, indicando que se da igreja podiam subir orações a Deus, d'alli podiam precipitar-se a destruição e morte, sobre quem quer que se atrevesse a chegar com voz de contrario.

Entrava-se no recinto murado da velha mansão por uma porta ogival, baixa, de grossas hobreiras talhadas em granito negro, que o tempo tem esborado. Em a nossa frente assentava um vasto terreiro, em volta do qual ainda existiam as divisões de alvenaria, que outr'ora eram logares de venda dos panneiros, por occasião das feiras, e cujo aluguel foi uma das fontes da receita privilegiada do castello. A igreja ficava á direita, e ia-se a ella atravessando o terreiro em diagonal. Junto da porta a haste d'uma cruz de pedra, sobre degraus deslocados, por entre as gretas dos quaes fogem assustadas as lagartixas, que estavam gosando o sol quente da primavera, que com a sua intensa luz illumina de chapa as velhas paredes solarengas.

Silencio profundo, apenas perturbado pelo chilrear de mil pardaes, aninhando jubilosos nos vãos dos grossos enxilhares limpos da argamassa. O vento está parado, e nem oscilla sequer uma folha dos novos rebentos. Se não fôra o sol que vivifica tudo sobre que espalha a sua luz, dir-se-hia que tanto o castello-con-



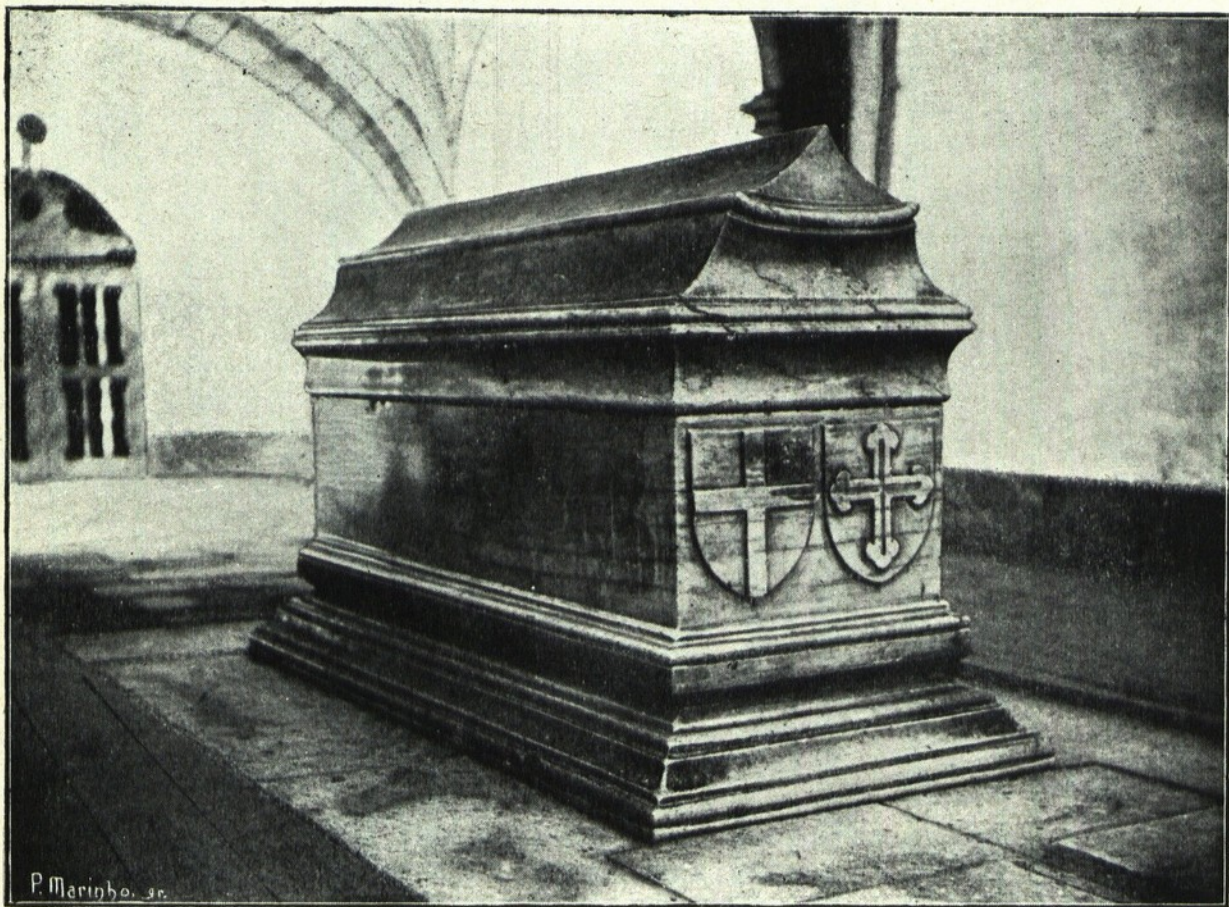
ALTAR MÓR E NO CRUZEIRO O TUMULO DE D. DIOGO FERNANDES DE ALMEIDA, PRIOR DO CRATO FALLECIDO EM 1508

vento, como a paisagem estavam petrificados. O primitivo portal da igreja desapareceu com as restaurações do século XVII e o que o substituiu, aberto entre o corpo avançado de um dos braços do cruzeiro e a torre, era moderno, com o característico d'este século, mas

sem belleza de linhas ou delicadeza de pormenores que o recommendasse. E a restauração, que fez desaparecer a antiga porta, foi a mesma que nas muralhas do convento substituiu as estreitas frestas lancioladas pelas grandes janellas, quasi em quadrado, com

hombreira finas de marmore claro e rijo. Dando-se uma volta ao redor da velha moradia, compungia ver a que ruina e abandono tudo chegara. As janellas eram enormes buracos escancarados; as portas tinham sido muradas a pedra secca para evitar que lá por dentro se acoutassem feras e bandidos. Os ventos, as chuvas e o sol reduziram as argamassas a pó, deixando as grossas pedras juntas e sotopostas, com os intervallos vazios, d'onde saiam heras robustas e parasitas destruidoras.

todos os insultos do tempo e incuria dos homens, como os seus fundadores resistiram em vida. Entretanto, os que por momentos podem viver do passado acham isto menos aviltante do que encontra-los reduzidos a quartel, como acontece á maioria d'elles. Haja vista o de Alcobaça, em cuja ampla bibliotheca, viuva dos seus codices, se installou um dormitorio de cavallarias, cheirando a estrume e a pontas de cigarro. Lembrar-se a gente que onde os Brandoes estudaram e trabalharam as nossas chronicas nacionaes, se occupam os alferes na



TUMULO DO FUNDADOR, ALVARO GONÇALVES PEREIRA, PRIOR DO HOSPITAL
PAE DO CONDESTAVEL NUN'ALVARES PEREIRA

Quando alli cheguei, o sacristão já se não achava na igreja. Tinha ajudado a aviar a cerimonia da imposição das cinzas, e, pegando na espingarda, partira para a charneca á cata de lebre ou perdiz, com que se preparasse para o jejum da sardinha quaresmal em que ia entrar. A mulher d'elle, porém, prestou-se a abrir as portas, dando-me plena liberdade de vista, enquanto ia aproveitando o tempo varrendo a igreja, compondo os altares e esquivando as lampadas.

E' doloroso visitar os velhos edificios a que se acha ligado o melhor e mais cavalheiroso da nossa historia, e encontra-los votados ao abandono, caindo a pedaços, mas resistindo a

composição do rancho e os sargentos nos mapas da companhia, dá vontade de pedir a S. Bento e a S. Bernardo que voltem á terra e renovem a façanha com que livraram as monjas de Evora dos maleficios do feiticeiro, que se lhes introduzia na cerca do mosteiro.

A igreja da *Flôr da Rosa* era em fôrma de cruz latina, com as altas paredes nuas, e só, além do altar-mór, com outros dois no topo dos braços cruzeiros. Os tectos subiam em abobada de lanceta. Ao meio da nave erguia-se, sem epitaphio, o tumulo do fundador da casa, o prior Alvaro Gonçalves Pereira, tendo apenas como indicação duas cruces na

cabeceira da lapide : uma da ordem da Malta, e outra floreada, que dizem ser a dos Pereiras. Fizeram bem em não lhe pôr epitaphio. Quando um frade guerreiro, filho d'um arcebispo, deixa no mundo trinta e dois filhos illegitimos — uma communidade — e que entre estes um se chamou Nun'alvares Pereira, pode ficar de baixo da campa sem que nella se lhe grave o nome. No cruzeiro elevava-se do chão, assente sobre leões, uma fina lapide, tendo gravadas as armas dos Almeidas, e o seguinte longo e laudatario epitaphio, escripto em lettras goticas, cuja leitura fiz por alto, mas que Fr. Lucas de Santa Catharina ¹ leu e decifrou da seguinte maneira :

Sepultura do mui magnifico senhor D. Diogo Fernandes d'Almeida, prior do Crato, filho do Senhor D. Lopo de Almeida, o qual de moço mui pequeno, até que falleceu, foi sempre muito acceite, e estimado dos serenissimos reis de Portugal, D. Affonso o V, D. João o II e D. Manuel o I, por ser maravilhosamente dotado de força natural, e mui esperto em saber todas as cousas, prudencia singular para conselho, grande esforço em feitos de cavallaria; assim na paz, e nas guerras, necessidade do reino, em Castella, e Africa, contra mouros, serviu sempre grandemente, como singular capitão, e mui esforçado cavalleiro, e sobre isso nas cousas das festas, e gentilezas da côrte. E sobre todos alcançou mui grande primor. Foi duas vezes em soccorro de Rhodes, onde por serviço de Deus, e de sua religião, contra turcos, fez feitos de perpetua memoria. E tornando delá, chamado delrei D. Manuel, foi delle recebido com gasalhado, amor, e honras desacostumadas e quando mais presada, e desejada sua vida estava por tão victoriosas obras, foi o muito Alto Senhor servido dar santo fim a seus dias, dobrando com seu fallecimento em todos muito saudoso desejo, e verdadeiro conhecimento do grande apreço de sua pessoa, e valia para serviço d'estes reinos; e falleceu em Almeirim, aos XIII de maio de 1508.

Sobre a lagea que cobre os ossos d'este varão ardiam varias lamparinas votivas, e viam-se vestigios de culto constante. A sacristã explicou-me que taes luzes eram promessas feitas á rainha santa Izabel, que alli se acha depositada e que «já tem feito muitos milagres».

Agradei a noticia, e não quiz contrariar a crente mulher. Em questões de milagres o mais prudente é ouvir e calar.

Esta casa foi fundada em 1356 por Alvaro Gonçalves Pereira «em remimento dos seus peccados», como diz a carta de doação, que

el-rei D. Fernando deu ao fundador como padroeiro da egreja de Santa Maria de Castello de Vide.

A lenda conta assim a edificação da egreja, dedicada a *Nossa Senhora das Neves*, cuja imagem de marmore se venera na capella-mór.

Quando o pae do valeroso condestavel quiz fazer construir a egreja, onde então existia uma ermida de S. Bento, na piedosa intenção de restituir a imagem ao seu antigo logar, por mais esforços que empregasse, nunca o conseguia; porque trabalhando os officiaes de dia, quando vinham na manhã seguinte, achavam as ferramentas e aparelhos dos seus officios no ponto exacto onde a imagem fôra encontrada, e por isso ahi se construiu a egreja, embora o terreno fosse falso e alagadiço, «entendendo-se que era vontade da Virgem ficar no logar onde por tantos annos estivera escondida: *Quasi rosa plantata super rivos aquarum*».

Da egreja passei á sacristia, onde já se começavam a notar as interpolações das obras do seculo xvii num grande arco de volta inteira, sobre que fôra lançada a escada que levava ao côro. Existia nesta sacristia um quadro pintado em madeira, representando o *Calvario*, de bom desenho e pincelada segura e franca.

Passa-se do côro para o velho convento.

De ha muito que os telhados alli abateram, depois de apodrecidos os madeiramentos, se é que antes não voaram as telhas arrebatadas pelos tufões. O edificio está hoje a descoberto, como descoberta está a campina. Vae-se d'uma para outra sala por portas estreitas e baixas, que eram outros tantos meios de defesa, na previsão d'uma d'essas luctas ferozes, que se convertiam em terriveis caçadas ao homem. Atravessei corredores cujas abobadilhas já de ha muito desabaram, subi aos eirados onde apenas resta uma bordadura em que mal assenta um pé, depois outro pé. E por toda a parte, no chão, nas paredes, nos restos das cimalthas, ao redor dos cubellos ainda aprumados, uma vegetação forte, luxuriante e destruidora. Na cachorrada, em volta do corramento das paredes da egreja, e que lá de baixo me parecia restos de larga sanca, verifiquei que outr'ora corriam os balaustres d'espçosa varanda, e nella enraizaram figueiras silvestres. Numa sala, onde ainda os raios do sol não entraram (é meio dia), demorei-me a gosar a frescura e ao mesmo tempo o aroma delicioso das violetas, que se escondem por baixo de gramineas viçosas.

E, sem medo de deteriorar aquelle jardim inculto, colhi algumas das fragrantés flôres, que guardei como recordação.

Por escada mal segura, e, que se me escan-

¹ Cf. Memorias da Ordem Militar de S. João de Malta.

carou na volta d'um corredor, desci arredando silvas e ortigas a um recinto sombrio, escuro, severo, musgoso e humido, que devia ter sido a casa do capitulo. Era um casarão comprido, coberto por abobada de volta inteira, cujos arcos mestres descansam em cachorros salientes das paredes e vem apoiar-se sobre tres columnas torcidas, que se elevam ao centro. As paredes são de grossa enxilharia irregular, sem vestigios de revestimento, e entre as marcas, de caracteres grandes e grosseiros, que assignalam cada uma das pedras, lê-se a data de 1642.

E por alli divaguei, só com as lembranças do passado, e as tristezas do presente, durante tres horas, lastimando, embora sem sentimentalidades doentias, tanto abandono por cousas, que por certo nos deviam merecer mais carinho.

Nesta como que embriaguez do passado, a

realidade do presente quasi que não actua sobre nós. A nossa pessoa desaparece, e damos-lhe menos importancia que ás silvas, que arredamos para passar, e que sem o sentirmos nos dilaceraram as mãos, ou rasgaram o fato. Por isso, sem receio da catastrophe que via eminente, demorava-me sobre as abobadas sem fechos, mal equilibradas nos rins; passava ao lado de paredes desniveladas, e d'alto a baixo fendidas; ficava admirando esses grossos prepianhos que mal se seguravam nos enlaces das heras, sem a consciencia de que naquelle momento podia acontecer o que effectivamente aconteceu tres annos depois.

A 17 de janeiro de 1897 as muralhas da igreja ruiam, e no acervo que a nossa estampa representa, elevaram mais um padrão de vergonha, que lá está, e estará, attestando quanto entre nós se despresam tradições honrosas e restos venerandos.

Thiery d'Assumpção



O Rapto de Lola

No meiado do seculo XX — Conto phantastico

As maravilhosas descobertas da mechanica applicada e do saber humano, que ennobreceram o findar do seculo XIX, permitem á phantasia prever para futuro proximo novas e extraordinarias condições de vida; que as actuaes só não assombram pela simplicidade com que se apresentam e pela vulgarisação que as impõe aos usos banaes de todos os instantes.

Quem hoje fala a distancia pelo telephone ou pelo radiophone, espera que a sciencia lhe permita tambem vêr a distancia e até onde os meios de visão actual não podem levar a avida curiosidade de seus olhos. Sente-se desde já a insufficiencia do telescopio que sonda a profundidade dos espaços, e do microscopio que revela o mundo perverso dos infinitamente pequenos.

A imaginação aproxima a telegraphia sem fio de Marconi do estudo dos phenomenos psychicos, o qual pouco a pouco vae acclarando os mysterios do pensamento; e n'uma confusão inexplicavel das communicações electricas com os presentimentos animicos já se aspira a que um telepatho qualquer facilite conversar de longe sem recurso de fio conductor.

A photographia aperfeiçoa-se até á fixação de côres; o cinematographo resuscita e anima as passadas scenas da vida; o phonographo conserva e restitue, quando se quer, a voz dos que passaram. Porque se não aperfeiçoarão estes aparelhos em novas e surprehendentes combinações, ao alcance de todos, ou em reducções de algibeira ou em largas explorações de serviço publico?

O automovel, succedendo ao byciclo, o balão dirigivel em estudo, o navio voador do conde de Zeppelin, as innumeradas applicações da electricidade levam á previsão, agora phantasiada, dos meios aereos de transporte, mais velozes e simples do que as monstruosas locomotivas de 120 kilometros por hora ou do que essas cidades fluctuantes que prolongam as docas de Liverpool até os caes de New-York, enlaçando o velho e o novo mundo.

• • •

IRRÁ! que penoso trabalho este! — exclamou Bonifacio Mendes, recostando-se para traz na sua velha cadeira do estylo indefinido e bastardo do seculo XIX e mettendo na bocca uma pastilha de vitilina, aquelle afamado remedio da moda, destinado a estimular energia em nervos exhaustos pelo trabalho.

Um crime sensacional, revestido de circumstancias horrorosas, tinha sido perpetrado n'aquella manhã nos suburbios de Lisboa, e Bonifacio, na sua qualidade de graphico do *Relampago*, com edições de hora a hora, tinha sido designado para ir procurar as informações do succedido, por meio do antegraphico, geralmente usado na reportagem de noticias excepcionaes.

O Mendes tinha sobre os collegas competidores, a vantagem de possuir um excelente instrumento, da mais recente construção, e bastavam-lhe cinco ou seis minutos para obter uma boa vista retrospectiva do crime, desde o primeiro pestanejar do assassino, até as ultimas agonias da victima.

Estava revelando elle proprio as delicadas *pelliculas* da noticia, no seu quarto de redacção do *Relampago*, e o carro aereo que o tinha trazido, estava ainda pendu-



Um rapaz saltava para dentro do quarto

rado da larga janella arqueada, balouçando-se graciosamente como um antigo bote cacilheiro sobre as aguas do Tejo, esticando as amarrações ao sabor da briza outoniça.

Eram deseseis horas do dia, e os desenhos eram precisos para entrarem na decima setima edição. O assassino tinha sido apanhado pela policia, no momento em que o criminoso ru-

— Frederico ! exclamou Bonifacio Mendes, aqui ? o que ha de novo ?

— Como é agradável ouvir as suas expressões antigas, senhor Mendes, disse o recém-chegado. Ha deseseis horas que não toco em terra ! Faça-me a fineza de me dar de almoçar ; tenho uma fome de legua, como se dizia d'antes, e o rapaz olhava ávido para a omellette de salmão.

— Immediatamente, meu amigo, e Bonifacio voltando-se para a parede, carregou em diversos botões de aviso, para o fornecedor automatico servir no respectivo ascensor, um almoço succulento.

— Mas como é que o Frederico está aqui ? Julgava-o ainda em Angola, no interior, ajudando a desenvolver aquelle grande imperio !

— Preciso fallar-lhe, senhor Bonifacio ; mas preciso tambem comer ao mesmo tempo. Estou verdadeiramente afflicto, senhor Mendes.

— Comtudo não é afflicção que lhe prejudique o appetite.

— Talvez, mas devo dizer-lhe que a atmosfera dos céus é razoavelmente penetrante, pelo menos assim o achei esta manhã quando a vinha atravessando.

— Bem. Acompanhal-o-hei no almoço e vou servir-o, disse Bonifacio, assentando-se á meza.

— Perfeitamente, continuou Frederico com a bocca cheia. Não lhe farei perder tempo ; apenas o necessario. Levei commigo para Angola dois instrumentos telepathicos.

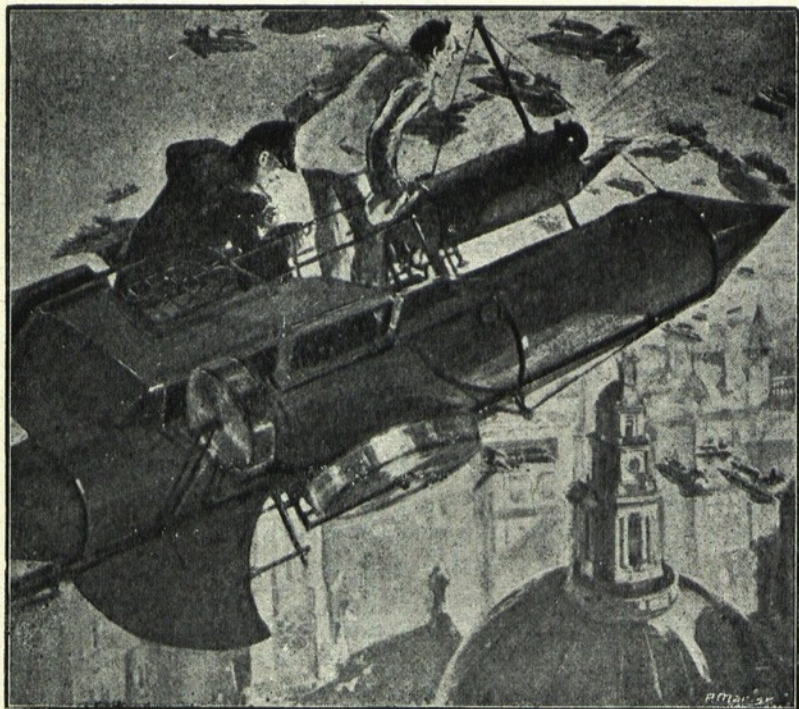
— Ah ! capricho de mulher, hein ? interrogou Bonifacio com gesto intencional.

— Talvez um pouco, mas tambem lembrança minha. Não podia correr para Lisboa todas as semanas ; Lola e eu pensámos que nos devia ser agradável conversarmos um com o outro algumas vezes, atravez de centenas de kilometros de nuvens.

Bonifacio meneou a cabeça indulgentemente, e Frederico accendeu um charuto.

— Hontem porém uma cousa extraordinaria succedeu. Note, senhor Bonifacio, que tenho um dos instrumentos em cima no ar, e outro cá em baixo, na terra, na minha sala. Não é facil como sabe, enviar communições para Angola, por causa do calor dos tropicos, portanto assim obtinha maior probabilidade de que Lola podesse transmittir o seu pensamento com segurança.

— Comprehendo.



Levantam vôo...

fão, chegava a Cascaes, onde se preparava para tomar um carro aereo de praça, para longas corridas, que o levasse a Marrocos.

Bonifacio Mendes já não era novo ; dobrára os cincoenta, e os methodos rapidos do tempo, exigiam-lhe esforço violento para acompanhar e competir com os seus collegas mais novos ; mas a direcção do *Relampago* conservava-o, principalmente pelo seu vasto saber de velhas chronicas da grande provincia de Lisboa.

Expedidas as *pelliculas* pelo tubo para a redacção inferior, Bonifacio Mendes carregou n'um botão de campainha que estava proximo, e destinado a dar aviso ao serviço automatico de almoços. O quarto e dependencias tinham-lhe sido gentilmente postos á sua disposição, pelos proprietarios do *Relampago*, e sendo homem só e viuvo, Bonifacio fizera d'ali a sua propria residencia.

Tomára apenas uma garfada de omellette de salmão, quando da janella se projectou uma sombra no escriptorio, e subitamente appareceu no quadro um carro aereo, de fórma antiga e esquisita construcção, que veio chocar-se com a machina de Mendes.

Momentos depois, um rapaz todo vestido de branco, saltava para dentro do quarto. Tinha o rosto queimado pelo sol ; parecia afflicto e fatigado da viagem.

— Estava sentado, fumando depois do meu trabalho, quando o instrumento vibrou, e em acto contínuo puz o ouvido á escuta. Então, ouvi a voz da minha querida Lola, parecendo estar em grande afflicção, chamando-me e dizendo-me : — Acóde, acóde Frederico ! Eu fiquei como assombrado, e depois seguiu-se um silencio de morte.

O rapaz interrompeu a narrativa e passou a mão tremula pela fronte humedecida.

— Corri ao outro instrumento de cima, o do ar, imaginando que poderia ouvir o que o outro tivesse falhado, mas infelizmente nada mais ouvi, apesar de chamar com a maior intenção da minha vontade e de gritar fortemente.

— Gritar nunca é bom, serve só para perturbar o mecanismo, sentenciou Bonifacio. Tomou então a direcção ?

— Sim, pensei logo n'isso. Era noite, declinação de dois graus do normal.

— Dois graus do normal ! Oh ! repetiu o Mendes meditando. Depois n'um pedaço de papel fez calculos rapidos, no fim dos quaes exclamou :

— Heia ! Deveria ter-se levantado muito no ar !

— Com certeza, respondeu o rapaz. Foi a conclusão que tirei ; trezentos metros do nivel do mar, e a cincoenta ao sul de Lisboa.

— Pouco mais ou menos. Mas o que quer de mim ?

— Pensei no senhor immediatamente, disse Frederico, e tendo mettido umas poucas de balas alimenticias na algibeira, saltei para a machina, e vim como estava. O meu carro aereo é, como o senhor vê, de modelo antigo (não posso comprar um novo), mas ainda assim gastei deseseis horas para fazer a viagem.

Bonifacio Mendes sorriu tristemente. Recordou-se dos passados dias da sua infancia em que a viagem do interior d'África á Europa, levava semanas de fatigante transporte por terra e mar.

— Vim ter comsigo, como um antigo amigo de meu pae, para lhe pedir que me ajude. O senhor conhece a cidade de Lisboa como ninguem, e a sua occupação profissional dar-lhe-ha facilidades em descobrir o que eu de-sejo saber.

— E vem a ser ?

— Quero encontrar Lola, disse Frederico com impaciencia. Foi sem duvida raptada. Succedeu-lhe alguma desgraça horrivel.

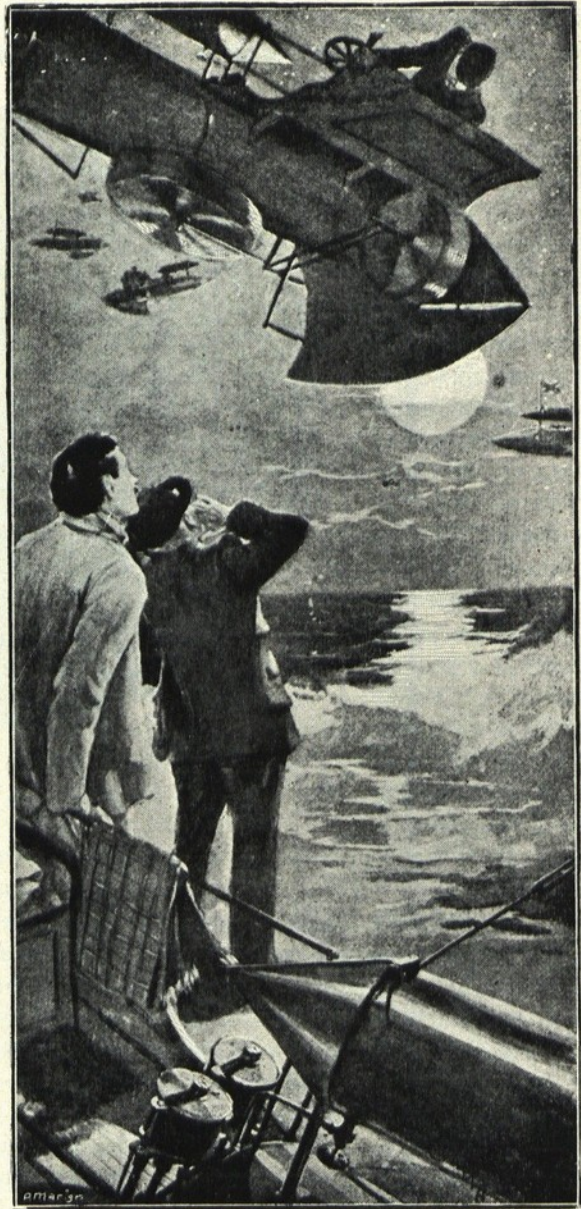
— Como é Lola ? Com quem se parece ? perguntou Bonifacio.

— Ah ! nunca a viu ? não é assim ? replicou o rapaz. Veja ; tirando da algibeira do peito um pequeno estojo de velludo e apresentando-o ao Mendes.

Este então applicou um olho sobre uma pequena abertura do estojo, como se fosse uma lente, carregando simultaneamente n'uma mola.

— Quem é esta rapariga ? O seu nome ? perguntava Bonifacio agitadoamente nervoso, enquanto observava pela abertura da caixa.

— O senhor conhece-a ? disse Frederico, surprehendido do effeito que o *vitographo* produzira no seu protector. O nome d'ella, pelo menos aquelle pelo qual ella é conhecida é de Lola, diminutivo de Carlota ; o seu verdadeiro nome é desconhecido. Ella foi salva na grande catastrophe d'um velho caminho de



Fez-lhe signal de chegar á falla

ferro, em 1930, quando era ainda uma debil criancinha, e como não tivesse apparecido ninguem a reclamar-a, suppoz-se que os paes ou parentes tivessem sido victimas do desastre.

Uma senhora ingleza salva do choque, adoptou-a por caridade e poz-lhe o nome de Carlota, em casa de quem a conheci e a amei. É tudo quanto eu sei a respeito d'ella.

Bonifacio Mendes sentou-se, pousando os cotovêlos nos joelhos e escondendo a face nas mãos, enquanto Frederico estava fallando.

— 1930 ! O choque dos expressos ! A minha pequena Violeta ! Como pôde ser isto ? exclamou commovido Bonifacio. Não ha duvida ; é minha filha, o mesmo sorriso, os mesmos movimentos !

— Sua filha !

— Sim, sim ! Venha cá um instante.

Bonifacio levou o companheiro para um canto do quarto, onde havia uma pequena divisão, separada por cortinas. Um espaço branco rectangular na parede e uma machina collocada n'um pedestal, parecida na fórma com a das lanternas magicas, pintadas nos livros da nossa infancia, ou com a dos cinematographos de velho modelo.

Mendes puxou as cortinas e ficaram na escuridão. Tirando cuidadosamente da sua carteira uma folha de substancia gelatinosa, introduziu-a no apparelho e calcou um botão do lado. Instantaneamente accendeu-se dentro uma chamma

azulada, e na alva parede appareceu a figura de uma bonita mulher, vestida á moda antiga, grandes mangas, cabellos encaracolados, as saias tocando apenas nos tornozellos. A mulher sorriu-se com modo seductor, ainda que levemente triste, e estendeu as mãos aos mudos observadores, movendo ao mesmo tempo os labios ; depois parecia que caminhava para diante, e a visão desapareceu.

— Era Lola ! exclamou Frederico ; mas como obteve o senhor a sua imagem ? E n'aquelle costume esquisito ! Foi no carnaval ?

— Aquella não era a Lola, como o senhor a chama, replicou Bonifacio Mendes ; era a mãe d'ella, a minha querida defunta mulher. Se eu lhe reproduzisse ao mesmo tempo o som da voz, talvez tivesse um meio de as differencar, mas não tenho aqui o cylindro do phonographo.

— Sua mulher !

— Quando se deu em 30 o horrivel choque dos expressos, eu tinha partido como voluntario e graphista na legião auxiliar aos inglezes para a conquista de Marrocos, explicou Bonifacio, guardando cuidadosamente a pellicula sensibilizada na sua carteira. Quando voltei, soube apenas que minha mulher e minha filha haviam embarcado no fatal expresso, o Relampago do Meio Dia, como se chamava então. Tive-as como mortas para sempre.

Depois subjugando a sua commoção, agarrou pelo braço Frederico e exclamou :

— Venha, venha, vamos vêr se a achamos ; não temos tempo a perder.

— Sim, disse Frederico, mas para onde ? Apenas temos a indicação do telepatho.

— Deixe-me pensar um pouco, disse Bonifacio

passando a mão pela testa, n'aquelle natural movimento de quem busca avivar uma idéa ; em seguida dirigiu-se á outra parede do quarto, carregou n'um botão de chamada de um apparelho que fazia lembrar no feitio os antigos telephones.

— Que logar ? perguntou uma voz longinqua.

— Dê-me Lisboa occidental até Cascaes, respondeu Bonifacio, em secções de kilometro quadrado.

— Está um tanto escuro, ha neblina, disse a voz resmungando.

— Chegue-se Frederico, pôde vêr igualmente.

Os dois homens applicaram os olhos aos orificios circulares do apparelho.

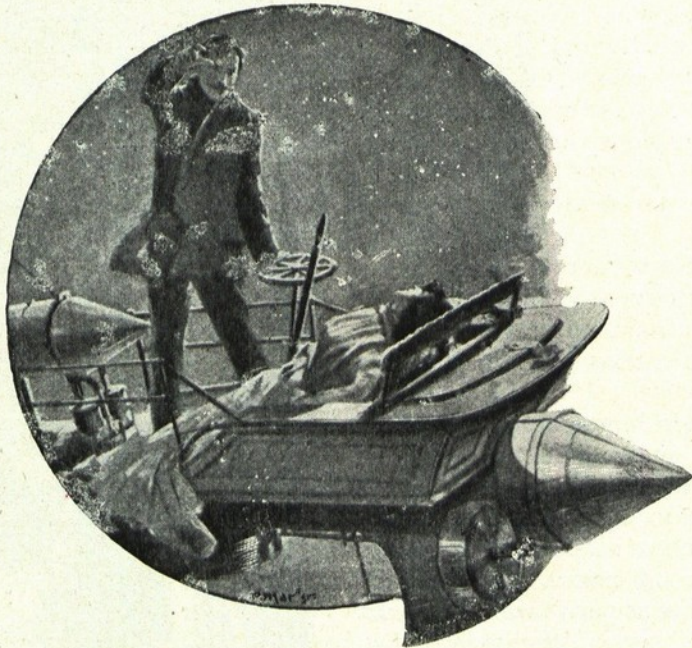
— Vê alguma cousa ? perguntou Frederico.

— Nada, replicou o Mendes ; sómente o habitual movimento dos carros aereos, e os passeiantes nas ruas cá de baixo. Está muito escuro para se poder distinguir as caras. Não vejo nenhum carro suspeito. Espere... Ah ! não ! é um municipal do serviço aereo em colloquio amoroso.

— O que se ha de fazer ? perguntou Frederico, em tom de desesperada anciedade.

— Está lá ? chamou o Mendes.

— Prompto, respondeu a voz longinqua.



...e arremessou-a ao carro de Mendes...

— Dê-me toda a linha norte, directa a Inglaterra.

— O aparelho só chega a Vigo e por terra, a linha está quebrada, foi a resposta.

— Que aborrecimento! quando aperfeiçoarão elles estas cousas? disse Frederico com impaciencia.

— Então dê-me a maior distancia que poder dar, gritou Mendes.

— Bem.

— Agora tenha os olhos bem abertos, aconselhou Bonifacio ao seu companheiro.

— Veja, disse repentinamente Frederico, aquelle carro, lá no fundo, uma mulher. E' ella. Mas... quem é aquelle homem?

— Santo Deus! é o Rocha Fino.

— Fino! Aquelle que denunciou no jornal o projecto collossal do novo lago na Africa?

— Esse mesmo; leva-a, sabe Deus para onde, o patife!... Mas onde estão elles?

— Na verdade, não posso comprehender, apoiou o Frederico, fixando bem os olhos na abertura circular do aparelho — Ha mar largo em baixo; comtudo o homem do *visographo* deu-nos a maior distancia por terra.

A campainha toca.

— Está lá?

— Sim, respondeu o Mendes apressadamente.

— Por engano dei-lhe a linha da America, e o senhor vibrou perto dos Açores para fixar a vista.

— Está bem, obrigado. Tudo se explica, disse Bonifacio, voltando-se para o seu companheiro; foge com ella para America, parece que estão parados no caminho. Vamo-nos embora.

Bonifacio e Frederico dirigiram-se para a janella, onde estavam amarradas as machinas.

— O meu carro é mais veloz, disse Bonifacio, entrando para elle, seguido de Frederico.

Levantaram vôo, cortando o ar fresco da tarde, d'outono, e passaram sobre o antigo zimborio da Estrella em direcção ao mar.

No ar havia animada concorrência de carros. Elevaram-se um pouco, para accelerar a marcha e em alguns minutos chegaram á beira mar.

Detiveram-se instantes, cahiram levemente para se aproximar da costa e tomar direcção definitiva para a America do Norte.

Uma bella lua cheia ia apparecendo, e a sua pallida luz reflectia-se em escamas prateadas sobre o mar negro. Longe, acima d'elles, uma porção de carros aereos seguiam a sua rota; e junto da costa e ao longo d'ella vigilantes guardas da alfandega, nas suas machinas pintadas de vermelho, fluctuavam desassocegadamente.

Passados alguns minutos, a passagem d'um

carro conhecido chama a attenção de Bonifacio. Era um seu collega da imprensa, o Freire, que regressava de serviço de reportagem. Fez-lhe signal de chegar á falla.

— Encontrou no caminho o Rocha Fino?

— Passei agora mesmo por elle. Teve um desarranjo na machina, no motor me parece, e está fluctuando, como uma gaivota ferida.

— Está alguém com elle? perguntou Frederico anciosamente.

— Não pude vêr; estava escuro replicou Freire, e retomando a sua marcha para Lisboa, ainda acrescentou. — Se precisar de alguma cousa, telepathe-nos para o escriptorio, senhor Bonifacio.

Responderam-lhe com um gesto de agradecimento os dois viajantes, que tomavam já um vôo elevado e rapido sobre o mar.

Frederico estava n'uma grande excitação nervosa; alongava anciosamente a vista na escuridão da noite; afinal os seus olhos descobriram um objecto fluctuando entre elle e o disco brilhante da lua cheia.

Silenciosamente agarrou o braço de Mendes e apontou:

— Bem vejo; disse Bonifacio laconicamente; e com destreza dirigiu a machina por cima e a distancia de alguns metros do ingovernavel e fugitivo carro, no qual um homem alto, franzino, de vista curta, de semblante melancolico, blasphemava e martellava rancorosamente em qualquer peça do machinismo.

Frederico saltou resolutamente para a parte superior da plataforma do seu carro e viu deitada sobre o banco da outra machina, aparentemente sem vida, a sua idolatrada Lola.

O Rocha Fino estava tão occupado no concerto, que não reparou na chegada dos seus perseguidores, e só uma furiosa imprecação de Frederico lhe fez levantar os olhos.

Com desespero pegou n'um objecto em fórma de bala, e arremessou-a ao carro de Mendes que elle havia reconhecido; mas com surpresa errou o alvo.

Bonifacio Mendes vira-lhe o gesto, e prevenira-lhe a intenção; n'um momento tomara da manivella e puchando-a com energia, o carro elevára-se na vertical, uns cincoenta metros acima do de Rocha.

— Bomba felizmente evitada, disse Bonifacio e olhava pallido para baixo, a vêr explodir na agua a bala arremessada.

— Senhor Rocha entregue-nos Lola, intimou Frederico desesperadamente.

— Venha buscal-a, respondeu com cynismo provocador Rocha Fino, denunciando na phrase laconica a sua educação classica, não me escapará pela segunda vez — e continuou a concertar a machina.

— E' forçoso que nos aproximemos d'elle,

concluiu Bonifacio. Se consegue acabar o arranjo, achar-se-ha em cinco minutos do outro lado do Oceano. E' uma corredora de primeira ordem, construida para o concurso internacional do anno passado. Ouça bem, Frederico. Vou cahir perto do carro do Rocha e o senhor salta para elle; toma Lola nos braços e passa-a para mim. E' novo e forte. Eu não posso infelizmente.

Frederico fez um simples signal de assentimento com a cabeça.

— Agora! disse Mendes, e deixou cahir o carro rapida e precisamente como bom e experimentado machinista aeronauta.

Com o coração agitado, mas resolutivo, Frederico saltou para dentro do carro de Rocha, e vigorosamente, em breve lucta, subjugou-o e atordoou-o, sob uma sarivada de soccos.

Com o mesmo esforço atheletico e rapido, de quem se habituára em Africa a lutar pela vida na concorrência feroz do interior do novo imperio d'Angola, Frederico tomou nos braços Lola desmaiada, e passou-a para Bonifacio que, pallido de commoção, estava de pé no carro prompto a recebê-la. Frederico teve ainda tempo de saltar.

— Depressa para cima.

Com effeito o Rocha recuperara os sentidos, quasi perdidos pela força da pancada que recebera, e tomara nas mãos uma outra bala explosiva.

— Uma nova bomba!

Bonifacio manobrou habilmente e elevaram-se com afflictiva rapidez. O Rocha, espumante e cego de raiva, ainda arremecou para cima a bomba mortifera, empregando toda a sua força no attentado.

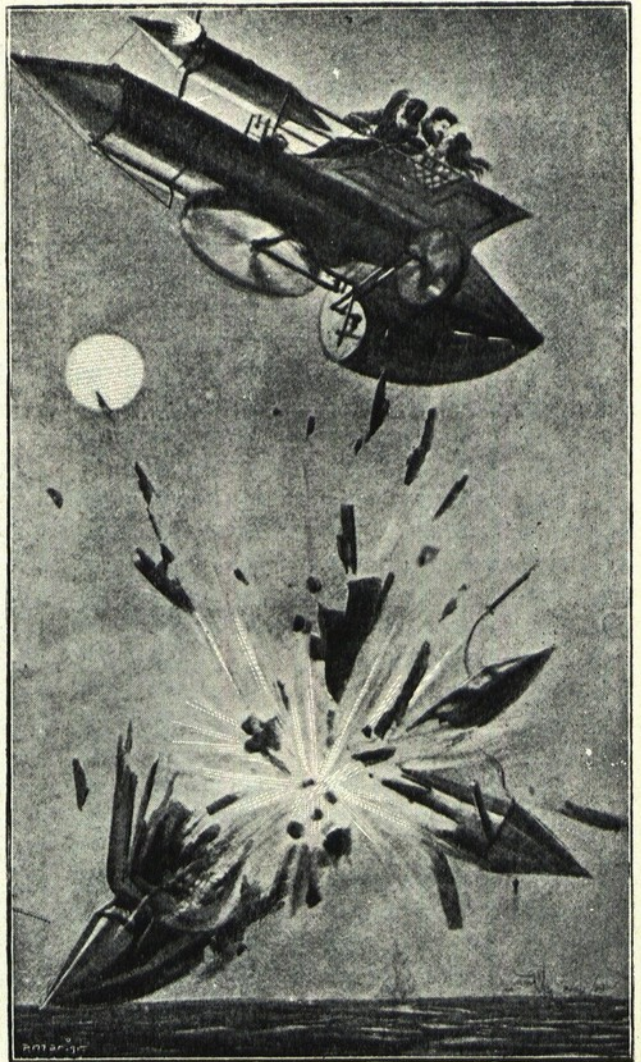
Bonifacio porém, subira mais ligeiro na vertical e a bomba, perdido o impulso do arremecimento, veio cahir no proprio carro de Rocha, explodindo com a queda e despedaçando em mil fragmentos a machina e o seu infeliz mas perverso tripulante.

Alguns dos destroços elevaram-se pela explosão, mas não alcançaram o carro de Bonifacio. Quando afinal pallidos e tremulos, se sentiram com animo de olhar para baixo, viram apenas bocados dispersos de mágmalio e de aluminio, boiando no vasto mar profundo, frageis testemunhas do fim do Rocha Fino.

Entretanto o ar subtil das alturas, e os cuidados de Frederico tinham feito reviver Lóla, que por feliz acaso encontrava a um tempo o noivo e o pae.

Contou ella que o Rocha tinha descido do ar inesperadamente quando passeiava n'uma rua solitaria do parque da senhora ingleza, sua protectora, em Cintra, onde viera pas-

sar o verão, e apesar dos seus gritos, conseguiu raptal-a. Conservou, porém, a presença de espirito bastante para reparar na posição do sol, e rapidamente fazer o necessario cal-



...despedaçando em mil fragmentos a machina...

culo mental para obter a direcção exacta da casa de Frederico. Como trazia sempre consigo o pequeno aparelho, telepathou-lhe, tendo apenas tempo de lhe dar o aviso que o sobresaltára, porque o raptor, subito e brutalmente lhe quebrara o delicado telepatho.

Trocadas estas primeiras impressões, viraram de rumo e voaram ligeiros em direcção a Lisboa, sob um luar esplendido, n'uma atmospheria serena e limpida. A pobre rapariga sorrindo de felicidade, apertava a mão do noivo, e encostava a gentil cabecita no hombro de Bonifacio, a quem dizia:

— Uma donzella salva e uma filha que encontra seu velho pae desconhecido, parece um drama do tempo antigo, não parece?

— O romance da vida, minha querida, é de todos os tempos. Mudam apenas os meios de acção, sentenciou Bonifacio Mendes.

(Imitação).



CAPITULO SEGUNDO

À Braseira

No dia seguinte, com a clara luz do sol entrando-lhe a jorros pelo quarto, no attributed espirito de Adozinda entrou tambem uma claridade tranquillã e confiãte. Que lhe importava a ella que para ali assim tivesse agora vindo essa boneca envernizada e petulãte em que toda a gente, á falta de melhor, fallava? . . . Deveria isto porventura trazer-lhe cuidados, desdobrar qualquer perniciosã influencia sobre a sua vida? . . . David gabára-a, é certo, espontaneamente, com um certo enthusiasmo represado; mas, pensando bem, semelhante movimento affectivo não podia attribuir-se a mais do que a um trivial geito de galanteador. E nem para um espirito tão largã e superiormente educado como era o d'aquelle homem, nem para uma creatura tão subtil conhecedora do mundo, poderia trazer perturbadora impressãõ ou modificãção sensivel a mimica vulgarmente tentadora d'essa desabusada rapariga, — que ella ainda nem tinha visto, felizmente! — com tanto cáio e vermelhão no rosto como artificio e dobrêz na alma.

Vã, portanto, de arredar maus pensamentos, que o sol sorria-lhe confiãte, lá do alto, e o dia estava um encanto. Trazia-lhe, para mais, seguras azas ao remontado alôr da esperãça a mesma ingenuã illusãõ da mocidade.

Sobre a tarde, ao tomar do chá, o doutor David appareceu; e tão affavel e carinhoso veio, tão serenamente prazenteiro, tão sinceramente desaccordado da pequenina semsaboria da vespera, que Adozinda houve finalmente por bem dar o caso ao olvido, e, tranquillã já tambem, reavivar o carinhoso lume do coraçãõ na antêcipada evidenciãção da sua grande felicidade emergente.

Fizêram-se até, na occasiãõ, alguns ditos com sua mira cruel na apparatusãõ da filha do capitãõ. O delegado, rindo muito, e alludindo

ao excessivo esmero com que ella pintava o rosto, dizia:

— Não é feia, não . . . mas lembra-me um predio em obras.

Tambem o velho Bento de Souza, com os pequeninos olhos pisqueiros na face rubra e redonda, observou:

— Estou que ella agora, espetada n'um pau, era optima para guardar o painço!

E logo a santa da mulher, a compôr:

— Ora tambem . . . não sejam assim! Quem sabe se essa menina teria tido bexigas?

O caso foi que, forte com estes commentarios facêtos, já ao fim da tarde não nutria Adozinda a menor sombra de suspeiã sobre a legitima e formal correspondenciã, por parte do esbelto magistrado, ao seu tenro amor; e foi com a mais inteira confiãça que os seus olhos o viram partir, ao de leve-molhados d'nma saudade inter necida . . .

Mas entretanto a fama, a figura, os meritos da gentil recémchegada continuavam alastrando pela paz mazomba da villoria n'uma vibraçãõ crescente de alvorço. Hoje eram cinco almocreves que tinham chegado, todos cinco com as alimarias ajoujadas de malas, bahun, caixas de papelão, embrulhos de toda a sorte, e tudo aquillo cheio, dizia-se, de vestidos, *toilettes*, chapêus, adereços e joias de pasmar; depois, no dia seguinte, vinha n'um carro de bois o piano, cuidadosamente empalhado; depois ainda, mais almocreves com alguma mobilia, a cama, os livros. — Nem uma doutora! mais trem que uma duqueza! — Inverosimilmente crescia o pasmo e a admirãção n'aquella acanhada sociedade de lavradores, parallela com a indignãção dos manos Guedes, que, deãte de tão arrogante estendal por parte da filha d'um «réles tarimbeiro», sentiam a sua fidalga prosãpia soffrivelmente amarrotada.

— Eu cá nunca assim vi! — exclamava,

furiado, o intransigente morgado, ao almoço, dando um murro na mēsa.

— Chega a ser immoral! — apoiou a irmã.

— Pelo menos, quando aqui estive de visita n'esta terra a senhora D. Carlota Joaquina...

— Lembra-me muito bem! — apoiou do lado, sorvendo uma tarraçada de leite, o padre Manuel.

— Pois quando tão nobre senhora aqui veio, e foi hospedada cá em casa... ahi estão os nossos archivos que o dizem, apresentou-se com uma modestia que espantou, quasi que indignou toda a gente.

— E' verdade, fidalgo... ninguem queria crêr.

— Queriam-n'a por força vestida de oiro, e ella, nã tarde das cavalhadas, diz que nem uma simples joia tinha!

— Pois quem mais do que ella...

— Ora, fidalga, mas mesmo assim estava linda. Aquillo era *mossiço*, não precisava de enfeites. Tomaram estas francêlhas d'agora!

— Modos de vida! — epilogou a fidalga, dando aos hombros, com desdem.

E os tres erguêram-se da mēsa, de mãos postas, para darem graças a Deus.

As filhas do escrivão da fazenda é que andavam n'uma azafama doida, — ouve d'aqui, tira d'ali, mette acolá, — picadas na vaidade e verdes de inveja. Faltava mais aquella! não havia um azar assim... Não bastava já, a inutilisar-lhes os projectos casadoiros, aquella *serêsma* da Adozinda; vinha ainda agora, lá do inferno, essa lambisgoia, essa impostora, toda côr e chumaços, trazendo atraz de si, á laia de dote, uma loja de modas! — E então, noite alta, as duas mallogradas noivas, em torturas febrís de insomniã, na discreta escuridão da sua alcôva, sonhavam acordadas, evocando em ardentes deliquios a appetecida, a loira e macia imagem de David, arrebatadora, distante... deliciosa e fugitiva sempre.

No emtanto, ellas fôram, com o pae, das primeiras a irem offerer os seus serviços ao commandante do novo destacamento e á filha. E logo muita familiaridade, fartos beijos; no secreto intuito de surprehenderem fraquezas e apanharem defeitos com que, cá fóra depois, de efficacia contraminar podêssem a dominadora impressão da recémvinda.

Assim, para a primeira *soirée* que o capitão annunciou, a D. Perpetua e a D. Aurora fôram logo tambem naturalmente das primeiras convidadas. E tambem logo fizêram fincapé de não faltar. De resto, foi larga a distribuição de convites, estendendo-se mesmo a pessôas e a familias que nenhuma importancia dado haviam ainda ao exhibitivo militar. Tal o Pedro Maria Guedes, que rasgou

de impeto o cartão que recebeu; e do qual a irmã ainda em cima fêz logo *summario* auto de fé, queimando os fragmentos na braseira.

Comtudo, semelhante *soirée*, annunciada com antecedencia, déra extraordinario brado por todo Leomil e redondêzas. As principaes casas de Barcos, Travanca, Santa Leocadia, Armamar e Moimenta resolvêram fazer-se representar; para o que sahiram, a arejar e a pôr á moda, das grandes arcas de pau-santo com tremidos, as velhas sêdas matizadas. Houve janota sertanejo que foi de proposito ao Porto, fornecer-se de casaca e luvas. E tivêram de vir de Lamego muitas caleças de aluguer.

Os Souzas, a pedido da filha, não apparecêram. O que logo fêz a D. Perpetua dizer para a irmã, muito abespinhada:

— E então que me dizes tu á Adozinda?...

— Eu logo vi...

— Ora o melindre!

E, como o delegado estivera, e déra flanco bastante a commentarios, logo as duas, na tarde seguinte ao baile, tomáram ao patim dos Souzas, na maligna disposição de se desforrarem ali, dando á lingua, da altiva isenção da Adozinda e do insuperavel desdem do namorado.

Portanto, logo de entrada, muitas festas, grandes espantos; e uma bem lançada girandola de interjeições a provocar o interesse.

— Com effeito! — foi o velho Souza o primeiro a ingenuamente exclaimar. — Contem lá.

E todos, curiosos, fecharam circulo, assentando os pés sobre o estrado da braseira, acabada de trazer.

— Não esteve mau aquillo, não! — disse a D. Perpetua. — Merecia vir nos jornaes.

— Ah, não tem duvida, — observou com um certo desvanecimento a irmã. — O Albino da botica disse que ia mandar uma correspondencia p'r'o *Janeiro*.

— E merece-o bem! Mas haviam de pôr tudo...

— Então? então? — tornou Bento de Souza com sinceridade, abrindo muito os olhos.

— Nada... — volveu maliciosamente a outra, enviézando os olhos á D. Adozinda, que parecia distrahida. — Elle a coisa, verdade, verdade, correu bem... com muita ordem. E a rapariga toca bem devêras!

— Não me admira nada... — disse, pacherrento, o velho, achegando com a pá, em volta das vides em brasa, a moínha que estalava.

— Ora, pois sim! — a D. Perpetua objectou. — Toca bem, mas sem gosto nenhum. Muita execução, muita execução, mas uma trapalhada!

— E o morgado do Sarzêdo, — tornou, com

o admirativo olhar em alvo, a D. Aurora, — que lindos versos que recitou!

— Quando hade aquelle homem ter juizo? — disse a D. Bernarda. E reprehensiva para o *Quinito*, que queria por força chegar o gato ao lume: — Menino!

Agora a D. Perpetua, meneiando-se com geito escarinho na cadeira, não fazia senão rir. E, muito intrigado, o Souza:

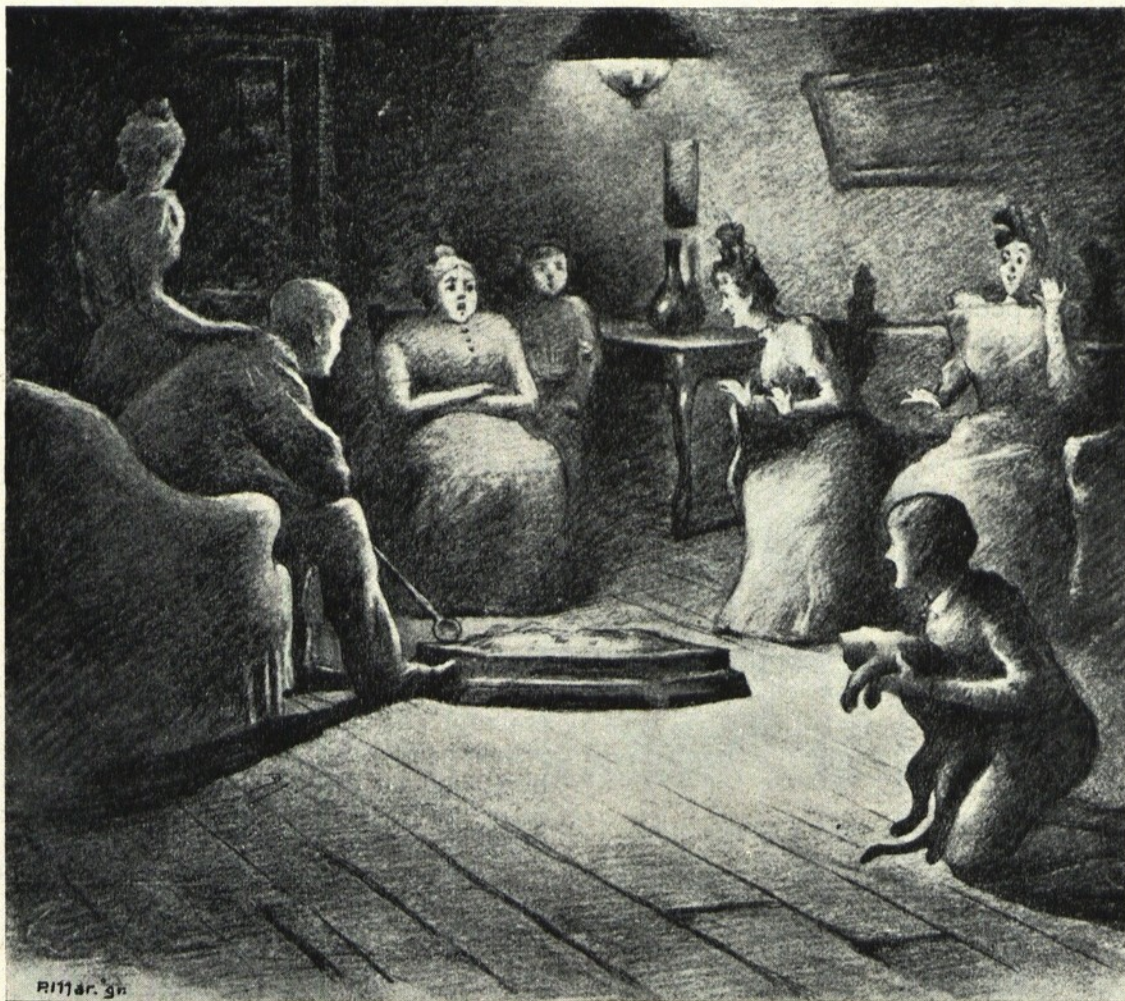
— De que ris tu tanto, rapariga?

guiu com maldosa ironia a D. Perpetua. — Elle até certa altura portou-se irreprehensivelmente.

— Não ha nada que lhe dizer, — apoiou a irmã.

— Mas depois, a folhas tantas, viu que tu não apparecias... — E voltava-se para a D. Adozinda.

— Pois não foi á falta de teirmos bem com ella, — explicou a mãe.



... em volta da braseira ...

— Cá uma coisa...

— Não, dize lá! — insistiu o velho, adeantando o busto, com os cotovelos nos joelhos e a pá suspensa vertical das mãos.

Então, depois d'uma pausa de importancia, a inzoneira sublinhou com mysterio:

— Aquelle David! aquelle David...

— Que fêz elle?...

Adozinda, apparentando sempre serenidade, apurou o ouvido, fêz-se lívida; e voltando a pregar os olhos n'ella, a narradora:

— Se eu lhes fôsse a contar!

— Então, que diabo! E' rapaz...

— Alguma das d'elle, quérem vêr?

— Nada, não sr., sejamos justos, — prose-

— Nem porque eu não tivésse que vestir! — rompeu córando, com a voz levemente tremula, a Adozinda.

— O' filha, ninguem diz menos d'isso, que idéa! — acudiu logo com muita melluria, a compôr, a D. Aurora.

— Nem ninguem tinha nada com isso, é bôa! — completou a irmã. — O certo é porêem que o doutor, até certa altura da noite, cumpriu, como perfeito cavalheiro que é, o seu devêr.

— Elle não me deve nada! — atalhou Adozinda com impertinencia, progressivamente estimulada.

E n'uma lisonja sarcasta, a outra:

— Isso é modestia...

— Bom, bom, deixem-se de... amabilidades e vamos á historia! — aqui atalhou com seccura o velho Souza, inquieto já e dorido pelo patente mal-estar da filha.

— Pois o nosso David, ninguem o via, não passava das portas...

— Até que me perguntou a mim: «a sua amiga Adozinda não virá?»

— E tu?...

— Disse-lhe que naturalmente que não. E vae elle então, mordendo os beiços, murmurou: «E' singular!» N'isto, a filha do capitão ia tocar ao piano; e logo elle gentilmente se adeantou a escolher no masso das musicas a que ella lhe indicára.

— O que era, lembras-te?...

— Não sei... um nome muito exquisito... d'um tal Chopin. Sei que ninguem gostou, porque era uma trapalhada em que, volta e meia, se repetia o mesmo estribilho, e d'ali não se passava.

— Já não apparecem agora grandes peças de concerto, não... — corroborou com tristeza a D. Bernarda, — como aquella *Somnambula*, a *Traviata*, a *Norma*. Isso é que eram variações!

— Mas o delegado lá acompanhou com o maior interesse aquella massada, sempre ao lado do piano...

— Sim!?

— Ali mesmo! attento sempre ao voltar da pagina, firme e curvo para ella, sem arredar pé...

— E os olhos ternos que a delambida lhe deitava, a agradecer!

— Não imaginam!

— Tornou-se reparado!

E n'um maligno gaudio riam muito as duas irmãs, espalmando com ruído as mãos nas côxas e cravando em Adozinda os pequeninos olhos implacaveis. Esta porêem, imperturbavelmente, quando as viu socegadas:

— E depois?...

— Depois o maganão offereceu-lhe o braço, deu com ella uma volta pela sala, e levou-a a sentar-se no meio das mais senhoras.

— Naturalissimo... — fêz o pae Souza, com os olhos na filha.

— Vê-se que é homem de educação, — apoiou a mulher.

— Depois dançou com ella não sei quantas vêzes... — insinuou ainda a D. Aurora.

— Tornou a acompanhá-la ao piano...

— Pudéra! se não fôsse elle, aqui n'esta negregada terra quem havia de ser? — exclamou o velho.

E muito abespinhada, a D. Perpetua:

— Ora essa! Se ella não fôsse tôla, se essa delambida se contentásse com mulheres, fe-

lizmente ainda havia... Por exemplo, aqui eu ou minha irmã.

Adozinda teve um sorriso de desprezo.

— O quê! duvidas? — repontou a outra.

— Essa mulher não toca musica de realjo!

E, dizendo, a melindrosa creança tinha coruscancias de ameaça na suavidade sideral dos olhos, e uma grossa ancia no coração e um fogo de indignação na face, que não escaparam á amorosa attenção dos paes. Pareceu prudente á D. Bernarda intervir, derivando a conversa para menos escabroso assumpto, quando a D. Perpetua:

— Mas o mais bonito foi ao chá...

— Ora, deixemos isso, meninas!

— Não! não! minha mãe, tenha paciencia... — exclamou agora Adozinda, apurmando-se na cadeira, com desusado imperio. E muito persuadente para a amiga, com a alma nos olhos:

— Anda, dize lá!

— Vaes-te magoar...

— Dize p'ra deante!

Os paes faziam insistentes signaes para calar-se á narradora, que, um pouco embarçada:

— Não, foi só isto... As bandejas com o chá e os bôlos eram trazidas por uns lôpas d'uns galuchos, que com aquella caranguejola á frente da barriga, muito têsos, não sabiam que fazer. Já todo o mundo ria...

— Vae então a Sobredinha, com um desembaraço de tarimba, diz muito alto: «O' suas lêsmas: precisam quem os commande? Pois bem, vou eu dirigir a manobra.» E voltando-se p'ro delegado: Quêr ser o meu ajudante, doutor?

— E ahí me vão então os dois, muito maninhos, de roda da sala a servir a gente, — elle todo pisa-flôres, ella caiada como um palhaço, com as orelhas vermelhas como se lh'as tivéssem puxado, — e uma risadinha agora, logo um segredinho, rapidos toques de dêdos por meio dos pratos e das chicharas... um escandalo, um positivo escandalo!

— Tinham o ar de desfructar a gente, mas não houve critica que lhes não fizessem.

Adozinda estava sobre brasas. Levou n'um relance a mão fria a acalmar a tempestuosa confusão do cerebro, premiu com os dedos nervosamente as palpebras; e como n'este momento uma creada viésse para accommodar no borrhão da braseira a chaleira reluzente, logo a indomita creança aproveitou para lhe dar logar, arredando-se do estrado.

— Deixa-te estar! — disse-lhe carinhosamente o pae, que a observava sempre.

— Não, não, pae... não pôsso! Tenho calor... — E passeiando agitada pelo apo-

sento, voltava a premir com dolorosa expressão a testa.

Já falto de paciência, o pae disse então para as duas implacaveis besbilhoteiras :

— Olhem, sabem que mais, minhas senhoras ? ... Cada vêz mals me convenço de que Leomil é a mais réles das terras da provincia. Puros selvagens, não sabemos senão mal dizer, deitamos á má conta os mais inoffensivos signaes de civilisação.

— Ora, não é tan assim ...

— E' assim mesmo ! Vejam agora com este caso. Chega uma senhora, educada lá fóra, livre dos preceitos servís do seculo passado, dispondo de toda a liberdade compativel com a sua dignidade de mulher, e vendo-se n'um meio de ursos, naturalmente dirige-se e entende-se com o unico homem que aqui encontra com uma educação igual á sua.

— Pois é isso ! é isso ! — exclamou a D. Perpetua, triumphante.

— Quer isto dizer que se namorem, que se amem ? ... — tornou o Souza.

— De cá se vae a lá ...

— Não diga tolices, menina ! As relações banaes do mundo nada têm com as sollicitações do coração.

— Pois nós veremos, — ameaçou a D. Perpetua, erguendo-se, com a irmã, e preparando uma retirada habil perante as dispostões hostis dos Souzas. — Adeus, sr. Souza, desculpe ...

— Nós, se fallámos, foi p'ra lhe matar a curiosidade ... — ajudou a irmã.

— Insistiu tanto !

— Eu cá por mim já estou arrependida ... — tornou hypocritamente a D. Aurora, beijando a mãe de Adozinda.

— Raparigas novas ! — observou esta, com piedosa tolerancia. — Ah, não vos poder eu arranjar a todas uns noivos como uns anjos !

— Adeus, Adozinda ... — dizia agora a D. Perpetua, sustando a meio da sala o passeio á amiga. — Perdôa, sim ? ... Olha, nunca mais ! nunca mais !

E a irmã, aproximando-se tambem :

— Nem eu, por mais que puxem por mim !

— Que afinal teu pae, sem querer, deu-me razão, está commigo. Aquillo são bons um p'r'o outro, deixa-os lá ... O melro do tal doutor era planta muito fina para se acclimar na Galgueira. As plantas de estufa não ligam com o piôrno e a urze ... Deixa lá !

E beijocavam muito a amiga, que as ouvia de labios pregados e olhos baixos, impassivel, como uma estatua.

Porfim, já no limiar da porta as duas a rebuçarem n'uma precipitada alluviãode palavrões e gestos o seu embaraço :

— E até muito breve, sim ?

— Não nos leves a mal ...

— Até talvez fôsse uma felicidade !

— Ainda assim, se eu advinhasse ...

— Nunca mais ! nunca mais !

Ellas a sahirem e a entrar pela fumosa porta da sala o vulto esmadrigado e esquelético do padre Manuel. Vinha derreado, — explicou logo. Tivera de ir, de manhã cêdo, levar Nosso Pae a uma pobre entrévadinha, cega e idiota, á quinta do Murtal ; e andára depois, té áquella hora, a dirigir e a ajudar a umas surribas urgentes na sua vinha de Riobom. Uma vida de negro !

— Sem precisão ... — aventurou a D. Bernarda, complacente.

— Ah, as senhoras fallam bem ! — gemeu



o padre. — Mas é porque não lhes passam as coisas pelas mãos. Está tudo pela hora da morte !

E sentou-se de pezo junto á braceira, tendo deixado na passagem orographado o soalho por enormes pastadas de lama.

— O certo é que eu, bem quero ... mas já não posso com estas coisas ! D'antes, era um regalo ... levava as noites d'um somno, e ainda o dia vinha em casa do Senhor, já eu estava esperto e lépido que nem um garoto. Porê, agora ... não sei que nervoso se após-sa de mim ...

— É do muito trabalho.

— Farto-me de dar voltas, sempre a acordar ... e então de manhã quem me vale é a minha jumenta, senão havia de me faltar de faltar á missa d'alva.

— Então o animal não se descuida ?

— Ah, aquillo é admiravel ! Tem umas orellhas que nem os ponteiros d'um relógio. Até parece milagre do Senhor, um brutinho assim ... Deus me perdôe !

E' que o padre, para poupar a despêza

ainda d'um catre, dormia no chão, n'uma immunda possilga sobrejacente ao cortelho onde alojava a burra; e a altura d'este era tão furtada, que as orelhas do animal passavam, pelas tabuas esburacadas, ao pavimento superior. Pois d'esta exiguidade estrutural do pardieiro tirára o padre Manuel partido, ageitando a enxerga por fórma que, deitado elle, repontavam-lhe do castanho ratado do soalho, quasi rentes aos pés, as orelhas da burra. E esta estava industriada na perfeição para invariavelmente cada dia, ao romper d'alva, com os lanzudos appendices auriculares em arrebite, cocegar as solas coriáceas dos pés do padre, até o acordar.

— Devia ter-lhe dado trabalho a ensinar, — acudiu D. Bernarda, emquanto a filha, momentaneamente distrahida, se aproximava.

— Agora deu!

— Mas como é que fêz então!

— Ora! d'um modo bem simples... dando-lhe a razão áquella hora. De sorte que, n'aquelle momento fatal, a fome espartava-a e zás! já não se accommodava sem eu me erguer.

Os Souzas riram muito e a mulher tornou:

— E como se chama a sua burrinha? Nunca me disse.

— Nem podia dizer... Deus me livre!

— Então?

— Os nomes são só p'r'as almas do Senhor.

N'este momento veio a creada com as chircas para o chá, e os indispensaveis biscoitos de Lamêgo e as tortas de Vallongo. O padre Manuel, n'uma gulosa excitação, curvou-se todo para a braseira, com as enormes palmoiras largando escamas de barro e o calor do lume accendendo reflexos mordentes no verde esfiampado da batina.

— Tome, que lhe faz bem, — disse affectuosa, passando-lhe a primeira chavena, a dona da casa.

— Obrigado, minha rica senhora! Em parte nenhuma o tomo tão bom! E é o que me vale, este chásinho e as boas pingas que apanho em casa dos fidalgos.

— Ah, os Guedes são muito seus amigos.

— Graças a Deus! E já a gente de agora assim não é... Não querem saber senão de si. É gosar e apanhar, seja de que modo fôr!

— E' uma philosophia nova... — disse Bento de Souza.

— E' a tentação de Satanaz, senhor... Pois então não vêem, ainda hontem, n'esse baile que diz que deu esse tal militar, de bigode mata-moiros... o que por lá foi?

— Então?... — fêz, como por demais, o Souza, trocando com a mulher um olhar de contrariedade.

A Adozinda, silenciosa sempre, aproximou-se mais.

— P'los modos, — continuou o padre, — aquillo esteve n'uma grande liberdade. Dançaram as estopinhas, tudo quanto ha... a pedido do dr. delegado, a filha do militar cantou o fado...

— O quê!?

— O' padre Manuel, póde lá ser!

— Foi o que eu ouvi em casa do fidalgo. — E vendo muito proxima d'elle, dóida das suas palavras, a Adozinda: — A menina desculpe, mas isto agora o mundo está assim! — Deitou um biscoito dentro da chavena, e sujeitando-o com a colher: — Quem não tem dentes... não ha remedio...

O Souza, que não tomava chá, tornou a chegar em circuito com a pá de roda da braseira as vides, já feitas em cinza, e abriu depois ao alto d'aquelle vulcão em miniatura uma como cratera, onde a moinha em brasa froulou, correndo.

— Costumes da cidade... — commentou de pachorra.

O padre encolheu os hombros.

— Mas diz, que é gente de educação... — a D. Bernarda objectou.

— Educação, educação... Ora o quê! P'lo menos o pae...

— Então?...

— Pois não sabem o palavreado d'elle? São tudo arrieiradas! E hontem então creio que se sahiu com cada uma...

— Custa a crêr!

— Hoje na loja do Guimarães não se falava n'outra coisa! Por exemplo: foi esse grande ordinário dançar com a mulher do secretario da camara, e a meio da festa, vendo-a tão gorda e sempre frescalhona, elle que ainda lhe não tinha dado uma palavra, saltou-se com esta: «A senhora não sua?» Ella, envergonhada, disse-lhe naturalmente que não; e elle então, a impar, diz que exclamou: «Oh, que natureza... Pois eu sou um distillador!»

D'esta vêz, a communicativa explosão do riso alcançou tambem Adozinda, desfranzindo-lhe de troça por um momento a meditativa expressão em que concentrára o seu rosto miudinho e triste. Emquanto, sorvendo com ruido da colher as sôpas, o padre tornava:

— Ah, não imaginam a troça que por ahi vae!

— Toda a medalha tem reverso... — mansa commentou a D. Bernarda.

— Não deixa de ser bem feito! — acudiu Bento de Souza, com os olhos piscantes de alegria. E erguendo-se e batendo animador na espadua da filha: — Vês tu?

— E ainda outra, querem saber?... — vol-

veu o padre, enxugando com as costas escoriadas da mão os lábios de pergaminho. — A folhas tantas, quando foi do vinho fino, estava elle com o Albino da botica, o Braga e mais uma roda, e apontando desvanecido a filha: «Cá não se usam aquelles cáios, hein?... Pensam que é só proprio das comicas... Pois assim é que eu a quero sempre! tão brunidinha e tão alva como as correias dos meus soldados.»

— O homem é doido!

— Imaginem o effeito da tolice! A senhora Guedes tambem não queria crêr.

— E talvez não seja verdade...

— Ora essa! então o Braga... Não é capaz de dizer uma coisa por outra!

Entretanto, o Bento de Souza tinha ido á dispensa proxima, mettêra o espiche n'um velho pipo, a um canto, aspirára, e d'elle vertia agora para a tamboladeira um riquissimo licôr, ambreado e gordo. Depois, avançando ao padre, muito cordeal:

— Ora vá, padre Manuel... em paga de nos ter feito rir tanto, prove lá!

— Isso em cima do chá não assenta bem! — acudiu solícita a mulher.

— Não faz mal, — accentuou risonho o marido.

E ainda bem elle não fallára, que já o padre Manuel, de posse da tamboladeira com sofreguidão, tomava primeiro o aroma, com ares de entendedor, ao vinho, que logo a seguir esvasiou d'um trago.

— Que tal?...

— E' de ir ao céu! — regougou o padre, enrolando n'um epicureo estalo a lingua.

— E' uma geropiga que eu venho tratando, ha cinco annos. Clarifiqueia-a agora!

— Vale o seu peso de oiro, não haja duvida!

E dispunha-se consolado o padre a sair, quando a D. Bernarda:

— Diga-me, padre Manuel: essa ceguinha do Murtal não é a morgada?

— E' sim, minha senhora.

— Não tem herdeiros?

— Tem uma sobrinha no recolhimento... em Freixinho.

— Deve ficar bem...

Ao ouvir fallar em Freixinho, Adozinda ergueu de impeto a cabeça, abriu os olhos e cortando finalmente aquelle seu mortificado mutismo:

— Freixinho... já lá estive, sr. padre Manuel?

— Ora, minha menina, quantas vêzes!

— E é bonito?

— Aquillo ali é uma grande solidão. A aldeia é pequena, os arredores são tristonhos. Está n'uma baixa, onde ha uns campitos de centeio, e em volta não se enxergam senão cordas de montes, afogados em castanheiros e carvalhos. Uma tristeza!

— Ha de ser como se estivesse a muitos milhares de leguas do mundo...

— E' de morrer de tédio e pavor!

— Mas que te importa a ti?... — atalhou para Adozinda o pae, levemente reprehensivo. — Que demonio de perguntas são essas?

— Olhe, deixe-a fallar... — disse para o padre a D. Bernarda, estendendo-lhe a mão, a despedil-o.

— Então, com sua licença...

E o vigario ia a tornar á porta, quando Adozinda, retendo-o:

— Padre Manuel, diga-me ainda outra coisa... Já vae. E o recolhimento, ao menos, é bonito?

— Ah, isso é... Tem um mirante muito alto, que se avista de cinco leguas em redor.

— E as freiras são amigas?

— Vivem como Deus com os anjos.

— Dão muitas esmolas?

— Muitas... Póde-se dizer que o povo vive d'ellas... da sua caridade e do que dão a fazer. E então que bem que tratam a gente, n'aquella grade! que rico dôce de chila!

— Tambem eu gosto!

— Ah, os dôces de compota são a especialidade da casa. Têm encomendas até do Porto.

Passivamente assistiam agora os paes de Adozinda a este intempestivo inquerito, sem perceber.

Adozinda tornou:

— E confessor têm?

— Ah, pois não têm! Um santo velhinho!

— Conheço-o eu, — disse o pae.

— Tem 90 annos, parece feito de cêra... Muito alto, os olhos de velludo, o cabello de neve...

— Ainda me heide confessar a elle! — balbuciou Adozinda, n'um vago extase, erguendo os olhos.

— Ora! está lá tão longe...

— De longe se faz perto...

E emquanto, sinceramente intrigados, os Souzas trocavam com o padre um mudo olhar de espanto, Adozinda suspirou:

— Quem me déra lá!

E na incendida vehemencia do desejo uma leve tinta de aurora lhe aqueceu as faces maceradas.

ABEL BOTELHO.

(Continúa)



TRAGEDIA EM NAPOLES

No meado do seculo XIV, justamente dois annos depois dos inglezes e francezes terem combatido em Cressy, o systema feudal era ainda a lei da Europa. Na antiga cidade romana de Avignon, sobre o Rhône, uma rainha de vinte annos, formosa, Joanna de Napoles, ia ser julgada por um Papa, e pelo crime de cumplice no assassinato de seu proprio marido, André, príncipe da Hungria. Tal é o assumpto do artigo que segue e no qual se conta a tragica historia d'esta princeza italiana. As condições extranhas em que se commetteu o crime, a diversidade de opiniões emittidas sobre a culpabilidade da rainha, a falta de documentos, a incerteza ou a contradicção das chronicas tornam o problema insolúvel e permitem ainda formular as mais subtis analyses de psychologia feminina, ao sabor da curiosidade intellectual ou da predilecção affectiva dos que estudam o coração humano.

O REINO napolitano era n'aquelle tempo um feudo da Egreja, e os seus monarchas estavam sob a jurisdicção da Santa Sé. Ao Papa, por tanto como monarcha superior, Luiz, rei da Hungria, ir-

do ouvido a accusação dos embaixadores húngaros, intimou a subdita real a vir, em sua presença, fazer a propria defeza.

A scena d'este extraordinario acontecimento, para o qual convergiam as attentões de toda a Europa, dava-se na sala do consistorio do grandioso palacio papal em Avignon. Avignon era um notavel exemplo da confusão de jurisdicções territoriaes que então prevalecia na Europa: cidade franceza, com parte do territorio da Provença pertencente á corôa de Napoles, e ao mesmo tempo cidade imperial, reconhecendo uma certa ingerencia dos imperadores allemães, estava n'aquelle momento occupada pelos Papas, francezes durante aquelle seculo. A rainha Joanna, apesar de vir para o seu julgamento perante o suzerano feudal, assignalou a sua entrada em Avignon com uma proclamação na qual expedia providencias, como condessa de Provença, sobre a ordem interna da cidade.

Abriram-se as portas da grande sala do julgamento, e todos os olhaes se voltaram anciosos para a entrada.

Fez-se o silencio caracteristico dos momentos solemnes. Entre dois cardeaes, avançou lentamente Joanna de Napoles, em plena florescia dos seus vinte annos, porte distincto, esculptural nas formas, feições correctas de



Entre dois cardeaes, avançou Joanna...

mão mais velho do príncipe assassinado André, appellou por justiça, e Clemente VI, ten-

modelo, fronte larga e altiva, sobrancelhas delicadamente arqueadas, olhos grandes e lim-

pidos, eloquentes na expressão de pezar e de soffrimento, rosto oval, e labios sensuaes. Na cabeça uma corôa, e sobre o vestido de carmesim trazia um manto real espessamente bordado a cruces doiradas e flôres de lys.

Caminhou na sala, ajoelhou-se tres vezes perante o Papa, a ultima para beijar a cruz bordada nos sapatos. O Papa Clemente ergueu-a e deu-lhe nos labios o beijo que lhe era devido em virtude do seu grau de soberana. Em seguida tomou o lugar que lhe era destinado e lhe competia, á direita do Papa, e descansou alguns minutos em attitude reflexiva de quem faz intima oração ou exame de consciencia. Depois um official da justiça pediu silencio para Joanna, por graça de Deus, rainha de Jerusalem e da Sicilia, duqueza de Apulia, princeza de Capua, e condessa de Provença, Forqualquier e Piedmont.

Antes, porém, que Joanna se levante para fazer a sua defeza, vamos relatar a historia do crime de que era accusada. Sêu avô, Roberto, foi o usurpador que arrancou a corôa napolitana a seu irmão mais velho, sob o pretexto de que um só homem não podia convenientemente governar os dois reinos da Hungria e de Napoles. O rei da Hungria legou os seus direitos aos seus descendentes, e o casamento de seu neto André com a neta e herdeira de Roberto, sendo combinado como meio de resgatar o erro do passado, parecia reconciliar os contendores titulares. Isto succedia quando André tinha apenas sete annos e Joanna cinco; e o pequeno noivo foi levado para Napoles para ser educado entre os seus futuros subditos. Infelizmente não foi só. Alguns húngaros seguiram o principe na esperança de obter altas posições ou privilegios lucrativos, e o principal d'entre elles foi o tutor, um tal frei Roberto, que, educando o pupillo, tratou de assegurar-se um inteiro dominio sobre o seu espirito. Com faceis expedientes da época, o frade conseguiu obter reputação de santidade, o que lhe deu grande influencia na população de Napoles, ao mesmo tempo que a sua feroz ambição e maneiras grosseiras o faziam detestado na côrte. Previa-se que mal André se sentasse no throno, o reino seria governado por frei Roberto; e elle cuidadosamente insinuou no espirito de seu pupillo que a corôa lhe pertencia, não por direito de sua mulher, mas pelo proprio direito de seu avô.

Por outro lado, a educação de Joanna estava talvez ainda em peiores mãos. O rei Roberto, sabio, theologo, poeta, e astrologo era na verdade doido. Por morte dos paes de Joanna, entregou a princeza orfã aos cuidados de uma mulher de baixa condição, mas de grande habilidade, que a levou gradualmente a subir da sua modesta posição de lavadeira a de uma

dama da côrte. Filippa de Catanese, assim se chamava, era tão ambiciosa como frei Roberto, porém menos digna ainda. Dizia-se que ella descera aos processos mais baixos para conquistar influencia sobre a futura rainha, entregando-a até propositadamente nos braços d'um filho seu. Certo é, que um dos primeiros actos de Joanna, depois de subir ao throno, foi dar a este tal filho da sua educadora o titulo de conde de Evoli e de lhe conferir um dos maiores cargos do reino.

Roberto o sabio, antes de morrer parece que reconheceu o grave erro que cometera. Em vez de reconciliar as rivaes pretensões ao throno precipitára o conflicto. Em lugar de dar á sua neta um companheiro amigo, aproximara d'ella um rival.

As duas crianças, tão monstruosamente unidas, nunca se amaram, e agora encontravam-se frente a frente, como os reis e rainhas do xadrez, promptos a combater um contra o outro com os seus pouco escrupulosos partidarios. A idéa original do velho rei tinha sido a de que André e Joanna reinariam juntos; porem viu-se constringido a abandonal-a, e chamando todos os nobres do reino, fel-os jurar fidelidade somente a Joanna. Pouco depois morreu, deixando em testamento á neta os seus dominios.

Em todas as cidades feudaes a posição do marido d'uma rainha reinante era muito mal definida. Não raro se determinava um natural conflicto de proeminencias; por vezes era corôado rei, a sua effigie apparecia no cunho das moedas, e o seu nome antecedia o da rainha nos documentos officiaes. Era necessario inserir as mais rigidas estipulações no contracto do casamento, para o impedir de exercer os poderes de soberano. Nos proprios antecessores de Joanna havia exemplo: Carlos de Anjou governara a Provença em lugar de sua mulher. Era um assumpto que dependia muito das circumstancias de cada caso; e quando, como no de André, o marido tinha direitos proprios e independentes dos de sua mulher, era inevitavel que a lueta pelo poder se deveria tornar renhida e grave.

Quaes seriam os sentimentos d'uma rapariga de quinze annos e d'um rapaz de desesete, quando, perante o corpo do rei morto, pensassem que ia ser decidida a grave questão de qual d'elles havia de usar a corôa? Porque, na verdade, a corôa não pode ser partilhada: um só a póde usar. Ainda que se amassem ternamente, o fatal premio, posto entre elles, seria o sufficiente para os separar. Recorde-se, porem, que André era um moço de temperamento frio, cujo prazer unico se resumia na caça e outros exercicios proprios da sua idade, em quanto que Joanna, com

a terrível precocidade da sua idade e do seu paiz, já substituíra nos eleitos do seu coração o filho da governante pelo bello Beltrão de Artois, filho do camarista-mór. O primeiro signal para a lucta foi dado pelos partidarios de Joanna, que foi proclamada rainha, e a regencia do concelho, approvando a vontade do avô, começou de administrar o reino em seu unico nome. Pouco depois frei Roberto apoderou-se do poder, appoiando-se nas sympathias populares, e usurpou tanta autoridade, que todos os partidos se alegraram quando o Papa interveio, e no exercicio dos seus direitos de suzerano nomeou um delegado para regular o governo durante a menoridade da rainha.

A contenda transferiu-se então para a côrte de Avignon. O partido hungaro procurou obter do Papa Clemente uma bulla para a corôação conjuncta de André e de Joanna, o que seria equivalente, a pôr o poder real nas mãos do marido. Os napolitanos, dirigidos por numerosos principes de sangue real que aspiravam á successão depois de Joanna, opposeram-se áquelle intento.

Esta negociação durou dois annos e meio, contados da data da morte de Roberto o sabio. O rei Luiz da Hungria que de direito era o herdeiro de Napoles, cedeu a herança em favor do irmão, e diz-se que confirmou a cedencia com a offerta ao Papa de 100:000 corôas de oiro, argumento ponderoso em beneficio de André.

Pouco antes de setembro de 1345, chegou a Napoles a noticia de que o Papa havia dado a sua decisão a favor de André. Uma bulla confirmava a corôação conjuncta, e o bispo de Chartres partira de Avignon para vir realizar a cerimonia. O bispo ainda chegou á fronteira do reino, mas ahi soube noticias que o fizeram retroceder.

Determinara-se que a corôação deveria realizar-se a 20 de setembro. Algumas semanas antes, principios d'agosto, uma alegre e luzida cavalgada, com falcões e cães de caça, atravessou as ruas de Napoles, e sahiu as portas em direcção ao mosteiro de Aversa. Era a côrte de Napoles, que se refugiava do calor suffocante das ruas da cidade na frescura e na sombra das montanhas.

De quem se compunha a cavalgada brilhante, e o que tinha sido feito dos chefes da liga contra o principe? Entre estes havia o ambicioso Carlos, duque de Durazzo, primo terceiro de Joanna, que aproveitando-se da anarchia do tempo raptara a irmã mais nova da rainha, a princeza Maria, tivera-a escondida durante um mez, e desposara-a depois publicamente, em virtude de uma dispensa, obtida do condescendente Papa por

intermedio de Carlos, cardeal de Perigord, seu tio. Por fim declinára pelo menos apparentemente a sua opposição ás pretensões de André, e estava vivendo nos termos da mais affectuosa amizade com elle. O duque de Durazzo comtudo não fazia parte da cavalgada para Aversa. Porquê?

Nem tão pouco lá appareceram aquelles outros primos de Joanna que tão fortemente se impressionaram com a realeza de André. A mãe d'estes, a imperatriz titular de Constantinopla, era tia de Joanna e depois da infame Catanese a personagem mais influente na côrte. Comtudo tambem estava auzente e não fazia parte da cavalgada. Fallára-se em tempo d'um projecto de casamento de Joanna com um dos seus filhos. O terceiro, de nome Luiz, era afamado pela sua belleza, e nas maledicencias da côrte, o nome d'elle andava juncto ao de Joanna.

O conde de Evoli era da partida para Aversa assim como o cunhado, o conde de Terlizzi. Estes tinham muito a temer da proxima cerimonia, da corôação conjuncta que os collocaria á mercê de frei Roberto. Outro tanto succedia a Beltrão de Artois, cujas relações com a rainha não eram desconhecidas do implacavel frade. Beltrão e o pae, o camarista-mór, esses partiram tambem para Aversa.

Notavam-se ainda dois italianos ás ordens de André: Melazzo tabellião, e Jacobuzio di Pace, camarista, ambos, dizia-se, antigos servidores do duque de Durazzo.

Durante um mez quasi, estes homens acompanharam e vigiaram dia a dia a sua victima. O seu guarda, fiel e dedicado frei Roberto, estava detido em Napoles, com os preparativos do grande acontecimento de 20 de setembro. Mas André andava, segundo a tradição, protegido por poder sobrenatural. Usava um talisman que lhe tinha sido dado pela mãe, a velha Isabel de Poland, feito talvez nas tendas dos barbaros lapps, trazido para Livonia, depois para a Lithunia, e agora da Hungria ao extremo sul da Europa, para tomar parte importante n'uma tragedia provocada pela decisão d'um Papa francez.

O talisman sem duvida por si não tinha importancia, mas a crença que n'elle depositavam os inimigos de André dava-lhe decido valor.

Estava-se na ante-vespera do dia da corôação. Na manhã seguinte a côrte havia de voltar para Napoles. André e os seus companheiros demoraram-se a beber até tarde, para celebrar a sua ultima noite em Aversa. Mal poderia suppôr que era tambem a sua ultima noite na terra.

O principe levantou-se da meza e reti-

rou-se para o quarto de sua mulher. Acabára de adormecer ao lado d'ella, quando pouco antes da madrugada, uma das criadas, e irmã do camarista d'elle, Pace, entrou no quarto e acordou-o dizendo-lhe que um cor-reio chegára n'aquelle momento de Na-poles com importantes noticias de frei Roberto. André saltou da cama, vestiu-se á pressa e sahiu do quarto.

A porta do quarto de dormir, abria para uma larga galeria, que corria em volta do palacio a consideravel altura do chão. Um lado da galeria era formado pela propria parede do edificio, e o ou-tro era em arcaria deitando sobre os jardins. Ao sahir do quarto de sua mul-her, o principe achou-se no meio de um grupo de homens, na companhia dos quaes estivera bebendo em intimo con-vivio horas antes.

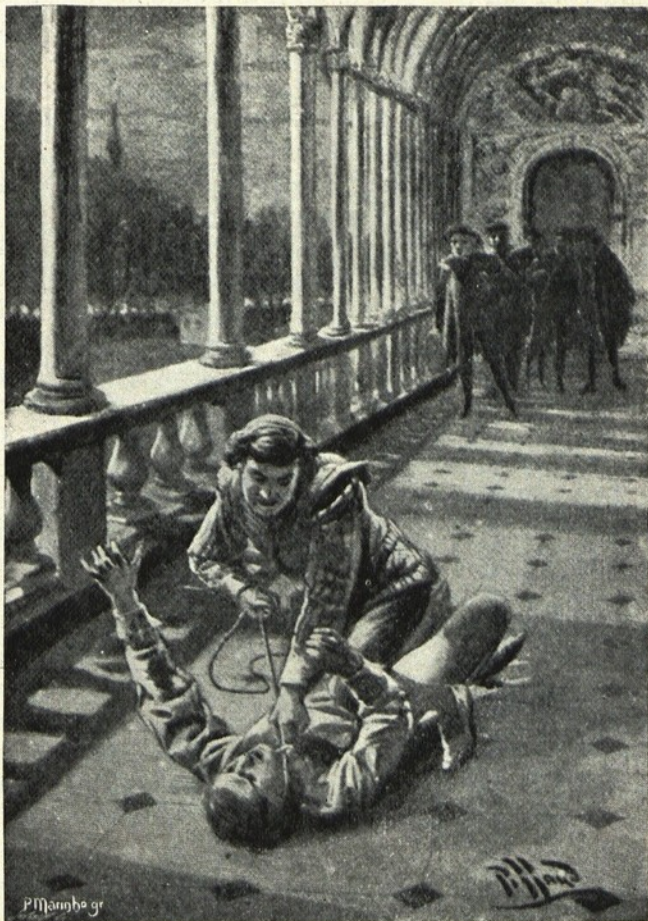
O que se passou em seguida ha de ser sempre assumpto de conjecturas. To-davia uma mulher dormia n'um quarto justamente por baixo do chão da galeria, a velha ama hungara de André, e essa mulher foi n'aquelle momento desper-tada do seu somno, pelo barulho de ci-ma, tropel de passos e gritos afflictivos. Levou tempo a perceber que esses sons denunciavam algum acontecimento si-nistro, porém mal comprehendeu que alguma tragedia extraordinaria estava succedendo, levantou-se, e estava pondo confusamente as suas roupas allumiada pela pallida luz da madrugada que co-meçava a entrar pela janella, quando o quarto foi repentinamente escurecido por um objecto negro que a tapava. A pobre mulher correu á janella, e olhando para fóra divisou as pernas d'um homem estrebuchando nas agonias da morte. Era André, a quem os assassinos tendo conseguido pendural-o, enforcaram com uma corda de seda do alto da varanda.

Um chronista da epoca descreve a lucha com particularidades. Conforme o que elle conta, o infeliz principe luctara contra os aggressores com tão desesperada energia que a principio se desembaraçou d'elles, e ainda se arrojara com impeto para o quarto de sua mulher, como para se refugiar a seu lado. Mas a porta estava ferrolhada, e a rainha não deu o menor signal de dentro.

Então o formoso Beltrão, vendo hesitar os outros conspiradores, atirou-se sobre o prin-cipe com a raiva d'um demonio, derrubou-o, metteu-lhe o joelho sobre o peito, e conse-guiu atar-lhe a corda em volta do pescoço. Os companheiros viéram ajudal-o, e reunidos os esforços, arrastaram o principe ainda respi-

rando até o parapeito do balcão, e d'alli o precipitaram.

Conta-se tambem que, quando um dos da emboscada, o conde de Terlizzi, retrocedera



...conseguiu atar-lhe a corda em volta do pescoço...

estremecendo de horror, seu cunhado Evoli, chamou-o para vir ajudar a segurar na corda, dando-lhe esta significativa razão: — «Deve-mos ter cúmplices e não testemunhas».

Os gritos da pobre ama velha avisaram os malvados de que o crime estava descoberto. Um d'elles cortou a corda, e dispersaram apres-sadamente. Os dois Artois, pae e filho, fugi-ram para o seu castello, em Santa Agatha; e d'este modo proclamaram-se criminosos. O conde de Evoli, e os seus companheiros, mais descarados ou mais astutos, voltaram para Napoles, e continuaram a mostrar-se na côrte.

E Joanna? Que teria ella sentido, quando deitada na mesma cama, d'onde o marido se levantára ouviu os dilacerantes gritos, o tropel da luta á porta do quarto? Ella tinha então dezeseite annos.

Parece que esteve sem falla nem movi-mento por algumas horas, fixos os olhos enxutos, n'uma expressão de terror, que tanto poderia ser remorso de criminosa como receio de egual sorte. Debalde os monges do con-

vento vieram á porta do quarto pedir-lhe ordens sobre o destino do corpo, que elles tinham levado para a capella. Não descerrou os labios, e afinal, tendo-se vestido, cobriu a cara com um negro véu, entrou n'uma liteira fechada, e fez-se transportar para Napoles.

Assim foi o crime. Apesar d'aquellas épocas serem de violencias illegaes, apesar de serem vulgares n'aquelle paiz os dramas de sangue e de traições, o assassinato d'uma mocidade inoffensiva, na vespera da sua corôação e no limiar do quarto de dormir de sua mulher, excitou a execreção universal.

Como Joanna não tivesse dado indicação alguma sobre o enterro do marido, o duque de Durazzo tomou sobre si este dever. Trouxe o corpo para Napoles, e sobre a sepultura pediu solemne e publicamente justiça para os assassinos. Comprehende-se o seu procedimento. Se elle podesse criminar Joanna e induzir o Papa a declarar o throno vago, sua mulher, a princeza Maria succederia. Assim a questão do crime de Joanna, se estivesse ao cuidado do duque de Durazzo, nunca teria ficado um dos problemas insoluveis da historia.

Entretanto nenhuma providencia se tomara para a prisão ou castigo dos assassinos. Os Artois continuavam a salvo na sua fortaleza; Evoli e Terlizzi appareciam egualmente nas ante-camaras da rainha Joanna. A influencia



...arrancaram-lhe a lingua...

de frei Roberto finalisou com a morte do seu pupillo; em breve o legado papal resignou o governo nas mãos de Joanna e deixou o rei-

no. Joanna attingiu a idade de dezoito annos, a maioridade legal d'uma soberana, mezes depois da morte do marido.

Porque motivo não procedeu, nem intentou investigação alguma contra os assassinos? Ha uma carta d'ella para o rei da Hungria, escripta depois de se ter convencido de que a opinião publica lhe fazia accusações graves, em que procura justificar esta falta de procedimento.

Da leitura d'essa carta, tanto se pode concluir a melancolica desculpa de uma mulher indefesa, rodeada de homens violentos, em poder dos quaes se collocára por actos attribuidos melhor a fraquezas de temperamento do que á maldade de animo; como se pode descobrir a defesa artificiosa de uma culpada e cumplice no assassinato do marido.

O rei da Hungria, a quem se dirigia aquella carta, era um d'estes homens severos e implacaveis, que parecem ter nascido para serem os castigadores justiceiros dos grandes crimes. Mal soube da noticia do assassinato, publicou um manifesto dirigido ao Papa, e aos reis da Europa, pedindo vingança, mas sem ao de leve envolver a viuva do irmão. Mas, decorridos alguns mezes sem que a viuva mostrasse a menor intenção de proceder, as suspeitas calaram-lhe no animo. Affirma-se que o proprio duque de Durazzo lhe escrevera, confirmando ou insinuando aquellas suspeitas sobre Joanna.

Afinal, resolveu levantar uma accusação formal contra ella e apresentar a sua queixa perante o tribunal do celebre Rienzi, então no auge do seu extraordinario poder em Roma; e preparou-se para manter pelas armas o seu appello á justiça. Foi então que elle mandou a Joanna aquella celebre contra-replica, cuja insultuosa e terrivel concisão a tornou famosa entre as epistolas reaes:

Joanna! A vossa anterior vida desordenada, o vosso apego ao poder real, a vossa negligencia na vingança, o vosso segundo casamento e as vossas proprias desculpas, provam terdes consentido no assassinato de vosso marido.

Effectivamente, Joanna casára em segundas nupcias com Luiz de Taranto. Realisou-se o plano attribuido á imperatriz de Constantinopla. A opinião d'aquella epocha apontava esta como tendo sido a principal instigadora de toda a conspiração. Comtudo, quer fosse innocente, quer culpada, Joanna não podia iniciar processo de justiça sem ir bater na sua propria familia.

O alvoroço que produzira na Europa o crime, os formidaveis preparativos de guerra dos hungaros, e, talvez mais do que tudo, o

desdem alardeado pelo rei da Hungria em appellar da justiça de Rienzi, em vez da sua propria, estimulou Clemente vi. Posto que, em rigor, elle já não tivesse direito de interferir nos negocios internos de Napoles, despachou uma ordem em fórma de bulla, datada de 2 de junho de 1346, dirigida a Hugo de Baux, principal juiz do reino, ordenando-lhe a investigação do crime e o castigo dos assassinos.

O facto de ter o juiz de Baux levado a effeito, sem resistencia ou embaraço, a sua commissão é de consideravel importancia, para avaliar a sinceridade das desculpas de Joanna. As primeiras prisões começaram pelos criados Pace e Melazzo.

A prisão de Pace motivou um extraordinario incidente. Quando era levado para a prisão, um grupo de homens armados e commandados pelo conde de Terlizzi, atacaram os guardas, apoderaram-se do prisioneiro a quem arrancaram a lingua, para o inhabilitar de fallar perante a justiça. Foi mais um crime inutil. Melazzo, pela tortura, denunciou Evoli e Terlizzi, e ambos elles, com a Catanese e o resto d'aquella odiosa familia, foram executados.

Os julgamentos foram secretos, mas as execuções fizeram-se da maneira mais publica, com o fim de convencer o povo de que o governo nada tinha a temer do que os condemnados podessem ter intenção de denunciar. Com effeito, nenhum d'elles disse a menor palavra. Passaram silenciosos pelas ruas, subiram uns ao cadafalso, outros á fogueira, e pereceram sem descerrar os labios. Do principio ao fim dos processos, nem uma só palavra foi pronunciada d'onde se podesse inferir conhecimento da rainha ou de qualquer dos principes da casa real da conspiração que assassinara o principe.

Luiz da Hungria não ficou satisfeito; e como Rienzi declinasse de si pronunciar julgamento sobre a causa, sahiu da sua terra natal á frente de um exercito vingador, hasteando uma tremenda bandeira onde fôra pintado o assassinato de André. O exercito continha contingentes dos numerosos estados da Allemanha; e era tão grande o respeito e sympathia que inspirava a missão do rei Luiz, que os estados italianos lhe deram passagem livre pelos seus territorios, e alguns mesmo lhe offereceram reforço de homens.

Na fronteira do reino foi procurado por um nuncio do papa, que lhe prohibiu inva-

dir o feudo da egreja. O rude e vingador rei da Hungria não fez caso algum da prohibição. Avançou encontrando pouca ou nenhuma resistencia, e devastando o paiz á



Carlos ajoelhou aos pés do rei...

medida que se internava. Em todos os tempos tem sido esta a sorte do povo: pagar pelos desmandos e pelos crimes dos seus dirigentes; e em muitos casos, precisamente, os dirigentes são aquelles que o povo consente que sejam.

Parecia ter chegado ao duque de Durazzo o momento de obter recompensa da sua politica dubia e ardilosa, e foi encontrar-se com o invasor.

Encontrou-o em Aversa, logar de mau agoiro. O implacavel rei recebeu-o e aos irmãos mais novos que o acompanharam com todas as mostras de amizade. Os principes prestaram-lhe homenagem como rei de Jerusalem e da Sicilia, porque assim eram considerados officialmente os reis de Napoles. Fizeram convivio juntos e passaram a noite na cidade.

Na manhã seguinte todos estavam montados e promptos a seguir para Napoles, quando o rei Luiz, voltando-se repentinamente para o duque, que estava a cavallo a seu lado, lhe disse:— «Mostrae-me o lugar onde meu irmão foi morto.»

Carlos tremeu em quanto respondia:

— Não procure tal lugar. De resto, eu não estava cá.

O rei insistiu. Apearam-se, entraram no mosteiro e dirigiram-se á galeria onde o crime fôra commettido. Tão depressa alli chegaram, a attitude do rei tornou-se sombria.

— Vós — disse elle, com acrimonia, ao tremulo duque — vós sois um traidor. Intrigasteis em Avignon contra a corôação de André. Casasteis com a princeza Maria, vossa prima, para poderdes herdar a corôa por morte de André e de Joanna. E, comtudo, estava escripto nos designios que tinheis de morrer no proprio sitio onde fizestes morrer meu irmão.

Carlos ajoelhou aos pés do rei hungaro, protestando a sua innocencia.

— Como vos podeis desculpar? — exclamou o rei. E apresentou, affirma-se, ao duque uma carta, sellada com o proprio sêllo d'elle, incitando os Artois ao assassinato.

Immediatamente, a um signal de seu amo, os hungaros da guarda cahiram sobre o duque ajoelhado, e apunhalaram-no, depois do que o rei mandou que deitassem o corpo da

A este tempo, Joanna tinha já fugido. Quer fosse a traição de Durazzo que a tivesse amedrontado, quer fosse por má vontade de seus subditos, que recusaram ajudal-a, não oppôz a menor resistencia, nem empregou o minimo esforço em defender o reino. Logo que ella reconheceu ser inevitavel a guerra, reuniu alguns nobres e deputados das principaes cidades, e formalmente os dispensou do seu voto de fidelidade. Joanna continuou annunciando a sua sahida do reino, para «ir manifestar a sua innocencia ao Vigario de Deus, na terra, assim como era sabido do Deus do Céu.»

Com estas solemnes palavras, ella embarcou acompanhada sómente do marido para as terras de Provença. Deixou seu filho menor, Carobert, nascido poucos mezes depois da morte de André, entregue ao cuidado do rei Luiz, o qual mandou o sobrinho para a Hungria, juntamente com outros principes que lhe cahiram ás mãos. Na Provença, residencia hereditaria de sua familia, Joanna encontrou dedicados amigos. A sua jornada para Avignon foi uma procissão triumphal. O povo rodeou-a para sua defeza pessoal de guardas que ella recompensou, segundo se diz, vendendo os seus dominios ao rei de França. Referimos-nos já á recepção que lhe fez Clemente VI, e continuamos a narração interrompida no momento em que Joanna ia apresentar a sua defeza. Em phrases entrecortadas pelos soluços e pelas lagrimas que brotavam dos seus lindos olhos, ella descreveu o seu amor pelo defuncto marido, o desgosto e o terror que lhe causou a sua tragica morte. Apontou com a habilidade de um advogado experimentado a ausencia de qualquer testemunha contra ella, uma só que fosse; defendeu-se da demora em entregar os assassinos á punição, e concluiu pedindo justiça para que o Papa e o Sacro Collegio proclamassem ao mundo a sua innocencia e lhe restituissem o reino de que fôra expoliada.

E' facil de calcular o effeito de semelhante appello, sahido dos labios de uma das mais encantadoras mulheres d'aquelle tempo, e sendo ainda essa formosa mulher uma rainha perseguida. A numerosa assistencia, movida de commoção, irrompeu em applausos, e foi tão grande o entusiasmo em seu favor que os embaixadores hungaros não se atreveram a replicar, e sentiram-se felizes por sahir da assembléa sãos e salvos.

O Papa pronunciou solememente a absolvição de Joanna, e n'aquella mesma tarde era proclamada a sua innocencia por um de-



O Papa pronunciou a absolvição de Joanna...

balaustrada abaixo, precisamente no sitio d'onde cahira o principe André. Consummado este acto de vingança, se não de justiça, o exercito hungaro avançou sobre Napoles.

creto formal que a declarava acima de toda a suspeita de crime.

Depois de alguns annos de guerra, durante os quaes doenças infecciosas largamente concorreram para enfraquecer as forças húngaras, Joanna readquiriu o reino, pagando 300.000 florins ao rei da Hungria como indemnisação das despezas de guerra.

Mas, embora tivesse desistido de annexar á Hungria o reino de Napoles, o irmão de André não abandonou os seus intuitos reservados de vingança. Annos se passaram, Joanna perdeu o seu segundo marido, pouco depois um terceiro, e por fim casou pela quarta vez. Um novo papa, Urbano VI, expediu de Roma uma bulla contra ella, por outros motivos que não se relacionavam com os do passado, e Luiz da Hungria viu que chegára o momento opportuno. Levantou um exercito contra ella, na pessoa de seu primo Carlos de Durazzo, sobrinho do duque apunhalado, a quem mandou, apesar de Joanna o ter designado para herdeiro do reino, combater a sua bemfeitora. Joanna foi feita prisioneira, levada para o fatal mosteiro de Aversa, e ali foi estrangulada no mesmo sitio onde fôra assassinado seu primeiro marido André.

Os contemporaneos do caso viram n'este tragico desfecho a mão da justiça divina, lavrando sentença ao cabo de trinta annos. Todavia, existiam ainda aquelles que, como o Papa, haviam declarado calumniosa e falsa a accusação de Joanna. Esta é a opinião expressa por Petrarcha, o insigne poeta; mas Petrarcha tinha sido amigo do avô de Joanna de Napoles e gozára do cargo de capellão honorario d'esta. Boccacio, outro poeta celebre, segue a mesma opinião; mas tambem se tinha aquecido ao sol da côrte, e elle era homem cujas convicções poderiam ser abaladas pela belleza e mocidade da accusada.

Estas objecções porém não se podem applicar ao celebre jurisconsulto Baldio de Perugia, cuja opinião era escutada para decidir da legalidade da eleição de um Papa, e a quem se recorria como arbitro de infallibilidade. Baldio expressa a sua crença na innocencia de Joanna; mas poder-se-ha dizer que os homens de lei e os advogados estão sempre inclinados a julgar sómente por provas juridicas e nenhuma havia contra Joanna.

O Papa Clemente, justificando a absolvição de Joanna, sustentou que havia sómente *suspeita* contra ella, e que nenhum dos culpados a declarou cúmplice. Na sua decretal de absolvição, tinha-a declarado *acima* de suspeita. Comtudo apparece dito mesmo na historia mais favoravel a Joanna que na commissão dada a Hugo de Baux de proceder contra os assassinos ia envolvida uma nota

secreta, na qual o Papa prohibia estrictamente a de Baux, por motivos de razão de estado, que no decurso da devassa transparecesse, alguma cousa envolvendo a rainha ou os principes de sangue. A existencia d'esta nota reduziria a investigação de Baux a um simples manejo politico. A opinião publica reclamava victimas; ter-se-lhe-hiam dado os actores insignificantes e populares do drama. Os grandes ficaram protegidos. Diz-se que fôra até combinado que, antes dos condemnados se dirigirem para a execução publica se lhes prendesse as linguas com anzóes, para os privar da possibilidade de fazer qualquer revelação perigosa, atrocidade semelhante á que fizeram a Pace. Perante estas circumstancias nenhum valor teria a absolvição de Avignon. Pouco tempo depois d'este julgamento, soube-se que Joanna vendera ao Papa os seus direitos sobre a cidade de Avignon pela somma nominal de 40.000 côroas. O verdadeiro preço teria sido a bulla que lhe restituia o reino de Napoles. Entra-se no campo das transacções que não illucidam o problema: tanto podem ser benevolencia como habilidade gananciosa.

Que Evoli, Terlizzi e os Artois foram criminosos, não ha duvida, tanto com a approvação de Joanna como sem ella. Mas se não houve tal approvação, como explicar o extraordinario desleixo em os chamar a juizo? E' pouco acreditavel, que uma rainha cujo marido foi barbaramente assassinado, quasi á sua vista, por um troço de malvados, nunca tivesse levantado um dedo para os chamar a contas, a não ser que lhes approvasse o procedimento. Na sua carta de desculpa ao rei de Hungria, apresenta duas razões, que mutuamente se destroem. Ignorava quem eram os criminosos, e julgava-se inhibida de proceder por causa da situação d'elles.

E' provavel que a ideia do crime não nascesse no espirito de Joanna. Podia mesmo tel-a acceitado com reluctancia. Mas homens na posição dos Terlizzis e dos Evolis, não conspiravam para assassinar um grande principe, sem um proveito immediato. Dois d'esses homens tinham sido amantes de Joanna o que a habituara a traições.

Por isso quem meditar na complexa psychologia humana ha de encontrar sempre duvidas em resolver o problema. Este drama historico ficará sempre mysterioso. Teria sido o terror egoista, o medo covarde, a afflicção aguda que cerrou os labios de Joanna n'aquella madrugada fatal do crime, e lhe roubou o movimento e acção; ou teria sido a deliberação propositada, a preversidade satisfeita que a aconchegou na cama, quente ainda do corpo do marido que se levantou para receber a morte á traição?



A RESURREIÇÃO DE CRISTO

Oratorio por

Don Lorenzo Perosi

Preludio

♩ = 60
Largo

(Archi)
p m.d.

p

(I. Violini, Corni ingl.)

p

tr.

(Corni)

(Archi, Legni)

First system of musical notation, featuring a grand staff with treble and bass clefs. The music includes various rhythmic values and dynamic markings such as *f* (forte).

Second system of musical notation, continuing the piece with complex rhythmic patterns and dynamic markings.

Third system of musical notation, including a first ending bracket labeled (1) and a dynamic marking of *p* (piano).

Fourth system of musical notation, with a dynamic marking of *Red.* (ritardando) and an asterisk symbol.

Fifth system of musical notation, featuring a dynamic marking of *p* (piano) and a fermata over a note.

Sixth system of musical notation, concluding the page with a dynamic marking of *p* (piano).

(Fag. Tromboni)
(Celli)

p
(Corni)

This system shows the first two staves of a musical score. The upper staff is in treble clef and the lower staff is in bass clef. The music is in a key with one flat (B-flat major or D minor). The upper staff begins with a dynamic marking of *p* and includes the instruction *(Corni)*. The notation consists of eighth and sixteenth notes, some beamed together, and rests.

(I' Violini)
pp

This system continues the musical score with two staves. The upper staff is in treble clef and the lower staff is in bass clef. The key signature remains one flat. The instruction *(I' Violini)* is placed above the first staff, and the dynamic marking *pp* is placed between the staves. The notation features a mix of eighth and sixteenth notes with various articulations.

(Corni e Viole)

This system consists of two staves in treble and bass clefs. The key signature is one flat. The instruction *(Corni e Viole)* is located at the bottom right of the system. The music continues with eighth and sixteenth notes, showing some phrasing slurs.

cres. molto
stentate assai

This system shows two staves in treble and bass clefs. The key signature is one flat. The instruction *cres. molto* is written above the upper staff, and *stentate assai* is written below the lower staff. The notation is more complex, with many beamed notes and rests.

(2) *con grande espansione* (Corni ingl.) (Corni, celli)
ff

This system features two staves in treble and bass clefs. The key signature changes to two flats (B-flat major or D minor). The instruction *(2)* is above the first staff, *con grande espansione* is above the second staff, and *(Corni ingl.)* and *(Corni, celli)* are above the third and fourth staves respectively. The dynamic marking *ff* is placed between the staves. The notation includes various rhythmic values and rests.

This system shows the final two staves of the page, in treble and bass clefs. The key signature is two flats. The notation continues with eighth and sixteenth notes, ending with a double bar line. There is a small signature or mark at the bottom right of the page.

MODAS

No estrangeiro as senhoras collaboram largamente nas revistas do genero da nossa, ainda mesmo aquellas damas que pela sua alta posição no mundo official ou elegante, aristocracia indiscutivel ou riqueza pouco vulgar, menos se poderia supôr tivessem predilecção pelo jornalismo e benevolencia em distinguir as revistas populares e baratas, como os *Serões*. N'uma d'essas revistas inglezas para onde ellas enviam habitualmente uma serie de pequenos artigos constituindo uma discussão cujo thema escolheram nas suas reuniões intimas, e por meio da qual expressam os seus modos de vêr, não raro com subtil finura de argumentos e de conceitos, lemos ha pouco, uma controversia sobre a arte de se vestir bem, e como se deveria intender este dizer. Foi opinião unanime que uma mulher verdadeiramente elegante, educada e artista no seu vestuario, modificava consoante a sua personalidade as determinações da moda ou dos figurinos, decretada em geral mais por necessidade industrial da fabricação de tecidos, aproveitamento de materias primas e applicação de processos novos ou economicos, do que por caprichosa phantasia ou estudo decorativo dos desenhistas de profissão. A altura, a maior ou menor corporencia, a exuberancia de formas ou a esculptura gracil, a flexibilidade serpentina, o tom da pelle, a expressão physionomica influem poderosamente para o effeito d'uma mesma *toilette*, composta em determinado genero, como tambem a idade, a posição social e o estado influem no typo, côr, qualidade e gosto do vestuario.

Entre os processos de educar a vista, o senso esthetico das mulheres na arte de se vestir, apontava uma das escriptoras, titular distinctissima no grande mundo inglez, a necessidade de visitar a meude as galerias de quadros, as academias de bellas artes e observar os retratos dos mestres, na harmonia dos tons, na disposição das roupagens, na preferencia de attitu-

des, no desenho propositado para realçar os primores naturaes ou para attenuar defeitos. A imitação servil do gosto d'uma chamada rainha da moda, ou a adopção obediente das composições dos *ateliers* repugnam, dizia outra, a qualquer mulher que na plena consciencia da sua formosura ou dos seus encantos saiba o que quer e o que lhe convem na maneira de se vestir. Todas ellas, n'uma preocupação bem pratica da sua raça, fazem calculos sobre a fôrma de attenuar as despezas



elevadas, a que a sua propria gerarchia as constringe para viver a grande vida dos ricos,

e advogam calorosamente o quasi dever de
attender n'essas despezas o trabalho e a arte



nacionaes, estimulando o fabrico de rendas, o renascimento das pequenas industrias domesticas, a conservação dos bons modelos artisticos, o aperfeçoamento dos artefactos pela critica judiciousa em comparação com a produção e o progresso extranhos. Se a despeza é necessaria, inevitavel, que se lhe tire o maximo pro-

veito util, revertendo em beneficio commum. E assim, em exposição facil e desprerenciosa de opiniões, as opulentas *ladys* apontam diversissimos aspectos d'esta tão complexa arte de se vestir bem, dando relevo á propria formosura, multiplicando a força dominadora dos encantos naturaes, exemplificando no simples vestuario o cultivo do seu espirito pela propriedade e justeza com que empregam os estylos, com que recordam no córte e nos enfeites o conhecimento das épocas historicas, e com que aprimoram o bom gosto em deliciosa visão do que se chama a suprema elegancia.

As illustrações que publicamos são destinadas apenas a dar orientação ás nossas leitoras sobre os generos de *toilettes* mais usados, tanto em costumes de *soirées* ou de jantares, como em trajes de casa; por isso damos um modelo de *blouse* e outro de *saut-de-lit*, vestido de manhã. Em todos se reconhece uma grande simplicidade, e esta é a tendencia geral. O custo da fazenda, a qualidade das rendas, o acabamento das guarnições distinguem apenas as *toilettes*. Definitivamente adoptam-se as cassas leves, de desenhos floridos e de côres esmaecidas. As longas pregas *watteau* tornam-se a usar, como se vê na nossa illustração. Na frente o vestido de manhã fecha ao lado, preso com um ou dois botões de esmalte. Um reverso de velludo, especie

de gola larga, é destinada a resguardar o collo ou virada deixa vêr um tufo interno de rendas. As mangas tem os punhos em forma de campainha guarnecidos de velludo. A prega e banda *watteau* sahe nas costas por debaixo da gola.

A elegante *blouse* que mostra a nossa gravura faz-se geralmente em fazenda de algodão ás riscas, leve, setinosa, a que no commercio se dá o nome de *orlwoolla*, fino producto da tecelagem moderna. A parte superior, escapulario e peitilho, é de seda leve, franzida, de côr complementar, em tom harmonico com a do corpo, e guarnecida d'uma estreita fita de velludo, tambem em tom semelhante. A seda franzida monta-se, é claro, sobre forro liso e ajustado que completa o corpo da *blouse*. A gola é de fazenda de



algodão empregada para o corpo, que fecha debaixo do braço, ao lado. O cinto é em velludo da côr da guarnição.



VARIEDADES

D'uma forma succinta, compativel com a indole e espaço d'esta revista, continuamos a dar noticia, acompanhada quanto possivel de illustração, dos principaes acontecimentos que vão dia a dia prendendo a attenção publica, na politica de cada paiz, nas sciencias e nas artes, na vida mundana, e que reflectem as modalidades da opinião, constituem as tendencias d'um dado momento, attestam o trabalho investigador e progressivo da humanidade, e memoram a existencia dos que representaram um papel proeminente ou exerceram uma influencia util nos destinos da sociedade.

A RAINHA ALEXANDRA

A RECENTE successão ao throno de Inglaterra do rei Eduardo VII poz naturalmente mais em evidencia a actual rainha, que como princeza de Galles conseguiu obter o respeito publico pelas suas altas qualidades de espirito, e como grande dama alcançára em todas as côrtes europêas a justissima fama de ser a mais elegante de entre as mais distinctas mulheres de sociedade. Ella tem o raro condão de se distinguir e extremar na propria simplicidade das *toilettes*, e de parecer modesta e simples, quando em cerimoniaes officiaes, por obrigação da sua alta posição, tem de apresentar-se com a opulencia de adornos e de joias valiosissimas que possui; mas em todos os casos impõe-se á consideração geral e domina pelo encanto proprio da sua

expressiva physionomia. Modificaram-lhe os annos e a maternidade a formosura; mas conservou sempre aquelle extranho poder de attracção e de superioridade mundana, de que tantas vezes quem escreve estas linhas ouviu fallar nas sociedades estrangeiras com louvor respeitoso e admiração.

A rainha Alexandra nasceu a 1 de dezembro de 1844, no palacio de Güle, em Copenhague, filha do actual rei da Dinamarca e da fallecida rainha Luiza. Merece notar-se que os paes da rainha Alexandra descendem directamente da filha de George II de Inglaterra, a qual casou com Frederico I da Dinamarca, e que a rainha Luiza fallecida teria succedido por seu proprio direito na corôa dinamarqueza, se não fôra a lei salica. Como é sabido, o rei Christia-



A RAINHA ALEXANDRA
Quando Princeza da Dinamarca

no foi designado successor pelo tratado de Londres de 8 de maio de 1852, e pela lei dinamarqueza de successão de 31 de julho de 1853. A princeza Alexandra nasceu, por tanto, quando seu pae era ainda o duque de Schleswig-Holstein. Não tinha dezeseite annos, quando encontrou pela primeira vez nas festas da cathedral de Worms, o principe de Galles, com quem veio a casar a 10 de março de 1863, e a lua de mel dos principes foi passada na mesma casa de Osborne, onde falleceu a rainha Victoria.

É tambem conhecida a amizade intima que se estabeleceu entre a rainha Victoria e a sua nora, por quem ella teve sempre uma predilecção toda plena de ternura, submettendo-se com prazer ao encanto natural da princeza de Galles.

Conta-se que a rainha Victoria accedeu somente ás sollicitações de sua nora para abandonar o luto profundo que apoz a morte do principe consorte Alberto quasi a afastara

inteiramente da côrte e dos encargos da sua posição de rainha; e acrescenta-se ainda em minudencia justificativa a acquiescencia da

rainha Victoria a modificar o porte do veu de viuva que a princeza Alexandra, antes d'uma cerimonia da côrte, lhe pediu para ella propria arranjar e dispôr graciosamente.

A rainha Alexandra é tia direita do *tsar* actual, porque sua irmã mais nova a princeza Maria Dagmar da Dinamarca é hoje viuva do *tsar* Alexandre III; como tambem o rei Eduardo VII é tio direito do *keiser* Guilherme II da Allemanha, o qual é filho da princeza real da Grã-Bretanha, Victoria, hoje imperatriz viuva. Vê-se bem o grau de estreito e directo parentesco que une as corôas das tres grandes potencias que hoje dominam o mundo, pela força dos



A RAINHA ALEXANDRA

Ultimo retrato

seus exercitos, pela grandeza dos seus dominios, pelo poder das suas collossaes fortunas publicas, e pela expansão das suas populações numerosas e activas

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

FEVEREIRO—22 *China*—YOU-SIEN é executado em Lan-Tchao.

23 *Portugal*—A camara municipal de Lisboa pede ao governo a sua dissolução collectiva sob o pretexto de um projecto de lei que transfere para o ministerio do reino os serviços de beneficencia e asylos.

— *Allemanha*—O professor Anderson de Kiel descobre uma nova estrella de côr branca e azulada pertencente á constellação de Perseu.

— *Buenos-Ayres*—Os carregadores da Bahia Blanca declaram-se em grêve.

24 *Grecia*—Os operarios das minas francezas de Laurisen, Athenas, declaram-se em grêve.

25 *Hespanha*—A rainha regente ratifica o tratado que cede aos Estados-Unidos as ilhas de Sibita e Gagarjan, em Yolo.

— *Austria*—Suicida-se em Vienna o prin-

cipe Croix, cuja historia de amores com uma aldeã explica o acto da desesperança.

— *Portugal*—O ministro da fazenda apresenta ao parlamento 14 propostas de lei, remodelando impostos e providenciando sobre o desequilibrio orçamental.

— *França*—No senado francez o sr. Guerin, antigo ministro da justiça, interpella o governo sobre os meios de salvaguardar os direitos dos portadores da divida externa portugueza.

26 *Hespanha*—O general Azcarraga apresenta á rainha regente a demissão do gabinete.

— *Roumania*—O sr. Carp entrega ao rei a demissão do gabinete.

— *Italia*—Um grande incendio destroe o theatro de Castagnole em Catania, communicando-se a quarenta casas, e calculando-se as perdas em mais de um milhão de liras.

— *China* — Tchi-Sion e Sou-Tcheng-You são decapitados publicamente em presença das tropas internacionaes.

— *Estados-Unidos* — Rebenta um grande incendio na hulheira de Diamondville, morrendo 50 mineiros.

27 *Terra Nova* — O conselho legislativo vota o *modus vivendi* relativo ao French-Shore.

— *China* — A Inglaterra, a Allemanha e o Japão combinam communicar a Li-Hung-Chang que a China não deverá fazer concessão alguma especial aos estrangeiros, quer na Mandchouria quer no resto da China. A Russia exerce uma energica pressão sobre Li-Hung-Chang afim de obter a conclusão definitiva da convenção relativa á Mandchouria.

— *Inglaterra* — A camara dos commons vota em segundo escrutinio uma proposta do partido liberal fixando o dia de oito horas de trabalho nas minas.

— *Roumania* — Constitue-se sob a presidencia do sr. Stourdza o ministerio, reservando este para si a pasta dos negocios estrangeiros e a da guerra, interinamente, e tomando o sr. Aurelien, a da justiça; o sr. J. Bratiano, a das obras publicas; o sr. Spiru-Haret, a da instrucção publica; o sr. Paladi, a da fazenda e o sr. Missir, a da agricultura e commercio.

— *Estados-Unidos* — O senado vota um additamento ao projecto de reorganisação do exercito, auctorisando o presidente a entregar aos cubanos a administração da ilha sob certas condições, reconhecendo-se á União um direito de fiscalisação sobre os negocios externos e questões financeiras.

— *França* — Os operarios do porto de Marselha, em numero de 3:000, declaram-se em greve.

28 *Portugal* — As telephonistas de Lisboa constituem-se em greve, pedindo augmento de salario.

MARÇO — 1 *Cuba* — A commissão de constituição cubana recusa-se a conceder aos Estados Unidos o estabelecimento de depositos de carvão na ilha.

— *França* — 1.000 operarios da fabrica de luvás Perrin frères, em Grenoble, declaram-se em greve. — Continuam por causa da greve, suspensos os trabalhos em todos os estaleiros.

— *Russia* — O conselheiro Bogolepow, ministro de instrucção publica, é victima de um attentado nihilista recebendo um tiro de revolver cuja bala lhe atravessou o esophago.

2 *Transvaal* — O general Dewet passa o Orange em direcção ao norte, além da colonia do Cabo.

— *Italia* — Completa 91 annos de idade e 23 de coroação Sua Santidade o PAPA LEÃO XIII. — Os trábaldadores maritimos de Palermo, julgando-se lesados pela nova lei dos premios á marinha, declaram-se em greve.

— *Cuba* — Os partidos republicano nacional e democrata popular protestam contra o projecto relativo ás relações de Cuba com os Es-

tados Unidos apresentado ao congresso de Washington.

— *Inglaterra* — Os professores de esgrima Heeckeren e Emile André batem-se em duello a espada, em Tattersall de Saint James, ficando o ultimo ferido no punho direito sem gravidade durante o quinto assalto.

3 *Estados Unidos* — O presidente Mac-Kinley promulga um tratado de extradicação entre a Suissa e os Estados Unidos.

— *França* — Os operarios carpinteiros de Agen declaram-se em greve pedindo a applicação das antigas tarifas.

4 *China* — O imperador promulga um edito annullando todos os decretos lavrados entre 20 de junho e 14 de agosto de 1000, afim de não apparecer d'elles vestigios na historia.

— *Estados Unidos* — Cerimonia da installa-ção do presidente Mac-Kinley no Capitolio de Washington.

5 *Turquia* — Um (*iradé*) imperial ordena a constituição de uma alta commissão financeira composta de cinco antigos ministros da fazenda, e do actual, e de seis funcionarios superiores sob a presidencia de Zia-Pachá, para equilibrar o orçamento, sem augmento de impostos, e para proceder á unificação geral de todos os credores.

— *Russia* — São presos 200 estudantes em S. Petersburgo por manifestações feitas no decurso do serviço religioso celebrado na igreja de Kázan em commemoração do anniversario da suppressão da escravidão.

— *França* — Produz-se uma enorme explosão de fulminato na estação do caminho de ferro de Irun, fazendo cinco victimas e ficando a gare destruida.

6 *Portugal* — Generaliza e agrava-se a agitação popular e as manifestações de estudantes determinada pela questão das congregações religiosas. Estabelece-se no Rocio, de Lisboa, conflicto com a policia que effectua numerosas prisões.

— *Hespanha* — E' constituido o novo gabinete hespanhol composto de: Sagasta, presidente; duque de Almodovar, estrangeiros; Garnica, justiça; Urzuiz, fazenda; Weyler, guerra; duque de Veragua, marinha; Moret, reino; conde de Romanones, instrucção publica; Villa Nueva, obras publicas.

— *China* — Todas as potencias, com excepção de França e Russia, deliberam intervir na China, repellindo qualquer accordo que esta pretenda fazer com qualquer paiz, sem a consulta das outras potencias.

— *Estados Unidos* — O senador Morgan solicita a rescisão do tratado de Bulwer e Clayton. O presidente Mac-Kinley confirma nos seus cargos todos os ministros.

— *Allemanha* — Em Bremen é commettido um attentado contra o imperador Guilherme II sendo-lhe arremesado para a carruagem um pedaço de ferro que lhe fere uma das faces.

7 *Hespanha* — E' levantado o estado de sitio em Madrid.

8 *Inglaterra* — O municipio de Londres vo-

ta um credito de 5000 guineos para se erguer um monumento á rainha Victoria.

— *Portugal* — Os operarios soldados da fabrica Léon Delpeut, de Setubal, declaram-se em gréve, reclamando augmento de salario.

— *França* — Primeiro anniversario do incendio do theatro Comedie Française de Paris.

— *Estados-Unidos* — E' assignado um accordo prorogando até 24 de setembro de 1902 os prazos convencionados para a ratificação do tratado de reciprocidade entre os Estados-Unidos e a França.

10 *Italia* — Celebra-se em Roma um comicio popular contra os direitos aduaneiros sobre os trigos.

— *Portugal* — Realisa-se em Santarem um comicio agricola para protestar contra o abandono dos interesses da viti-vinicultura por parte dos governos e contra certas bases das propostas fazendarias que directamente aggravam o estado da propriedade rural.

— *Estados Unidos* (Texas) — Um violento cyclone destroe grande parte da cidade de Villeponst.

11 *Hespanha* — Aggrava-se a crise operaria fechando bastantes fabricas importantes de Barcelona. São incendiadas duas fabricas em Manllen.

— *Portugal* — E' publicada uma portaria mandando informar os governadores civis sobre as existencias de instituições religiosas que não estejam legalmente constituídas por ulterior procedimento governativo; e outra portaria não accetando a deposição do mandato da Camara municipal de Lisboa. O ministro de obras publicas apresenta ao Parlamento propostas de lei sobre as adegas sociaes e companhia vinicola, emphyteuse e sub-emphyteuse, inquerito industrial, concessões de caminhos de ferro, e viação municipal.

12 *Hespanha* — Os directores dos jornaes *Pais* e *Español* batem-se ao sabre, ficando o ultimo ferido gravemente na cabeça.

— *França* — Em consequencia da crise operaria em Marselha, suspendem o seu trabalho 26 fabricas e officinas.— O espada francez Robert é colhido n'uma corrida de touros em Nice recebendo um gravissimo ferimento no pescoço.

— *Portugal* — Os operarios da fabrica de tecidos da companhia União Fabril Lisbonense constituem-se em gréve, reclamando contra a diminuição de salario.

15 *Valparaiso* — Constitue-se o novo gabinete chileno, sob a presidencia do sr. Rivere, sendo ministro dos negocios estrangeiros o st. Cruz.

16 *Estados-Unidos* — Um violento incendio destroe quasi totalmente a povoação de Cloverspot, ficando sem domicilio 300 familias. As perdas materiaes avaliam-se em 600 mil dollars.

— *Hollanda* — A rainha Guilhermina acceta a demissão do ministro da guerra, encarregando o ministro da marinha de gerir interinamente aquella pasta.

— *França* — Batem-se em duello Fernando de Rodays, director do *Figaro*, e o conde de Boni de Castellane, ficando ferido o primeiro com uma bala.

— *Estados-Unidos* — A commissão dos negocios estrangeiros da convenção cubana rejeitou unanimemente a emenda feita pelo senado americano definindo as relações dos Estados-Unidos com Cuba.

— *China* — E' inaugurado o caminho de ferro de Pekin a Tchang-Hin-Fer, em presença dos ministros plenipotenciarios da França e da Belgica.



NECROLOGIA

FEVEREIRO — 21 LÉONTINE MASSIN, 54 annos, em Saint-Maurice, França, foi desde o fim do Imperio até 1882, uma das actrices de maior talento e de sensacional belleza.

22 MONSENHOR AVON, bispo de Guadeloupe, 54 annos, em Pont-Saint-Esprit, França.

MARÇO — 3 CONDE DE TORREANAR, em Madrid, ex-ministro da justiça.

8 PETER BENOIT, em Anvers, compositor belga.
9 MARECHALA, CONDESSA NIEL, 78 annos, em Paris, viuva do marechal de França.

— BARÃO DE STUMM-HALBERG, em Halberg (Allemanha), grande industrial e deputado ao Reichstag.

15 Conselheiro BOGOLEPOW, em S. Petersburg, ministro da instrucção publica.



THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante o mez de Março

MARÇO — 8 PETRONIO, peça em 5 actos e 6 quadros, extrahida pelo sr. Marcellino de Mesquita do romance de Sienkiewicz *Quo Vadis?* (Theatro D. Amelia).

9 AMA SECCA, comedia em 3 actos, de Sil-

vane, traducção do sr. Moura Cabral (Theatro do Gymnasio).

— OS DOIS ANUNCIOS, comedia em 1 acto, original do sr. Pedro Pinto (Theatro do Gymnasio).



NAVEGAÇÃO AEREA

COMO justificação da possivel realidade do conto *Rapto de Lola*, todo elaborado na previsão dos transportes aereos para o meado do seculo actual, reproduzimos em gravuras os modelos das duas mais recentes

camadas de ar sob o impulso dado pelos respectivos motores ; e assim discute-se o merito da de Kress sobre a de Hoffman, visto que a primeira construida em planos de resistencia diferentes dispõe de maior compressão e portanto de maior velocidade,

emquanto que a segunda simplificada em relação aos planos de compressão, apenas com as suas azas de larga envergadura, offerece maior segurança nas descidas forçadas, em casos de desastre, funcionando como simples pára-quédas.

A construcção dos motores tem sido igualmente motivo de reflexões ponderosas, não só com referencia ao seu volume, qualidade dos materiaes empregados e força effectiva, como tambem com respeito ao alimento que lhes forneça a força. Na machina de

Hoffman o carvão é ainda preferido ao petroleo, á benzina, ao alcool, e outros combustiveis propostos. O aparelho de Hoffman é feito em aço, e a caldeira em cobre, composta de 72 tubos de agua. A machina de Hoffman é munida d'uma especie de andas, que lhe facilitam o movimento inicial. Avaliam-se as despe-

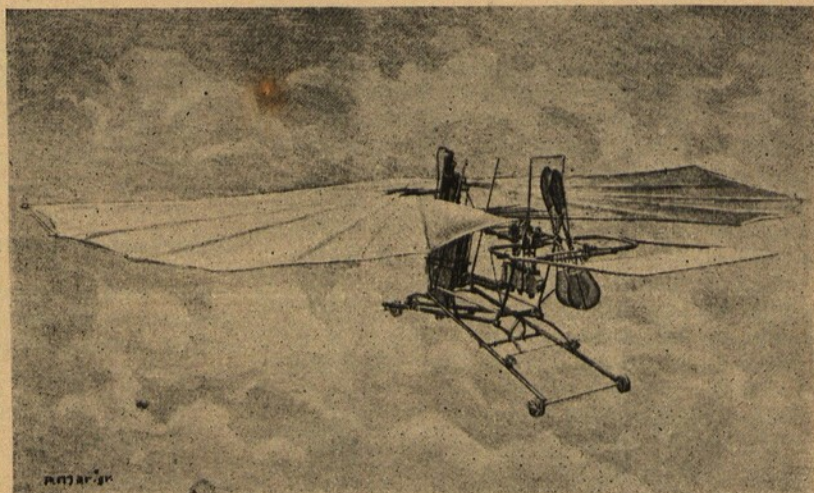
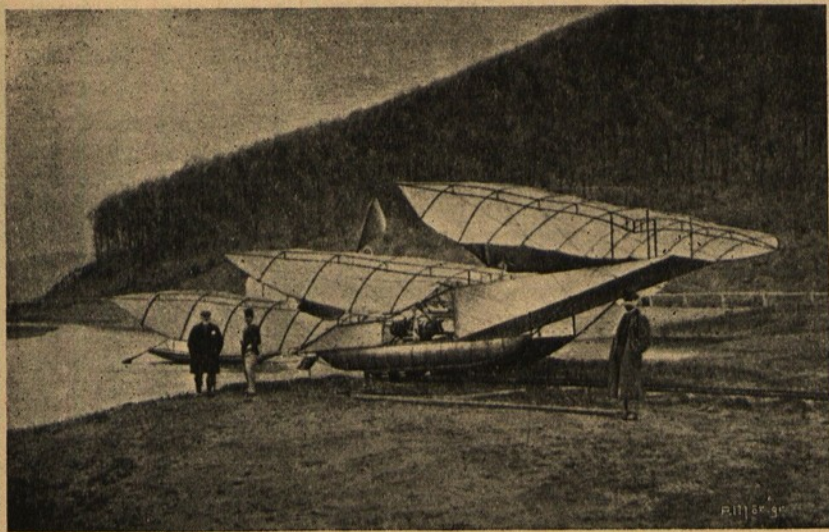
machinas voadoras que bem demonstram o esforço inventivo convergindo para a resolução do problema.

Uma, a que está sobre a praia, é devida ao engenheiro Guilherme Kress, de Vienna d'Austria; a outra, figurada suspensa na amplidão dos espaços, é devida a Hoffman, de Berlim, e já foi apresentada ao exame dos homens de sciencia, e dos praticos de nautica, reunidos no grande salão de gymnastica da escola real, como modelo e em profiada concorrência de nacionalidades nas proeminências scientificas. Ao cabo de 27 annos de sérios estudos, rico de desillusões e pobre de experiencias, o sr. Hoffman conseguiu dar valioso e pratico impulso ao tão debatido e contestado problema da navegação aerea. Discutem-se acaloradamente as vantagens d'uma sobre outra machina, apontam-se-lhes os defeitos, louvam-se-lhes as qualidades de resistencia, calculam-se-lhes as velocidades possiveis, prevêm-se lhes os perigos na viagem, e aneia-se em geral pelas experiencias concludentes em modelos definitivos.

Uma e outra tomam a força ascencional, que as eleva, na compressão progressiva das

zas de construcção do grande modelo em cerca de dez contos de réis, e suppõe-se que equal importancia será spendida nas experiencias subsequentes.

Na Allemanha ha grande confiança no exito do novo invento ; mas póde suppôr-se que o espirito patriotico aquece fortemente aquelle entusiasmo de momento.



PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradável entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

Novo papel para imprimir

Mr. Benham acaba de publicar na *Gazette du Photographe Amateur* um interessante invento seu de um novo papel para impressões photographicas, de facil preparação para os amadores e relativamente economico.

Dissolvendo 15 gr. de bichromato de potassa e 7 gr. de sulfato de cobre em 125 cc. de agua, teremos o banho sensibilizador que se filtrará conservando-se assim indefinidamente.

O melhor papel a empregar é o de impressão, espesso, liso e de boa qualidade.

Toma-se uma folha d'este papel e prende-se com quatro *punaises* a uma taboa de antemão preparada para este effeito e, molhando um pincel de aguarella na solução, pinta-se o papel sempre na direcção de cima para baixo de maneira a ficar uma camada bem igual, enxuga-se o excesso de solução que ficar na parte inferior do papel e em seguida secca-se a alguma distancia de um fogareiro de gaz ou carvão, mantendo-se sempre a posição primitiva.

Todas estas operações devem ser feitas com a possivel rapidez e ao abrigo da luz do dia; uma côr amarella escura indicará que o papel está bem secco.

Feito isto, corta-se nos formatos convencionados e só resta a imprimir como qualquer outro papel, mas á luz diffusa. A imagem estará bem impressa quando os detalhes forem bem visiveis, as sombras apresentem uma côr castanho escuro e os brancos conservem a côr amarella escura.

Para fixar a prova, banha-se em agua pura durante uma hora approximadamente; se juntarmos á agua um pouco de alumen, bem dissolvido para evitar manchas, serão apenas necessarios 10 minutos para esta operação.

Retira-se então da agua e passa-se á luz franca para uma nova tina contendo um banho de acido pyrogallico recentemente preparado; a pouco e pouco os detalhes augmentam de intensidade, as sombras tomam o tom e ao fim de alguns minutos a imagem apparece perfeita; lava-se em agua corrente e em 5 minutos estará a prova terminada.

Este processo deve sobretudo ser applicado aos clichés de effeito vigoroso e a imagem ficará nitida e de um effeito artistico, se for conveniente o tempo de exposição.

Não sendo de facil conservação o papel assim sensibilizado, o resultado será tanto melhor quanto mais rapidas forem as manipulações.

Colla para positivos em papel

Afim de evitar o inconveniente da curvatura das provas em seguida á sua collagem

sobre cartão, aconselhamos a seguinte nova formula que contém muito pouca agua, causa da mesma curvatura e recommendada no *Bulletin Belge*:

Gelatina ordinaria.....	2 partes
Agua.....	4 »
Alcool.....	8 »

O alcool é deitado lentamente na gelatina quando bem dissolvida em agua quente, mechendo continuamente afim de se obter uma mistura homogenea. Esta deve ser applicada ainda quente, pois que esfriando secca rapidamente, e deve haver ainda o cuidado de que a prova fique definitivamente assente á primeira vez no cartão, pois que é um excesso adherente.

Esta solução conserva-se indefinidamente em frascos bem rolhados, afim de evitar a evaporação do alcool, e aquece-se em banho-maria quando se quizer utilizar.

Como escrever em branco sobre as provas

Varios meios teem sido aconselhados, mas a pratica tem-nos demonstrado que o melhor consiste no emprego da seguinte formula:

Iodeto de potassa.....	2gr5
Agua.....	7cc
Iodo.....	ogr25
Gomma arabica.....	ogr25

Assim que o papel esteja secco, escolha-se a parte mais escura onde se escreve e logo que as letras se tornem amarellas immerge-se a prova n'um banho fixador durante um ou dois minutos, lavando-se muito bem em seguida.

Revelador de amidol e hydroquinone

O *Nord Photographe* indica a formula seguinte preparada em duas soluções e cujos resultados são excellentes:

A—Agua.....	1:000 cc.
Sulfito de soda.....	16 gr.
Amidol.....	5 gr.
B—Agua.....	1:000 cc.
Sulfito de soda.....	40 gr.
Hydroquinone.....	10 gr.

Revelam-se os clichés tomando da:

Solução A.....	16 cc.
» B.....	1 »
Agua.....	16 a 20 cc.

e, desejando-se acelerar a revelação, poderá juntar-se 10 a 30 gotas de solução saturada de sulfito de soda.

Modo de cortar provas

São varios os systemas empregados n'esta operação, que aliás, parecendo facil não o é, isto se quizermos que as provas depois de coladas apresentem um aspecto não só artistico mas agradável á vista.

Muitos amadores descuram esta quasi ultima operação, succedendo muitas vezes que algumas provas que teem verdadeiro merito o perdem em grande parte pela maneira como estão cortadas.

O córte da prova póde fazer-se quando secca ou humida, sendo no entanto preferivel o primeiro caso, mas havendo todo o cuidado em contar previamente com a elasticidade do papel, que se manifesta quando humedecido.

Para esta operação emprega-se a thesoura ou um canivete de bom aço e bem afiado ou ainda um rodete.

Além d'estes instrumentos cortantes são precisos os calibres-chapas de vidro despolido de um dos lados para mais facilmente adherirem á prova e tendo do outro lado uma pequena maçaneta. Ha-os de todas as dimensões correspondentes ás dos cartões.

O processo humido consiste em molhar previamente a prova em agua e adheril-a ao calibre segurando este pela maçaneta e cortando aquella com uma boa thesoura.

O resultado é bom, mas ainda assim o córte é muitas vezes aspero succedendo tambem haver o deslocamento da prova; só um habil profissional conseguirá o seu córte regular.

Para os amadores o processo a secco é o mais preferivel, assentando a prova antes ou depois da viragem quando secca sobre uma chapa de vidro podendo servir uma de qualquer cliché inutilizado, mas bem limpa, e sempre de dimensão superior á da prova que se pretende cortar, colloca-se em cima o calibre procurando-se sempre que a linha do horizonte seja paralela ao lado inferior ou superior ao cartão, toma-se um bom canivete e passa-se a folha d'este uma ou duas vezes suavemente encostada a um dos lados do calibre.

Para se conseguir cortar os quatro lados da prova é necessario que esta operação seja feita de pé sobre mesa que se possa torner ou que a chapa de vidro se volte facilmente para o lado do operador cada uma das vezes que se tiver de cortar um dos lados da prova; succede, porém, frequentemente o calibre deslocar-se, e não havendo attenção perder-se o paralellismo.

Como evitar este inconveniente ?

Inventou-se um apparelho que consiste em ter a chapa de vidro sobre rodizios obrigando-a a girar sobre si mesma. É na verdade bastante engenhoso, mas incommodo, pois que o vidro deverá ter um peso sufficiente que lhe permitta a estabilidade, além do que é necessario ter vidros conforme as dimensões que se pretendem obter e portanto torna-se um apparelho caro.

Para remediar estes inconvenientes cita o sr. George Boy um systema pratico fazendo

collocar a chapa de vidro sobre um livro brochado de pequeno formato, mas de dimensões sufficientes para garantir a estabilidade, colloca-se a prova a cortar debaixo do calibre e á medida que se deseje cortar um dos lados da mesma prova, gira-se com o vidro de fórma que nem o calibre nem a prova se possam deslocar.

Este systema que aconselhamos aos amadores não só é bastante simples e pratico, mas ainda não exige despeza alguma, dando no entanto bom resultado.

Maneira de obter as provas esmaltadas ou mates

O esmalte das provas em papel aristotypico tem, além de outras vantagens, a de fazer realçar os minimos promenores.

Muitos amadores diligenciam obtel-o, applicando as suas provas sobre chapas de vidro polvilhadas de talco ou de uma solução de parafina em benzina; mas não raro esta operação é mal succedida, e só depois de grande aprendizagem se alcançam resultados seguros.

Para obviar a este inconveniente indica a *Societé Photographique* de Dijon o seguinte methodo mais simples e mais pratico:

Emprega-se uma chapa de folha de ferro ou zinco, recoberta de uma camada de gomma laca, que facilmente se encontra em qualquer fornecedor de objectos photographicos; lava-se muito bem com uma pouca de agua e sabão, passando-a em seguida debaixo de uma torneira de agua até fazer desapparecer todas as impurezas.

Logo que as provas estejam promptas, serão immergidas durante um quarto de hora pelo menos n'uma tina de agua bem limpa e em seguida applicadas ainda humidas sobre a chapa indicada, tendo o cuidado de deixar a gelatina em contacto com a chapa.

Afim de obter adherencia perfeita, cobre-se a prova com uma folha de cartão mata-borrão, exercendo uma forte pressão com um rôlo de caoutchout; secca-se em seguida a uma temperatura moderada, nunca ao sol nem muito proximo do calor do lume, e logo que a prova esteja bem secca, o que se conhece passando-lhe a palma da mão, levanta-se um dos cantos com a ponta de um canivete, retirando-a então facilmente.

As provas mates são mais artisticas e obteem-se pelo processo seguinte:

Toma-se um vidro despolido muito fino e passa-se sobre a parte mate um pedaço de flanela imbebido de essencia de therebertina; em seguida limpa-se muito bem com outra flanela até não ficar vestigio algum da therebertina; applica-se então sobre a parte limpa a prova ainda humida e de preferencia debaixo de agua, afim de que se estabeleça a adherencia completa entre o vidro e a prova, terminando a operação como para as provas esmaltadas.



NO CABELLEIREIRO

Uma victima da questãõ religiosa...

PROBLEMAS

Num. 1 — As cidades A e B estão ligadas por caminho de ferro, o qual corre paralelo a uma estrada real. Uma carruagem parte de A no momento em que sae de B um comboio. Depois de ter cruzado com este, a carruagem gasta ainda 36 horas para chegar a B, e o comboio chega a A 9 horas depois de

ter encontrado a carruagem. Quantas horas levaram, a carruagem e o comboio, a percorrer a distancia A B.

Resoluções dos problemas do numero anterior

N.º 1 — 3 meninas e 4 rapazes

N.º 2 — 120^m — 270^m lados do rectangulo

N.º 3 — *Xadrez*

1. Ra. 4 T Ra.

1. R 4 B Ra.

2. Ra. 4 B Ra. mate

1. P 4 C Ra.

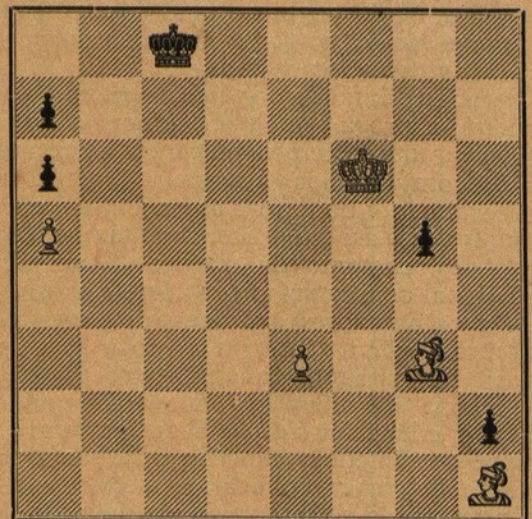
2. Ra. 4 Ra. mate

1. P 4 B Ra.

2. Ra. 8 T Ra. mate

PROBLEMA DE XADREZ

Num. 2 NEGROS (5 peças)



BRANCOS (5 peças)

Os brancos jogam, e dão mate em cinco lanços

BONUS AOS NOSSOS LEITORES

Por combinação particular entre as casas em seguida mencionadas e esta empreza, os nossos leitores poderão obter, contra a apresentação do respectivo annuncio, publicado nos **SERÕES**, um bonus de **5 por cento** sobre a importancia das compras que effectuarem n'aquelles estabelecimentos:

MODAS — **Lopes de Sequeira** — *Rua do Ouro, 285 a 293.*

ALFAYATERIA — **Pinheiro, Sobrinho** — *Rua de S. Julião, 83 a 87.*

CAMISARIA — **Pitta** — *Rua Augusta, 195 e 197.*

ARTIGOS DE NOVIDADE — **A Phenix** — *Rua do Principe, edificio do Avenida Palace.*